



LENHADOR

Bilionário



SÉRIE

LENHADORES APAIXONADOS

GWYN MCNAMEE

AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



LENHADOR

Bilionário



SÉRIE

LENHADORES APAIXONADOS

GWYN MCNAMEE

AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY

Table of Contents

[Início](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

GWYN MCNAMEE

LENHADOR *Bilionário*

Tradução: Thayna Azevedo dos Santos Valentim

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2023

Porto Alegre

Lenhador Bilionário

Copyright © 2022 Gwyn McNamee

Copyright da Tradução © 2023 Editora Five

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: One Minute Design

Tradução: Thayna Azevedo dos Santos Valentim

Revisão: Ana Valéria Razera

Preparação: Grupo Editorial Five

Diagramação: Carol Dias

Imagens de diagramação: Freepik e Flaticon

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McNamee, Gwyn

Lenhador bilionário [livro eletrônico] / Gwyn
McNamee ; tradução Thayna Azevedo dos Santos
Valentim. -- 1. ed. -- Porto Alegre : Grupo Editorial
Five, 2023. -- (Lenhadores apaixonados)
ePub

Título original: Billionaire Lumberjack
ISBN 978-65-85185-12-7

1. Romance norte-americano I. Título. II. Série.

23-149354

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Sumário

[Início](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)



Capítulo 1

Beau

O telefone na minha mão deve ser de boa qualidade, porque, do jeito que estou apertando meus dedos em torno dele, qualquer outro mais vagabundo já teria cedido sob a tensão. Meu aperto é tão forte que meus dedos realmente doem, mas isso não me impede de transferir minha raiva e frustração para o plástico.

— Eu te pago o suficiente para comprar um pequeno país e não ter que lidar com essa merda, Nate.

Trabalhando para mim por quase duas décadas, neste ponto ele já deveria ter entendido que isso não é algo com que deveria estar me incomodando. Especialmente hoje, com esta enorme tempestade caindo na montanha como um trem de carga desgovernado.

— *Sinto muito, senhor, mas não sei se desta vez posso lidar com isso sozinho. O conselho está ficando... inquieto. Estamos chegando ao décimo aniversário, e temo que você terá um motim em suas mãos se não cuidar disso pessoalmente.*

Gemo e esfrego minha mão livre no rosto. A barba de vários meses arranha minha palma calejada.

Merda. Quando foi a última vez que me barbeei?

Minha capacidade de não dar a mínima para a aparência é apenas uma das muitas razões pelas quais o que Nate está pedindo está fora de questão. Se eu fosse comparecer à reunião anual, teria de me vestir bem. E de jeito nenhum estou disposto a me limpar e vestir um terno de dez mil dólares só para impressionar um bando de idiotas que pago para administrar *minha* empresa.

Uma das vantagens de ser o chefe é poder fazer o que eu quiser, quando eu quiser. É algo que Nate parece incapaz de compreender neste momento.

— Estou pouco me fodendo, Nate. Lide com isso ou vou encontrar alguém que consiga.

Não deveria ser tão difícil, sério. O conselho conseguiu passar muito bem sem a minha presença física por muito tempo. Tudo o que eles precisam fazer é assinar os planos e o orçamento para o novo ano e, em seguida, tudo voltará aos negócios como de costume. O fato de estarem incomodando Nate com isso é apenas um reflexo do clima atual.

Estão nervosos com a possível nova legislação e como isso pode afetar seus resultados. As coisas estão indo tão bem nos últimos dez anos que eles se acostumaram desse jeito. E, agora, todo mundo quer mais, fazendo menos. Achem que os bilhões fluindo para os cofres — e, finalmente, para seus bolsos — devem vir sem levantar um maldito dedo e, de alguma forma, acham que minha entrada em uma reunião para mostrar meu rosto impedirá que o governo interfira em nosso modo de fazer negócios.

Filhos da puta preguiçosos!

Já trabalhei pesado o suficiente na vida para saber que, às vezes, um pouco de trabalho duro e suor, juntamente com paciência e alguns telefonemas no momento exato para as pessoas certas, obtêm resultados ainda melhores, e isso é tudo o que é necessário agora. O estresse deles é em vão. Tudo será tratado como sempre foi sob minha gestão — e sem minha presença.

Algumas ligações, algumas promessas, algumas concessões — isso é o suficiente para garantir que novas leis aprovadas não nos tirem do mercado.

Quer os grupos ambientais gostem ou não, eles precisam do que fornecemos. O negócio crescerá exponencialmente no futuro, desde que mantenhemos o curso traçado muito antes de eu assumir o comando. Enquanto eu continuo aqui, a milhares de quilômetros de besteiras, puxa-sacos e pompa da sala de reuniões.

Pago muitas pessoas para garantir que tudo corra bem sem que eu tenha que deixar este lugar, e não pretendo mudar isso tão cedo — algo que Nate está mais do que ciente. O fato de ter se incomodado em ligar para levantar a questão mostra como as coisas estão complicadas, mas também tenho confiança de que ele pode resolver isso.

Nate pigarreia, nervoso.

— *Vou ver o que posso fazer, chefe. Talvez se eu falar com o Sr. Black e o Sr. Dietrich em particular, eu possa influenciá-los e virar o jogo.*

— Não me importo com o como, apenas faça. Você sabe que não vou lá. Nem agora, nem nunca. — Termina a ligação e largo o telefone com um pouco mais de força do que pretendia.

O copo de Bourbon na minha mesa chacoalha, solto um suspiro profundo e tomo o que restou em um só gole. Um calor picante e reconfortante desliza pela garganta e inflama o estômago. Mas isso não diminui o aborrecimento que percorre meu corpo por ter que lidar com isso enquanto a tempestade se aproxima.

Olho pela janela para a neve caindo levemente — quieta, pitoresca, quase calmante. Para quem não está familiarizado com a maneira como o clima funciona na cordilheira Okanogan, pode até não ser motivo de alarme, mas estou aqui há tempo suficiente para saber que é um prenúncio de algo muito maior — literalmente — no horizonte.

Vou precisar de outro desses para ajudar a me manter aquecido antes de ir para fora. Vai ser uma verdadeira tempestade, e não há muito tempo antes que ela caia completamente.

Pode levar dias ou semanas antes que eu possa sair daqui para conseguir qualquer tipo de suprimentos e, com certeza, ninguém virá aqui para me trazer nada — eu projetei dessa maneira.

Beleza perfeita em perfeito isolamento.

Mas isso significa que preciso ter certeza de que tudo está protegido e que tenho um estoque extra grande de lenha antes que a tempestade fique intensa lá fora para fazer isso. O fogo crepitante, na enorme lareira de pedra no centro da sala de estar, é a única coisa que mantém este lugar aquecido agora. Se não continuar queimando, ficará muito desconfortável rápido demais. E, uma tempestade como essa, pode esgotar meu estoque habitual mais rápido do que o normal.

Empurro a cadeira para trás da mesa e vou até o pequeno bar no canto com o copo vazio, meu foco nos flocos de aparência inofensiva do lado de fora.

Por alguma razão, sempre parece muito tranquilo antes de piorar intensamente. É assim com a Mãe Natureza e na vida. Uma lição que gostaria de nunca ter aprendido e poderia facilmente esquecer.

Minha mão treme quando pego a garrafa e me sirvo de outro duplo.

Merda.

A ligação me deixou todo agitado — algo que evito como uma praga. Agora, meu peito aperta e velhas feridas voltam à vida, dor fantasma percorrendo o corpo.

Sangue.

Gritos.

Olhos arregalados e aterrorizados.

Implorando por ajuda.

Fecho os olhos em um aperto, engulo a bebida e cerro os dentes contra a queimadura.

Não há tempo para distrações, como memórias dolorosas ou problemas que podem se resolver sozinhos.

Derrubar uma árvore servirá como um propósito duplo hoje — alívio do estresse e necessidade. Nada como cortar algo em pedaços para ajudar a esquecer as dificuldades e atribulações do mundo “real”. Aqueles que deixei para trás e esperava que já tivessem desaparecido completamente da minha vida.

Mas não tenho tanta sorte.

Aprendi isso há muito tempo, da pior maneira possível.

Tem muita gente que acredita que tenho sorte, que tive sorte. Mas eles estão errados. As coisas que vêm facilmente não são reais ou não valem a pena, e não existe sorte. Você faz a sua própria sorte, ou pelo menos eu, desde que aquela dura lição me transformou em quem sou hoje.

E não pretendo repetir nenhum erro do meu passado.

Contanto que eu possa ficar trancado aqui em meu mundinho, isso pode ser uma possibilidade.

Ando do meu escritório para a sala de estar, passando pelo fogo ardente que preciso alimentar. Ele acena para mim, e tudo que quero fazer é cair na poltrona de couro em frente a ele, apoiar meus pés e desfrutar de outra bebida e um charuto enquanto a tempestade ruge ao redor. Mas a pilha de madeira ao longo da lateral da casa certamente não será suficiente se a Mãe Natureza pretende despejar o que o meteorologista previu.

Depois de mais um olhar ansioso para o local quente perto do fogo, calço minhas botas, pego a parca no gancho ao lado da porta da frente e saio para o frio da tempestade que se aproxima. Flocos de neve chicoteiam ao meu redor com o vento crescente, batendo na pele exposta em meu rosto e mãos. Puxo o capuz para bloquear o máximo que posso, tiro as grossas luvas de trabalho de couro do bolso e cubro as mãos, então pego o machado encostado perto da porta.

Olá, meu velho amigo...

O peso familiar em minha mão serve como um bálsamo calmante, ajudando a aliviar parte da tensão em meu corpo causada pela ligação de Nate. Ficar agitado não é bom para mim. Faço coisas questionáveis que não posso voltar atrás. É uma das razões pelas quais morar aqui sozinho é mais seguro... para todos.

Mas, só de saber que vou trabalhar um pouco da minha agressividade em um pobre e desavisado pinheiro, do outro lado da clareira nos próximos minutos, é o suficiente para quase apagar as memórias que ameaçam dominar e me levar a um caminho que percorri há mais de uma década. Nunca vou

voltar para lá, nunca mais voltarei para aquela vida ou para a pessoa que eu era.

Hora de destruir algo.



Brooke

Maldita seja a Mãe Natureza!

Uma vadia sem coração. Esta tempestade não deveria cair até amanhã, o que me daria bastante tempo para me acomodar na cabana e me aconchegar antes que o inferno começasse, mas os flocos caindo mais rápido e mais grossos sugerem que, ou o meteorologista é péssimo em seu trabalho, ou que a Mãe Natureza decidiu foder comigo — de novo. Como se não fosse ruim o suficiente meu plano inicial de sair do país ter sido cancelado devido ao mau tempo em Seatac.

Ela, definitivamente, está fodendo comigo, me fazendo pagar o preço por algum desprezo desconhecido — provavelmente porque uso canudos de plástico e isopor.

Tudo bem, já entendi! Eu me rendo!

Qualquer coisa que impeça esta maldita tempestade agora. Porque o clima não é o único problema iminente.

Old Blue, como chamo meu carro, também não parece querer cooperar.

Aquela pequena e idiota luz do motor está acesa há mais de uma hora, mas aqui fora, não há nenhum lugar onde eu possa parar e dar uma olhada. Minha única esperança é chegar à cabana de Colleen antes que tudo dê errado de vez. Então, poderei me acomodar e me aquecer enquanto espero a tempestade passar. Não é como se eu fosse precisar dele por agora, de qualquer maneira. E, quando finalmente precisar, posso chamar alguém para rebocá-lo até uma oficina.

— Por favor, Old Blue, não morra agora. — Estendo a mão e esfrego o painel do velho Jeep. Está por um fio há tanto tempo que é uma maravilha que tenha subido esta maldita montanha.

Provavelmente teria sido sensato evitar declives íngremes e escorregadios e acúmulo de neve em um velho soldado como este, mas não era como se eu tivesse muita escolha. A cabana é minha única opção agora. E não vai ser tão ruim...

Sentada perto de uma fogueira sem outra alma por centenas de quilômetros... uma pilha de livros ao meu lado. A beleza da natureza é minha única companhia. Parece o paraíso absoluto. E nem imagino quantas fotos lindas poderei tirar na montanha, principalmente depois dessa nevasca. Estou tão pronta para isso.

Se eu conseguir chegar lá...

A viagem ao norte de Seattle foi longa — e isso não é exatamente uma coisa ruim, dadas as circunstâncias —, mas parece que estou nessa estrada desde sempre, e tudo parece igual aqui. No momento — branco. Tudo é branco pra caramba.

A falta de GPS do Old Blue e a cobertura de telefone de merda significam que recorri ao mapa de papel no banco do passageiro, e já faz mais de uma década desde que usei um desses.

Merda. Espero não ter perdido o retorno. Seria meu fim.

O motor faz barulho e engasga como se estivesse dando seu último suspiro.

— Oh, não, não ouse. — Outro estalo. Outro engasgo. — Não! Não! Não! Agora não! — Bato no painel, como se isso realmente fosse ajudar a manter esse pedaço de merda funcionando. Mas tratá-lo bem não parecia me levar a lugar nenhum. Às vezes, você precisa ser um pouco agressivo para fazer as coisas acontecerem, pelo menos é o que ouvi. Normalmente, deixo isso para outra pessoa enquanto fico para trás e espero que tudo se acalme. Evitar o confronto é mais meu estilo, mas Old Blue está pedindo por isso hoje.

E mais um barulho soa, para minha condenação.

Old Blue morre com minhas mãos ainda segurando o velho e rachado volante.

— Porra! — Paro no meio da estrada estreita e coloco minha testa contra o volante. A buzina soa e levanto minha cabeça.

Merda. Que susto do caralho.

Uma forte rajada de vento sacode o carro e, sem o calor que sai das aberturas, o ar gelado de fora me alcança, diretamente para minha jaqueta e jeans completamente inadequados para o clima.

Porra, está frio lá fora.

Se eu abrir a porta, vou congelar até a morte. Não tive tempo de parar e estocar equipamentos para atividades ao ar livre. Tive que sair. Além disso, pensei que estaria na cabana muito antes de a tempestade chegar e, Colleen me garantiu que as estradas não eram ruins, desde que não nevasse.

Desde que não nevasse...

Este trem definitivamente já deixou a estação e pode ter levado minha chance de sobrevivência com ele.

Minha única esperança é conseguir alguém aqui fora para me pegar.

Preciso pedir ajuda — urgente.

Enfio o mapa inútil no chão, vasculho minha bolsa em busca do telefone e o pego. Meu coração afunda quando o ar gelado no carro me dá um arrepio.

Não, não, não, não.

Sem sinal.

Claro que está sem sinal.

Mais uma coisa para me ferrar. Estou tão longe nesta montanha esquecida por Deus que aposto que não há eletricidade, nem água corrente. É, verdadeiramente, no meio do nada — a área que mamãe e papai sempre brincavam que era apenas para reclusos e terroristas se esconderem quando não queriam ser encontrados.

Parecia ideal na época em que Colleen ofereceu a casa de sua família. Mas agora... estou repensando essa decisão, junto com quase todas as outras que tomei nos últimos três anos que levaram a isso em primeiro lugar.

Sem carro. Sem aquecedor. Sem telefone.

Sem um pinga de esperança.

Pressiono meu rosto contra a janela para tentar escanear os arredores em busca de qualquer sinal de vida, mas a neve rodopiante lá fora torna tudo

praticamente um branco.

MERDA!

Sair deste jipe é a última coisa que quero fazer, mas morrerei dentro deste velho caixão de metal azul congelado se não encontrar ajuda.

Puxo minhas luvas finas, coloco o capuz sobre a cabeça, abro a porta e saio para a neve com minhas botas. Pelo menos tenho algo quente nos pés, mas a falta de uma jaqueta pesada de inverno, algum tipo de segunda pele ou calça térmica, faz meu corpo querer desabar no ar frio.

Modo de sobrevivência, Brooke.

Manter a cabeça no lugar e manter o foco é essencial neste momento. Questão de vida ou morte. Tem sido desde o momento em que saí da garagem.

Me viro e examino o horizonte do lado oposto da estrada. Nada além de neve branca e árvores altas e verdes até onde meus olhos podem ver.

PORRA!

Voltar ou seguir em frente — essas são minhas opções.

Mas sei o que está atrás de mim. Um grande nada por muito tempo. Havia algum tipo de sinalização de uma madeireira, mas isso foi há horas. Nada desde então. Nem um único sinal de vida. Pelo que sei, o mesmo pode estar à frente nesta estrada quase imperceptível. Se não fosse pela brecha nas árvores à minha frente, eu nem teria certeza de que havia *mais* estrada.

Olho para lá e paro, uma pequena onda de esperança quente enchendo meu sangue. Um fino fio de fumaça cinza sobe das árvores ao longe — quase invisível através do turbilhão de neve, mas está lá.

Onde há fumaça, há fogo — ou seja lá qual é o ditado. Alguém tem que estar lá. Mas não faço ideia de onde fica ou que distância terei que caminhar para alcançá-lo.

Old Blue ou o desconhecido?

Não há muita escolha, na verdade. Posso não saber muito sobre lugares desertos já que passei toda minha vida na cidade, mas sei que sentar em um veículo morto em uma tempestade de neve, quando você sabe que não há nada por perto e nenhuma esperança de resgate, é uma sentença de morte.

O único lugar para ir é em frente. Enfio a mão no carro, pego minha bolsa, fecho a porta com força, tranco-a e começo a caminhar em direção aos tentáculos de fumaça. Deixar para trás o resto das minhas coisas, incluindo toda a minha comida e suprimentos para a cabana, é uma droga, mas não há como carregar nada disso de qualquer maneira. A garrafa de água e as barras de proteína na minha bolsa terão que me sustentar até que eu alcance aquela fumaça... e, com sorte, alguma ajuda.

O vento não parece apreciar minha decisão, no entanto. Me bate de lado, ameaçando me derrubar na neve alta ao redor.

Como diabos o Old Blue conseguiu chegar tão longe nesta estrada?

Olhando em volta agora, acho que não teria ido muito mais longe, já que não tenho correntes nos pneus e a neve está se acumulando rapidamente.

Sim, você planejou isso muito bem, Brooke. Ótimo trabalho.

Me arrasto pela neve, mantendo meu rosto inclinado para baixo contra a dor aguda de cada floco que atinge minha pele. Quanto mais me aproximo da fumaça, mais a floresta se fecha ao meu redor. Onde quer que o fogo esteja, não está nem perto da estrada. Vou ter que passar por entre as árvores se quiser encontrá-lo.

Simplesmente brilhante.

Mas pelo menos as árvores podem bloquear um pouco desse vento. Meus dedos já estão congelando e, apesar do calor que minhas botas têm fornecido até agora, não acho que sejam altas o suficiente para evitar que a neve caia sobre meus tornozelos.

Os músculos das minhas pernas queimam a cada passo difícil que dou — meus sapatos grudando na neve cada vez mais profunda. É mais um lembrete de como estou fora de forma. Quando puder, finalmente, voltar para a civilização, a primeira coisa que vou fazer é entrar em uma academia.

Quer dizer, se eu voltar.

Chego ao ponto em que as árvores se tornam densas e paro para dar uma última olhada em Old Blue antes de dar outro passo.

Adeus, velho amigo. Espero te ver em breve.

Virar as costas para ele seria assinar minha sentença de morte, mas

também seria se eu ficasse. Não há nenhuma boa escolha aqui. Então... eu caminho.

E caminho.

E caminho.

É mais como cambalear.

Minhas pernas ficam cada vez mais pesadas.

Minha respiração fica mais curta e mais forte.

Tecendo o caminho através de árvores altas que oferecem muito pouco como proteção contra a neve e o vento, como imaginei.

Minhas mãos ficam dormentes.

Então, os dedos dos pés.

Não consigo mais sentir meu rosto.

E, dentro das árvores, perdi todo o senso de direção e não consigo mais ver a fumaça. Posso estar andando em círculos.

Ai, Deus... vou morrer aqui. Congelada e sozinha.

Deixaria as lágrimas queimando meus olhos rolarem, se elas não fossem apenas congelar no rosto, o tornando ainda mais frio. Os humanos não foram projetados para viver e sobreviver neste tipo de clima. O fato de haver algum sinal de vida aqui é um maldito milagre. No entanto, parece que estou andando em círculos há horas, sem nenhuma indicação de que estou indo em direção à única dica de outra pessoa viva aqui em cima.

Tunk.

O barulho atinge meus ouvidos e paralisa meus pés.

O que é que foi isso?

Tunk.

Fico imóvel e escuto para determinar a direção do som, mas o sangue correndo em meus ouvidos torna quase impossível decifrá-lo.

Tunk.

Tunk.

À frente. Está vindo bem na minha frente. Me forço a seguir em frente em direção ao barulho. Grosso e pesado, ecoa em torno das árvores sobre o som delas rangendo ao vento.

Tunk.

Tunk.

Tunk.

O que é aquilo?

Não importa. Algo está fazendo esse som. Se for um animal selvagem, que seja. Ser comida viva aqui pode ser uma maneira melhor de morrer do que congelar até a morte.

Tunk. Tunk.

O som fica mais alto à medida que avanço, passo por mais algumas árvores e saio para uma pequena clareira.

Uma pessoa alta e de ombros largos em um casaco escuro está de costas para mim.

Ai, meu Deus! Uma pessoa!

A alegria que percorre meu corpo morre lentamente quando a pessoa se vira para mim. Olhos duros, escuros e selvagens encontram os meus. Meu coração para no peito e o medo envolve minha espinha. O homem levanta um grande machado, brilhando com sangue.

Congelar e ser devorado por um animal selvagem, aparentemente não são as únicas maneiras de morrer por aqui.

Vou ser cortada em pedaços por esse assassino psicopata.



Capítulo 2

Bran

— Você só pode estar brincando comigo.

De onde diabos ela veio?

Mesmo enquanto estava cortando esta árvore e depois com o som do esquilo que passou correndo, pude ouvi-la se aproximar. Os passos atrás de mim não eram de alguém que tinha a menor ideia de como passar despercebido, então, estava preparado para enfrentar qualquer um que aparecesse. Mas, quando ela saiu da linha das árvores e me virei para encará-la, eu definitivamente não esperava a pequena loira com grandes olhos verdes. Ou que ela cairia na neve ao seu redor no momento em que nossos olhares se encontrassem.

Bem, merda.

Jogo meu machado na base da pilha de toras que fiz e corro até ela. A neve não facilita, mas quando chego lá, coloco-a de costas para ter certeza de que está respirando. Seu peito subindo e descendo me traz alívio, inundando meu corpo.

Até ver o que ela está vestindo.

Mas que diabos?

Casaco de peso médio. Jeans. Botas pela estética, não pela função.

Luvás finas. Nada cobrindo suas orelhas ou cabeça, exceto o capuz frágil. Ela é louca por vir aqui vestida assim em um dia bom, imagine durante uma tempestade como esta.

Ela está literalmente congelando..., agora, inconsciente.

Merda.

Esta é a última coisa de que preciso enquanto estou me preparando para ficar na toca durante a nevasca iminente. Olho para trás, através das árvores na direção de onde ela veio.

Como diabos ela veio parar aqui, afinal?

A estrada — se é que se pode chamá-la assim — fica três quilômetros a sudeste daqui, e alguns bosques e terrenos bastante densos a separam de onde estamos agora. Seria uma caminhada terrível para alguém preparado, quanto mais para alguém vestido assim neste clima.

A Bela Adormecida deve ter algum instinto de sobrevivência sério para chegar até aqui. E, por mais chateado que esteja com a invasão, não vou deixar a garota morrer estando comigo. Já houve muitas mortes desnecessárias. Perda demais. Ela não será mais uma. Não se houver alguma coisa que eu possa fazer para salvá-la.

Deslizo meus braços sob seu corpo pequeno e facilmente a levanto da neve. Seu peso morto se acomoda contra meu peito e uma rajada de vento nos atinge com flocos de gelo.

Memórias vêm com isso... girando em minha cabeça do jeito que a neve faz ao nosso redor.

Outro corpo em meus braços.

Uma luta desesperada para sobreviver.

O olhar da morte me encarando.

Cerrando minha mandíbula, afasto as visões e me concentro no momento atual. Preciso aquecê-la e acomodá-la na cabana, depois voltar aqui para pegar a lenha antes que fique muito ruim aqui fora para vir buscá-la. Embora esteja acostumado com o clima desagradável daqui, isso não significa que eu queira ficar preso do lado de fora durante merdas como esta.

E embora tudo o que eu queira seja desaparecer aqui e fingir que o

resto do mundo não existe, parece que o destino tem outros planos. Não há mais ninguém para ajudá-la.

O peso muito real da situação repousa sobre meus ombros, e olho para o corpo flácido em meus braços.

Cristo.

Faz tanto tempo que não vejo uma mulher, que quase me esqueci de como são lindas. Pele macia e pálida, lábios perfeitos, cílios grossos e escuros espalhados por suas maçãs do rosto altas e avermelhadas pelo vento. Quase me faz sentir falta de fazer parte do mundo.

Quase.

Mas a tonalidade levemente azulada em seus lábios e um grande movimento da minha cabeça me trazem de volta à realidade.

Saia da porra da sua cabeça e mexa-se, idiota.

A neve não vai diminuir tão cedo, e só vai piorar quanto mais tempo eu ficar aqui olhando para esta pobre mulher como um idiota de merda. Isso é o que acontece quando alguém vive sozinho tanto quanto eu — fico perdido em minha própria cabeça por muito tempo sem sair.

Caminho através da crescente neve em direção à cabana, lutando contra o vento brutal e mordendo a neve a cada passo. No momento em que a avisto do outro lado da clareira, é praticamente um blecaute. De jeito nenhum ela teria sobrevivido ou sido capaz de encontrar a cabana se não tivesse tropeçado em mim.

Já pode ser tarde demais.

Tudo o que posso fazer agora é tentar aquecê-la e esperar que o xerife suba a montanha para levá-la à clínica da cidade para um tratamento de verdade antes que fiquemos completamente cobertos de neve.

Fazendo malabarismos com seu peso morto em meus braços, abro a porta e vou direto para a lareira, ignorando a neve caindo de minhas botas e roupas no chão de pinho que coloquei, lixei e finalizei com minhas próprias mãos.

O calor do fogo oscilante na lareira me atinge — um alívio bem-vindo do vento forte do lado de fora —, mas apenas acentua o quão fria a garota em

meus braços realmente está. E suas roupas encharcadas não estão fazendo nenhum favor a esse respeito. Se eu as mantiver nela, ela ficará hipotérmica, se é que já não está.

A coloco no tapete em frente ao fogo e um pequeno gemido escapa de seus lábios ainda azuis — o primeiro vislumbre de vida vindo dela desde que desmaiou do lado de fora. É um bom sinal — pelo menos está respirando e pode estar recuperando a consciência, mas, definitivamente, não significa que está fora de perigo ainda. Nem de longe.

A vida é passageira e frágil, e não vou deixá-la morrer em minha casa enquanto fico sentado à toa assistindo. O corpo começa a tremer, arrepios enormes percorrendo seus membros.

Merda.

Tiro minhas luvas e puxo a bolsa grande e pesada amarrada em seu corpo, sobre sua cabeça, para colocá-la de lado. Minhas mãos pairam sobre o zíper de sua jaqueta.

Porra. Ela está desmaiada e estou tirando sua roupa...

Meu peito aperta e cerro minhas mãos para impedi-las de tremer. Tudo o que meus pais me ensinaram sobre ser um cavalheiro, sobre como tratar uma mulher, grita de algum lugar no fundo da minha mente. Despir uma mulher enquanto está inconsciente certamente não está no topo dessa lista.

Isso é diferente, Beau. Uma emergência.

Apesar de minha cabeça saber disso, meu corpo parece não querer cooperar. As mãos não querem se mover para o zíper. Elas vibram violentamente no espaço entre meu corpo e o dela. As sacudo e aperto novamente, tentando recuperar o controle de meus membros.

Se alguém naquela sala de reuniões me visse assim — desmoronando por causa de algo tão simples — definitivamente não ficaria confortável comigo ainda à frente da empresa. Se eles soubessem que merda eu sou, o golpe que Nate está preocupado seria uma coisa certa.

Os nervos que se danem. Não tenho escolha.

Roupa molhada significa um corpo frio. É simples assim. Essas roupas têm que sair.

Só espero que ela entenda isso quando finalmente acordar.

Consigo tirar a jaqueta e as botas molhadas. Pelo menos a camiseta de manga comprida esticada em seu peito parece seca, mas, então, meus olhos se desviam para seus jeans encharcados. Eles precisam ser removidos.

Cristo, quem teria pensado que a primeira vez que eu tiraria a roupa de uma mulher em uma década seria assim?

— Sinto muito, querida. — Minhas palavras sussurradas ficam sem resposta. Além de respirações suaves e curtas escapando de seus lábios, ela ainda não responde.

Abro o botão em seu cós, abaixo o zíper, então luto com suas pernas enquanto tiro a calça jeans. Evito de olhar a calcinha enquanto removo as roupas molhadas e as jogo em uma pilha ao lado da lareira. É apenas o primeiro passo, no entanto. Sua temperatura corporal está perigosamente baixa, sua pele exposta é fria ao toque e assustadoramente pálida. Pego o cobertor pesado da cadeira em que costumo sentar todas as noites e a envolvo nele, posicionando-a o mais perto possível do calor das chamas.

Preciso ligar para o xerife.

Não há como saber se a coloquei para dentro e a esquentei a tempo. Ela pode precisar de tratamento médico sério, algo que, definitivamente, não posso fazer no topo de uma maldita montanha. Me levanto, corro para o escritório e pego o telefone onde o deixei sobre a mesa.

Porra.

Sem serviço.

A tempestade deve ter derrubado a única torre de sinal que, às vezes, chega até aqui. É uma das muitas razões pelas quais este lugar é perfeito — em quaisquer outras circunstâncias. Nunca pensei muito no que aconteceria se realmente tivesse uma emergência sozinho na montanha e estivesse em qualquer lugar longe de casa. Talvez porque nunca me importei muito com o que aconteceria comigo, mas a vida dessa garota está em jogo. Então, a única coisa que posso fazer é tentar localizar o xerife no rádio.

Sempre tenha um backup e esteja preparado.

É uma das lições que meu pai garantiu que eu entendesse enquanto

crecia, uma que sempre me serviu bem. Nunca pensei que teria que usá-la em uma situação como esta.

Pego o rádio de emergência, verifico se está no canal correto e aperto o botão de falar.

— Departamento do Xerife, aqui é Beau.

A estática estala de volta para mim por um momento.

— *Departamento do Xerife do Condado de Okanogan. Nós escutamos você.*

— Estou na montanha e acabei de encontrar uma mulher vagando na mata, no meu terreno. Ela desmaiou e eu a trouxe para casa. Pode ser que esteja hipotérmica e a tempestade já nos atingiu aqui. — Um silêncio momentâneo persiste. Normalmente, aprecio o silêncio aqui, mas tudo que quero agora é ouvir o despachante me dizendo que eles estão enviando alguém.

A linha estala novamente; a voz que vem desta vez não é a despachante feminina.

— *Beau, é o xerife Roberts. Infelizmente, até que essa tempestade passe, não podemos subir aí. As estradas já estão bloqueadas aqui e, mesmo que consigamos um helicóptero de Brewster, não há como voarem aqui. Eles estão dizendo que a tempestade pode durar alguns dias. E você sabe que chegar ao seu lugar não é exatamente fácil, mesmo com bom tempo. Você vai ter que cuidar dela aí em cima sozinho.*

Merda.

Bip.

— *Beau? Você consegue lidar com isso?*

Ele sabe que posso.

Já lidei com coisas muito piores em minha vida e consegui me manter vivo sozinho nesta montanha por mais de uma maldita década — com sangue, suor e lágrimas.

Engulo em seco e aperto minha mão ao redor do rádio para obter minha resposta entre os dentes cerrados.

— Sim.

Bip.

— *Você tem alguma informação sobre ela?*

— Ela está inconsciente agora. Não vasculhei suas coisas. Falo com ela quando estiver acordada e aviso você.

Bip.

— *Se a tempestade amenizar, chegaremos aí o mais rápido possível.*

Merda. Merda. Merda.

Devolvo o rádio à estação de carregamento e volto para a sala. Ela não se moveu de sua posição em frente ao fogo, mas mesmo do outro lado da sala, ainda posso vê-la tremendo.

Ainda está gelada.

Engolindo o mal-estar, vou até a lareira e me abaixo no tapete atrás dela. Minhas malditas mãos tremem de novo quando as estendo, pego-a em meus braços e a trago o mais perto possível contra o meu corpo.

Se eu não a aquecer, ela pode nunca acordar.



Brooke

Um calor escuro e pesado me envolve. É como se afogar em águas escuras como breu, só que não está congelando como deveria. É reconfortante. Seguro. Um lugar onde quero ficar. Flutuando infinitamente no abismo sem fim da escuridão. Envolta em seu calor e aperto seguro. É uma mudança muito bem-vinda em relação ao que o mundo tem sido — gelado e aterrorizante. Um frio profundo e arrepiante que parecia envolver tudo e entorpecer minha mente. De alguma forma, acabou. Levado para longe para ser substituído por este...

Breves flashes de sensação abrem caminho através da escuridão.

Braços fortes...

Algo áspero roçando minha pele...

O cheiro de pinho, neve e o ar fresco do inverno...

Uma pitada de fumaça de charuto...

Calor vibrando contra o meu pescoço...

Então, desaparece de novo e sou sugada de volta para a escuridão.

Volto à superfície novamente, para um travesseiro de penas macio pressionado ao lado do meu rosto e aquele cheiro amadeirado invadindo cada respiração.

Espera...

Algo não está certo.

O cheiro típico de comida gordurosa de café da manhã sendo preparada na lanchonete ao lado do meu apartamento desapareceu pela primeira vez em anos. E é tranquilo demais. Os sons barulhentos habituais da rua movimentada três andares abaixo foram substituídos por ventos uivantes e algo rangendo do lado de fora.

Rolo de costas e me espalho... em uma cama que é muito grande. Na minha queen, meus braços e pernas podem alcançar as laterais, mas esta tem muito mais espaço.

Merda. Onde diabos estou?

Me empurro para cima no colchão e, o pesado edredom e os cobertores que me cobrem, caem em uma pilha em minhas pernas dobradas sob eles.

Minhas pernas nuas.

Onde diabos estão minhas calças?

Meu foco imediatamente gira em torno da sala desconhecida. Toras grossas compõem as paredes, o teto e o chão, e foram usados para construir a enorme cama em que agora estou deitada e que definitivamente não é minha.

Como cheguei aqui... onde quer que seja?

Aperto meus olhos fechados e tento limpar a névoa que envolve meu cérebro.

Dirigindo...

Flashes de neve brilhante...

Barulhos altos e estranhos...

Old Blue engasgando e morrendo...

Fumaça ao longe...

Caminhando pela maldita neve e pelas árvores sem fim...

Frio.

Tanto frio.

E então...

A memória não vem à tona imediatamente, essa estranha imprecisão cobre e me envolve, tentando me impedir de ver o que está ali. Coloco minhas mãos no edredom e tento me concentrar.

Olhos duros e escuros.

Ai, meu Deus!

O lenhador psicopata com o maldito machado!

Um suspiro escapa de meus lábios e coloco a mão sobre minha boca, caso ele esteja por perto e possa me ouvir. Pode estar em qualquer lugar. Tudo depois de pisar nessa clareira é um absoluto branco — breu. Nem mesmo vislumbres do que aconteceu entre antes e este momento vêm à mente. E, agora, estou seminua em uma cama.

O que diabos ele fez comigo?

Arrasto o edredom de volta ao meu redor como se fosse algum tipo de escudo protetor que impediria que qualquer mal chegasse a mim. Se ao menos isso fosse verdade. Se fosse assim tão simples, as coisas seriam muito diferentes agora. Mas não posso perder tempo saboreando o conforto macio da cama ou sonhando com o que poderia ter sido em algum mundo alternativo onde as coisas não tentam me machucar. Em vez disso, concentro minha atenção na porta fechada.

Há apenas uma entrada para a sala. Só há uma maneira de ir e vir daqui. Ele pode chegar a qualquer momento. Meu coração troveja contra minha caixa torácica, minha respiração é curta e irregular.

Sem pânico. Fica calma.

Se entrar em pânico, posso dar a ele uma vantagem e perder minha chance de escapar desse psicopata que já fez sabe Deus o que comigo enquanto estive inconsciente.

Aqui, pensei que estava indo para algum lugar seguro, que a cabana de Colleen seria um refúgio e um momento para pensar e me reorganizar.

O quão errada estava.

Mas não vou deixar que quem quer que seja esse monstro fazer o que quiser comigo. Não cairei sem lutar. Examinando a sala em busca de qualquer arma, meus olhos pousam em um vaso branco e azul em uma pequena mesa perto da porta.

Fino e delicado, parece completamente deslocado nesta cabana de madeira no deserto acinzentado. E é minha única opção real, já que o resto do quarto é decorado de forma esparsa em marrom escuro e vermelho, com apenas uma mesa de cabeceira, uma cômoda, uma cadeira e a mesinha onde fica o vaso — e a cabeça de algum tipo de urso da montanha acima da porta.

Definitivamente, os aposentos de um homem rude e sem classe que estupra e mata mulheres jovens que tropeçam nele enquanto ele corta as vítimas na floresta.

Tiro as cobertas e piso no chão frio de madeira com as pernas trêmulas e instáveis. O ar frio batendo na pele nua da minha metade inferior. Parece que estou sendo atingida por uma explosão ártica, depois de ser enrolada sob tantas camadas de cobertores. Isso envia um arrepio por todo o meu corpo, seguido por uma dor profunda nos ossos. O que quer que tenha acontecido antes de eu chegar aqui, me afetou fisicamente. Cada músculo queima, e parece que toda a energia foi eliminada do meu corpo por alguma força cataclísmica projetada para me tornar incapaz de revidar.

Talvez ele tenha me dado algo que está mexendo com meu sistema.

Minhas pernas vacilam e apoio minha mão na mesa de cabeceira. Uma injeção ou uma pílula poderia deixar meu cérebro nebuloso assim e inibir minha memória. O homem deve ser um verdadeiro monstro para drogar uma mulher indefesa e mantê-la presa em sua cabana.

Preciso sair daqui.

Mas não tem como fazer isso vestida pela metade.

Onde está minha calça?

Um baque soa do lado de fora da porta, congelo onde estou, seminua ao lado da cama. Não consigo me lembrar de uma vez em que me senti mais exposta e vulnerável, exceto, talvez, aquela vez na piscina comunitária quando tinha sete anos e Allan Beasley fez piada sobre meu biquíni.

Mas eu era apenas uma menina tímida, envergonhada e incapaz de me defender de ataques infantis. Fiquei ali, tremendo, as lágrimas escorrendo pelo rosto até que Marisol finalmente me agarrou e me arrastou até o banheiro para encontrar um pouco de privacidade enquanto eu tentava me controlar. Essa foi a última vez que usei um biquíni, e aquela piscina ainda faz meu peito apertar. Lágrimas ardem em meus olhos toda vez que passo por ela.

Isso foi há muito tempo, no entanto. Agora estou mais forte, apesar do meu corpo tentar se rebelar contra o movimento. Meu instinto de autopreservação cresceu junto com minha capacidade de me manter firme. Estou pronta para partir para a ofensiva e evitar que aquele lunático me corte em pedaços quando terminar comigo.

Não sobrevivi a tanto e cheguei tão longe para desistir agora e me resignar a qualquer destino que ele tenha planejado para mim.

Passos pesados se aproximam da porta. Libero meu aperto na mesa de cabeceira e avanço para o vaso. Minhas mãos se enrolam em torno dele, e o levanto acima da cabeça, e pressiono as costas contra a parede de madeira, prendendo a respiração enquanto espero a porta se abrir.

Um segundo.

Dois.

Três.

O sangue troveja em meus ouvidos, um zumbido constante que quase abafa os passos do homem com o machado. Sentimentos familiares de pavor sobem pela minha garganta. A maçaneta gira lentamente. Aperto o vaso com mais força, pesado em minhas mãos, apesar de sua aparência delicada.

Espero que seja pesado o suficiente para causar sérios danos quando eu esmagá-lo na cabeça do filho da puta.

A porta se abre lentamente. Apenas uma lasca de luz oscilante entra, então, sua mão e antebraço...

Finalmente, no momento em que sua cabeça ultrapassa o plano do batente, eu trago o vaso arqueando contra a lateral de sua têmpora.



Capítulo 3

Brain

Algo duro bate contra a minha cabeça pela esquerda, espatifando-se no chão e enviando uma dor aguda cortando minha têmpora, seguida por um jato rápido e quente de sangue na minha bochecha.

— Porra! — Empurro meu braço para cima para pressionar minha mão contra a ferida e me viro em direção ao meu agressor; a mulher que estava praticamente em coma na minha cama apenas uma hora atrás, quando a verifiquei pela última vez.

Está bem acordada agora.

Aqueles olhos grandes e verdes, claros de qualquer nevoeiro remanescente de sua provação, estão agora cheios de medo e determinação. Ela tenta passar por mim e sair pela porta, mas a pego e agarro seu pulso com minha mão livre, puxando-a de volta para mim.

Dou uma olhada rápida nos restos quebrados do vaso espalhados pelo chão aos meus pés. Flashes de memórias assaltam meu cérebro, ameaçando me trazer de volta a um passado que não desejo revisitar.

As flores que ela guardava nele.

Sempre frescas.

Sempre lindas.

O cheiro delas impregnando a casa.

Minha mão aperta o pulso da garota. Ela grita e tenta se afastar.

Volte para a caixa onde eu guardo você, caramba.

Se me deixar cair na toca do coelho agora, não vou ter a cabeça lúcida o suficiente para lidar com o problema iminente — cujo agora está se debatendo contra o meu domínio.

Prendo-a um pouco mais forte do que deveria para tentar impedi-la de lutar comigo.

— Por que diabos você fez isso?

Sua resistência para por um segundo, e agora que estamos tão perto que posso sentir o calor de seu corpo irradiando entre nós, as pequenas manchas douradas em seus olhos brilham em desafio.

— Para que eu pudesse fugir.

Bufo com o absurdo de sua declaração.

— Onde diabos você pensa que está indo? Está seis graus negativos lá fora e um breu. Você planeja sair daqui descalça e seminua? — Ela recua do meu abraço com a menção de sua falta de roupa. Raiva e medo piscando em seu olhar.

— Por favor, deixe-me ir.

Ah, merda...

Ela pensa...

Rapidamente solto seu braço e dou um passo para trás. Não é à toa que a garota tentou me esmagar até a morte com o vaso. Estava agindo por instinto de sobrevivência, tentando se proteger. Provavelmente teria feito o mesmo se tivesse acordado na mesma situação que ela.

Outro passo para trás me leva até a porta, a madeira dura pressionando contra mim agora. Levanto minhas mãos — uma coberta com meu próprio sangue — no que espero ser um movimento não ameaçador.

— Eu prometo, não te machuquei. Suas roupas estavam encharcadas e você estava hipotérmica. Eu tinha que esquentar você.

Seus olhos brilhantes, que não me deixaram por um momento, agora se estreitam. Me examina da cabeça aos pés — do meu cabelo rebelde e

despenteado, barba longa que toca minha camisa térmica de manga comprida, calça preta de trabalho e meus pés descalços. A postura defensiva de seus ombros suaviza ligeiramente. Seus braços finos a envolvem e ela olha para a janela onde, do lado de fora, a tempestade continua.

Volto minha mão para o corte na minha cabeça e estremeço.

— O que diabos você está fazendo aqui, afinal?

Não há nada nem remotamente parecido com a civilização por mais algumas horas e, a estrada que surge por aqui, dificilmente pode ser chamada de uma. É do jeito que eu gosto. A razão pela qual escolhi este local. É quase inacessível sem um enorme veículo com tração nas quatro rodas, pneus de neve cravejados e muita determinação. Ninguém jamais vagou em minha terra antes, nem mesmo um caçador perdido.

O que diabos uma mulher bonita como essa estaria fazendo aqui fora?

Seu olhar se volta para encontrar o meu e ela puxa o canto do lábio inferior entre os dentes.

— Uhm, estava tentando chegar na cabana da minha amiga. Meu jipe quebrou e meu celular estava sem serviço. Vi um pouco de fumaça ao longe. Deve ter sido deste lugar.

Merda.

— Não há outras cabanas por aqui. Onde é a casa da sua amiga? Você vai encontrá-la lá?

Certamente, não viria aqui sozinha nesta época do ano.

Ela considera minha pergunta por um momento, quase como se estivesse planejando sua resposta e tentando antecipar a minha, então balança a cabeça.

— É em algum lugar perto do Lago Four Point, e eu estava indo sozinha.

Solto a respiração, frustrado.

— Fica do outro lado da montanha. Você deve ter perdido o retorno perto da cidade para contornar para o outro lado.

Essa curva é fácil de perder. A placa é velha e quase invisível. Além

disso, com a neve começando mais cedo do que o previsto, provavelmente seria difícil identificá-la.

Seus olhos começam a brilhar com lágrimas não derramadas.

Ah, porra. Não consigo lidar com isso.

Me viro e saio do quarto sem dizer uma palavra a ela, indo para o banheiro no pequeno corredor que leva ao quarto. O sangue que flui do corte perto da linha do meu cabelo não é tão ruim, mas, definitivamente, precisaria de alguns pontos.

Pelo menos consegui trazer o resto da lenha para a cabana antes que ela me mutilasse.

Pego o que preciso para me remendar do armário de remédios e, quando o fecho, congelo.

Depois de todos esses anos, não estou acostumado a ver outra pessoa refletida neste espelho — apenas meu próprio rosto, que, às vezes, nem reconheço. Ninguém mais colocou os pés neste lugar, muito menos ficou tempo suficiente para eu me acostumar a tê-los por perto. A aparição dela me surpreende por um momento, fazendo meu coração disparar em mil direções diferentes.

Está a alguns passos da porta do banheiro, me observando com curiosidade, seus bracinhos envolvendo o corpo de forma protetora.

— Você está bem?

Sério?

Um grunhido baixo é tudo o que consigo como resposta. Ela estar aqui definitivamente não melhora as coisas. Bater na minha cabeça e quebrar um dos poucos itens sentimentais que eu realmente mantenho aqui, também não.

Pego a agulha do kit médico e passo um pouco de iodo no corte. Não é nada grave, realmente. Um arranhão. Já passei por coisas muito piores e sobrevivi.

O sangue secando na minha bochecha envia outro flash de memória, mas não consigo tirar da cabeça a visão dos pedaços do vaso no chão... e como parecia da última vez que continha alguma coisa.

Um pouco de dor vai ajudar com isso. Empurro a agulha através da

pele rasgada e um pequeno suspiro vem de trás de mim.

— O que você está fazendo?

Deixo meus olhos encontrarem os dela no espelho.

— O que parece que estou fazendo? Estou costurando a ferida que você me deu.

— Mas...

Termino com os três pontos para fechar, amarro e me viro para encará-la, recostando-me no balcão do banheiro, os suprimentos ainda espalhados.

— Mas o quê?

Seus lábios rosados abrem e fecham algumas vezes como se estivesse procurando por suas palavras. Sua cor é um bom sinal. Seu corpo provavelmente voltou à temperatura normal agora, mas não é a questão de sua saúde que mantém meus olhos focados ali.

Uma de suas mãos aponta para minha cabeça.

— Mas você acabou de dar pontos em si mesmo, — diz como se eu tivesse acabado de fazer uma cirurgia de coração aberto ou algo assim. Esta mulher claramente não viu muito em sua vida, se isso a choca tanto.

Eu bufo e balanço a cabeça.

— Sim, bem, o médico mais próximo está a horas de distância. Não há muita escolha aqui. Assim como não havia muita escolha para mim quando você tropeçou em minha terra... vestida de forma inadequada e quase morta. Não podia simplesmente deixar você lá fora para morrer, poderia?

— Sinto muito. Eu...

— Você não deveria estar aqui, em primeiro lugar. — Minhas palavras saem mais duras do que pretendia, mas ela merece. Empurro o balcão e passo por ela de volta para o quarto.

— O que diabos isso quer dizer?

A indignação em sua pergunta faz meu sangue esquentar. Giro de volta para ela, mais rápido do que esperava, e seu corpo quase se choca contra mim. Ela para a apenas alguns centímetros de distância, seus olhos fixos nos meus, então dá um passo para trás. Esse medo ainda persiste em seu olhar.

E ela provavelmente deveria estar com medo.

Quando estou assim, ninguém deveria estar perto de mim — muito menos alguém que invadiu meu espaço privado e depois me atacou.

— Isso significa que você veio aqui completamente despreparada. Você não estava usando equipamento adequado para atividades ao ar livre, não usava camadas de roupas para esta altitude nesta época do ano, muito menos em uma tempestade, e deixar seu carro aqui poderia ter causado sua morte. Poderia ter matado você. Você nunca teria chegado até a cabana no estado em que estava. Se eu não tivesse derrubado aquela maldita árvore, você teria desmaiado na neve e congelado até a morte em minutos.

Um rubor vermelho sobe por seu pescoço e suas bochechas pálidas. Ela cerra os punhos ao lado do corpo.

— Eu estava preparada para ficar dentro de casa em uma cabana. E, se você estava apenas cortando uma árvore, por que havia sangue em todo o seu machado?

Ela está mesmo falando sério agora?

— Uau. — Enfio minhas mãos no meu cabelo e estremeço quando esbarro na ferida que momentaneamente esqueci que está lá. — Apenas... uau.

Uma de suas sobrancelhas pálidas se ergue.

— O quê?

— Acabei de salvar a porra da sua vida e você está me perguntando isso? — Não sei porque me importo tanto com o que ela pensa, mas a insinuação em sua declaração me dá vontade de socar uma parede. O que eu poderia fazer se não fossem feitos de troncos de árvore com trinta centímetros de espessura. — O quê? Você pensou que eu estava lá fora desmembrando uma das minhas vítimas? Que você é a próxima?

Ela se encolhe como se eu a tivesse esbofeteado, e o arrependimento automaticamente se insinua para apertar meu peito.

Merda.

Não era minha intenção gritar assim. Ela tem todos os motivos para não confiar em mim, especialmente aqui.

— Porra. — Aperto meus olhos fechados e esfrego a tensão na parte de trás do meu pescoço. — Sinto muito. Não queria assustar você. Eu... não sou muito bom com as pessoas.

Quando me forço a reabrir meus olhos, os dela se suavizaram e está me observando como alguém faria com um animal ferido para ver se ele vai atacar e morder novamente.

É a última coisa que quero ver em seu olhar — pena. Preferiria que ela tivesse medo de mim. Seria mais sensato e seguro para nós dois.

Me afasto e entro no quarto para limpar os restos do vaso. Revê-lo tem o mesmo efeito, mas me forço a me agachar para juntar os cacos, afastando os sentimentos que eles ameaçam trazer à tona.

Ela cai de joelhos ao meu lado.

— Eu posso fazer isso.

— Não. — Estendo minha mão livre para detê-la. — Não.

Por alguma razão, a ideia de ela tocá-lo torna tudo pior. Como se, de alguma forma, fosse manchar como as impressões digitais mancham a prata.

— Sinto muito por ter quebrado. — Sua voz suave oscila ligeiramente. — Acha que dá para consertar?

A risada que borbulha na minha garganta sai escura e baixa. Olho para ela e luto contra um sorriso que tenta puxar meus lábios.

— Meu pai teria adorado isso.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Adorado o quê?

Sorriso para ela.

— Essa pergunta inocente. — Pego o restante dos pedaços e me levanto. — Não, não pode ser consertado. Seu valor era... inestimável.



Brooke

Inestimável?

Certamente, não pode significar algo inestimável do jeito que eu uso a palavra. Ele deve querer dizer valor sentimental e, o fato de ele ter me

resgatado e eu ter destruído algo tão importante, revira meu estômago.

Pressiono minha mão contra ele e me levanto com os pés ainda descalços.

— Acho que devemos tentar.

Olhos escuros e duros encontram os meus, e um arrepio percorre meu corpo — seja porque estou seminua ou pela sua intensidade, é algo que não vou explorar. Há muita coisa lá — raiva, perda, medo e uma dúzia de outras coisas que não consigo identificar.

Ele balança a cabeça ligeiramente, como se estivesse tentando tirar algo dela, e seus lábios se torcem em uma carranca que apenas chama minha atenção para eles.

— Suas roupas estão perto da lareira, mas acho que ainda não estão completamente secas. — Sua cabeça se inclina em direção à cômoda ao longo da parede. — Há algumas calças de moletom na gaveta de baixo à direita. Você provavelmente pode apertar os cordões neles o suficiente para que caibam em você.

Vestir algumas calças definitivamente tornaria toda essa situação muito menos estranha — e fria. Literalmente tropecei neste homem e ele teve que, não apenas salvar minha vida, mas também me aturar o agredindo. E tenho andado por aí apenas de calcinha e camisa nos últimos quinze minutos.

Ai, Deus. Que constrangedor.

— Obrigada.

O que mais posso dizer ao homem depois do que aconteceu?

Ele se vira sem dizer uma palavra e desaparece no curto corredor atrás de nós, ignorando minha afirmação de que deveríamos tentar consertar o vaso. Vou até a cômoda e pego uma calça de moletom preta. O material macio e felpudo parece o paraíso contra a minha pele, mas não paro para apreciá-lo. Ainda não tenho ideia do que realmente está acontecendo, ou mesmo de onde estou, além da casa de um estranho de cabelos escuros que carrega um machado.

Sigo meu salvador rabugento e barbudo até a parte principal da cabana. A grande sala aberta com teto abobadado e a enorme lareira de pedra

não é exatamente o que eu esperava. Tinha imaginado um lugarzinho de baixa qualidade, desleixado e parecido com um lugar onde um terrorista se esconderia. Mas isso é realmente grande e definitivamente bem conservado. Quem quer que seja, ele se preocupa com este lugar e cuida bem dele.

Um barulho à minha esquerda me atrai para a cozinha, que ostenta aparelhos modernos de aço inoxidável, uma cafeteira no balcão e belos armários nas paredes. Este não é um local de férias para esse cara — ele mora aqui — e, dada a aparência desta cozinha, gastou muito dinheiro equipando este lugar. É bom, mas não é luxuoso.

Confortável.

Pigarreio a para anunciar minha aproximação para perto de onde ele está, olhando pela janela, para a neve, de costas para mim.

— Uhm, há alguma chance de um caminhão de reboque vir buscar meu carro?

Ele dá uma gargalhada e se vira lentamente para me encarar, descansando contra o balcão com os braços cruzados sobre o peito de uma forma que faz com que a camisa térmica de manga comprida que está vestindo puxe e estique sobre bíceps e músculos peitorais claramente definidos.

— Você está presa comigo por um tempo, Bela Adormecida. Falei com o xerife quando te encontrei. Esta tempestade está prevista para durar vários dias e, mesmo que diminua, a neve não é fácil de passar. Não é como se tivéssemos limpa-neves que cheguem tão longe.

— Merda. — Acho que não tinha realmente considerado a realidade da situação antes. Aparentemente, estava muito distraída pensando que minha vida estava em perigo e tentando destruir esse homem com porcelana.

Uma de suas sobrancelhas escuras se ergue.

— Você tem alguém que vai se preocupar com você? Posso pedir ao xerife que os avise. Já disse a ele que enviaria suas informações pelo rádio assim que você acordasse.

A verdade está na ponta da minha língua, mas a engulo com um gole grosso e desvio meu olhar de seu olhar penetrante. Se contatou o xerife como

disse que fez, então não pode realmente ser uma grande ameaça. Mas isso não significa que estou prestes a regurgitar toda a história da minha vida.

Apenas diga o que ele precisa saber para passar por essa tempestade.

— Não tenho ninguém me esperando em casa. Minha amiga, que estava me deixando usar sua cabana, não ficará preocupada, a menos que ela não tenha notícias minhas por uma semana ou mais. Estou em... — Procuo uma palavra que possa facilmente descrever meu propósito de vir para esta área remota, — ... férias prolongadas.

Ele balança a cabeça lentamente e esfrega a mão sobre a barba.

— Bem, pode ser mais prolongada do que isso. Vou dar ao xerife o seu nome e o número de sua amiga para que ele possa atualizá-la.

Meu nome...

Não acredito que ainda não dei meu nome a ele ou perguntei o dele. Toda essa situação me deixou tão esgotada. Parece que estou perdendo a porra da cabeça.

— Ah. — Dou um passo à frente com a mão estendida, sem jeito — Sou Brooke. Brooke Beck. — A mentira sai dos meus lábios tão facilmente que até eu acreditaria.

Seus olhos caem para minha mão estendida, mas ele não faz nenhum movimento para pegá-la. Em vez disso, vira as costas para mim novamente e pega uma chaleira no fogão.

— Você pode me chamar de Beau.

“Você pode me chamar de Beau”? Sério? Isso é tudo que eu vou conseguir?

— Sem sobrenome?

Ele congela e olha por cima do ombro para mim por um breve momento antes de encher a chaleira, colocá-la no fogão e acender a chama.

— Não é um que você precise saber.

Bom, merda.

Esse cara é realmente um grande mal-humorado. Porém, acabei de dar a ele um sobrenome falso. E estou me intrometendo em sua vida. Vai ficar preso comigo em seu espaço por dias ou potencialmente mais. Acho que

posso ver porque ele não ficaria nada satisfeito com essa perspectiva.

— Uhm, bem, obrigado por salvar minha vida, Beau. — É a única coisa que posso dizer para tentar aliviar um pouco da tensão entre nós agora.

— Você pode não estar me agradecendo em breve.

— O quê?

Eu ouvi direito?

Ele murmurou as palavras baixinho, mas tenho quase certeza de que disse que talvez eu não o agradeça logo.

O que diabos isso significa?

Beau ignora minha pergunta, pega algo de um armário acima do fogão e se vira para mim.

— Estou fazendo um chá para ajudá-la a se aquecer. Está com fome?

Meu estômago ronca com a menção de comida e deixo que ele evite minha pergunta enquanto o calor se espalha por minhas bochechas.

Deus, isso é constrangedor.

Nem sei que horas são, mas meu corpo me diz que faz muito tempo desde a última vez que comi.

Uma pequena contração no canto da boca quase parece que ele está lutando contra um sorriso.

— Vou fazer algo para você comer. Você pode não gostar do que tenho disponível, no entanto.

— Ah, eu sou muito fácil.

Sua mandíbula tensiona. Qualquer diversão presente em seus lábios segundos atrás desaparece instantaneamente. Ele me dá as costas novamente para mexer em algo na geladeira.

Ah, Deus, isso soou mal!

De alguma forma, desenvolvi diarreia verbal desde que acordei na cama desse estranho. Não é algo que normalmente estou propensa, mas parece que hoje está repleto de novas aventuras.

Ele se vira e segura um recipiente com algo marrom que parece ser algum tipo de sopa.

— Vá sentar perto da lareira. Vou levar um pouco de chá e ensopado.

Corro para longe antes que eu me envergonhe ainda mais.

Jesus, Brooke, se recomponha!

Em geral, os homens geralmente não me incomodam assim. Mas os últimos dois dias foram o mais longe possível do meu normal. Quando acordei pela primeira vez, as coisas estavam confusas. Claramente não entendia a situação, mas agora que as coisas foram resolvidas — de alguma forma, pelo menos — já deveria estar me acalmando. No entanto, meu coração troveja em meu peito.

Pode ter algo a ver com a provação pela qual passei. Talvez meu corpo esteja simplesmente tentando lidar com o trauma da hipotermia e a agitação emocional de nosso pequeno mal-entendido — para não mencionar tudo o que me levou a subir esta montanha em primeiro lugar.

Tenho certeza de que não tem nada a ver com o rude homem da montanha que, atualmente, está preparando chá e jantar para mim em sua cozinha, enquanto me sento enrolada em um cobertor no sofá em frente a uma lareira que deve ter cinco ou seis metros de altura. Ele não fez nada para sugerir que é um perigo para mim — a não ser por sua atitude —, além de que literalmente salvou minha vida.

Mas isso não me impede de observar cada movimento seu daqui.

A maneira como sua camisa se estende por suas costas fortes. A protuberância de seu bíceps ameaçando quase rasgar as mangas.

Seria mentira dizer que não é bonito.

Agora que tirei da cabeça a ideia de que é um assassino, posso admitir isso para mim mesma, mesmo que não queira. Na verdade, se Colleen o visse e soubesse onde estou, provavelmente estaria me implorando para tirar fotos para ajudar a sustentar seu fetiche por barba.

— Espero que você goste de esquilo.

— Calma. O quê?

Merda.

Estive tão ocupada olhando para ele que nem percebi que estava olhando diretamente para mim e se aproximando com uma bandeja nas mãos.

— Você disse *esquilo*?

Me dá um sorriso travesso, um que ilumina seus olhos castanhos avermelhados por um momento, suavizando-os ligeiramente pela primeira vez desde que esmaguei sua maldita cabeça.

— De onde você acha que era o sangue no meu machado?

— Ai, merda. Você está falando sério?

Uma risada baixa e profunda ressoa em seu peito, enquanto se inclina e coloca a bandeja na mesa de centro de madeira em minha frente. Quando se levanta, um aroma fresco e amadeirado paira sobre mim, enviando um tipo totalmente diferente de arrepio pelo meu corpo.

Meu cérebro se esforça para processar algo — uma memória fugaz. Algo logo abaixo da superfície da minha consciência. Algo que aconteceu enquanto eu estava apagada.

Beau se senta na cadeira à esquerda do sofá e solta um suspiro profundo, deixando cair a cabeça para trás contra ela e deixando os olhos se fecharem.

— Você está bem?

— Sim, apenas cansado. E preciso sair e cortar mais lenha. Trouxe as toras maiores enquanto você estava apagada, mas preciso cortar um pouco mais. Só estou esperando que a tempestade acalme um pouco.

Olho para as janelas na parede oposta, onde os flocos brancos caem rapidamente e batem na janela com cada rajada de vento.

— Você vai voltar lá?

Ele levanta sua cabeça e olha para mim.

— Você vai sair e cortá-la para ter certeza de que temos lenha suficiente para manter este lugar aquecido?

— Uhm... — Me encolho no sofá e evito seu olhar. — Não.

— Foi o que pensei. — Sua declaração não é feita com malícia, mas pura exaustão transparece em cada palavra.

Nem havia considerado como me trazer aqui e cuidar de mim poderia tê-lo afetado. Provavelmente, estragou todo o seu plano para o dia e os preparativos para a tempestade.

— Você vai comer? — Aponta para o ensopado.

Meu estômago borbulha. Me inclino para frente para sentir o cheiro, hesitante. O aroma de carne assada e legumes literalmente me dá água na boca, e um gemido baixo escapa de meus lábios.

— Deus, o cheiro é bom.

— Prova. Prometo que é gostoso. Apenas tente não pensar no que você está comendo.

Excelente conselho.

Se eu imaginasse, não teria como entrar na minha boca. Do jeito que está, minha mão treme quando pego a colher e dou a primeira mordida. Ele me observa com o menor sorriso em seus lábios. O bastardo está tendo prazer em me ver contorcer com isso. Eu deveria estar chateada com isso, mas estou tão faminta e exausta neste momento que nem consigo me irritar.

Mas algo está incomodando o fundo da minha mente agora. Não consigo me livrar desse cheiro. E não é só por acordar na cama daquele homem. Há algo mais conectado à memória.

Um sentimento.

Um toque...

Faço uma pausa com a colher a meio caminho da boca e me concentro nele.

— Você... ficou na cama comigo quando eu estava inconsciente?

Seu corpo inteiro enrijece e o sorriso em seus lábios vacila. Beau se move para a frente na cadeira, apoiando os cotovelos nos joelhos e olhando para o fogo.

— Tive que aumentar a temperatura do seu corpo. O calor do corpo é uma das melhores maneiras de fazer isso.

Merda.

— Então... estávamos juntos na cama?

Ele esfrega a nuca, continuando a desviar o olhar.

— Uhm, não, eu esquentei você aqui perto da lareira primeiro, depois levei você para lá.

Olho para a lareira onde minhas calças, jaqueta e botas estão secando.

— Você estava... uhm... despido também?

Sua cabeça gira para cima e um músculo em sua mandíbula cerrada estremece, mas ele não desvia o olhar das chamas. Cerra os punhos e se levanta.

— Calor corporal.

Calor corporal.

Duas palavras simples — e a maneira como ele as diz é definitivamente projetada para fazê-lo parecer indiferente e distante de tudo o que aconteceu. Mas a memória que ainda persiste nas bordas do meu cérebro e sua reação agora, certamente deixam claro que ele não deixou de ser afetado.

E também não posso dizer que não. A sensação que a memória envia pelo meu corpo prova isso. Apesar de sua reação rude à minha presença, há mais na história desse cara.

O que ele está escondendo aqui em cima?

Parece que vou ter muito tempo para descobrir.



Capítulo 4

Brooke

Beau não estava brincando sobre o ensopado.

Contanto que eu não pensasse no que estava colocando na boca, os pedaços saborosos de carne e vegetais macios e deliciosos praticamente derretiam na minha língua e enchiam meu estômago, me aquecendo de dentro para fora — junto com a xícara de chá, surpreendentemente bom, que ele preparou.

Definitivamente eu precisava desta refeição e da oportunidade de continuar me aquecendo.

Não importa o quanto eu tente, não consigo me livrar dos arrepios que continuam a percorrer meu corpo — mesmo com a calça de moletom e minha camiseta de manga comprida, enrolada em um cobertor, agora cobrindo meus pés com um par de meias grossas de lã que Beau me trouxe.

A última colherada do ensopado tem um gosto tão bom quanto a primeira, e coloco a tigela vazia com a colher de volta na bandeja enquanto Beau termina de amarrar as botas perto da porta da frente.

Pelo menos ele não se sentou e me viu comer. Isso pode ter trazido um lembrete constante do que estava acontecendo na minha boca. Em vez disso, desapareceu na cozinha e limpou — ou pelo menos fingiu que era o que

estava fazendo.

Apreciei o momento sozinha, para comer e pensar. Tanta coisa aconteceu tão rapidamente. Toda a minha vida mudou em questão de poucos dias. O último lugar em que pensei que me encontraria é enfiada em uma cabana com um total estranho — embora definitivamente tenha alguns benefícios.

Como a vista...

Beau tira sua parca do gancho ao lado da porta e a veste enquanto um silêncio desconfortável permanece entre nós. Pega seu chapéu e o coloca na cabeça com um pouco de força demais antes de alcançar a maçaneta.

Uma rajada de vento cruel sacode a casa, mexendo todas as janelas e uivando pela chaminé. Trazendo consigo a memória nítida da caminhada congelante pelo deserto que quase me matou, olho para a janela.

— Você realmente vai voltar lá?

O olhar irritado que ele lança em minha direção me faz murchar de volta no sofá.

— Como eu disse... — Coloca as luvas e aponta para a porta. — A menos que você planeje assumir o machado, não tenho escolha. Tenho um estoque decente de madeira sempre à mão, mas com uma tempestade como essa, é sempre bom ter extras. Teria concluído tudo antes que o pior da tempestade chegasse, mas alguém mudou meus planos. Além disso, vou ter que manter a casa mais quente do que normalmente faria para que você fique confortável.

Merda.

— Sinto muito.

Pode ser que não haja desculpas suficientes neste mundo para compensar o que já fiz esse cara passar, e estou começando a soar como um disco quebrado. Mas quero que perceba que entendo o quanto isso impõe a ele e como sou grata por ter salvado minha vida quando eu não poderia fazer isso sozinha.

Beau segura a maçaneta da porta e solta um suspiro pesado que posso sentir do outro lado da pequena sala.

— Se você não parar de se desculpar, a próxima semana vai ficar muito chata.

Me encolho sob o cobertor e o aperto mais em volta de mim.

— Ok, sinto muito...

Ele dá uma risada e balança a cabeça, olhando por cima do ombro para mim, a diversão se misturando com a irritação em seus olhos.

— Você simplesmente não consegue se conter, não é?

Aparentemente, não.

Isso é o que eles dizem sobre hábitos aprendidos, no entanto. Você nem percebe que está fazendo algo até que alguém aponte para você. O comportamento tornou-se tão arraigado em sua psique que você perde todo o controle sobre ele.

Seu olhar escuro passa por mim uma última vez antes de abrir a porta.

Um vento frio sopra, espalhando flocos de neve pelo chão áspero e um frio no ar que nem mesmo a enorme lareira pode combater.

— Fique aqui perto do fogo. Você precisa estar o mais quente possível. A hipotermia pode causar efeitos duradouros, e não preciso que você desmaie novamente, já que não tenho como conseguir assistência médica aqui.

Merda, realmente estraguei tudo para mim e para este pobre cara.

Agora, ele não está apenas preocupado em fechar as escotilhas para esta tempestade — e fazer a preparação que deveria ter concluído horas atrás —, mas também tem que ficar de olho em mim.

Beau sai e fecha a porta atrás de si, uma batida definitiva reverbera pelas vigas altas.

Mesmo que sua raiva me faça estremecer, não consigo arrastar meu olhar para longe de onde ele acabou de desaparecer. A preocupação com um homem que nem conheço começa a fazer minha perna balançar. Uma rajada de vento sacode a janela à direita da porta, finalmente desviando minha atenção de onde ele estava parado.

A visão dele segurando aquele machado quando tropecei na clareira pisca em minha mente, e minha curiosidade leva a melhor sobre mim.

Envolvendo o cobertor com força ao meu redor, me esforço para ficar de pé com as meias e me aproximo para espiar a nevasca.

Sim, definitivamente olhando para a tempestade. Não o homem corpulento com má atitude cuja vida estou importunando.

O mundo fora da vidraça é quase invisível. Apenas um pequeno holofote afixado na frente da cabana oferece alguma iluminação para o pátio, e a neve que cai reflete a luz, criando uma luminância branca quase ofuscante até onde posso ver. O que não é tão longe; seis metros, no máximo.

Beau nada mais é do que um ponto escuro no mar de branco, movendo-se pelo quintal até um pequeno prédio semelhante a um celeiro do outro lado, provavelmente onde ele armazena a madeira e quaisquer veículos que tenha aqui.

A culpa por fazer o homem voltar para aquela bagunça corrói meu estômago recém-preenchido, e pressiono a palma da mão sobre ele enquanto aperto meus olhos fechados.

É um sentimento que eu deveria conhecer bem, com o qual convivo há mais tempo do que me lembro, que só se fortaleceu nos últimos dois dias. No entanto, esta noite parece diferente de alguma forma. Mais dura. Mais real do que nunca.

Lágrimas queimam em meus olhos e um soluço sobe pela minha garganta. Engolindo-o de volta, tento puxar respirações profundas.

Respira pelo nariz. Solta pela boca.

Preciso de algo para me trazer à realidade. Algo para me lembrar de onde — e porquê estou — para não perder a cabeça.

Minhas mãos tremem quando as coloco contra o vidro. A textura fresca e suave acalma meus nervos, mas apenas por um momento, antes de flashes de vermelho preencherem minha visão.

Forço meus olhos abertos. A simples beleza e pureza do que está acontecendo lá fora tenta desesperadamente apagar a memória, mas nunca consegue. Nada nunca conseguirá.

Outro arrepio percorre meu corpo e me afasto da janela, voltando para o calor irradiando da lareira de pedra. Os estalos suaves da lenha queimando

preenchem o silêncio da cabana. Se não tivesse quase morrido hoje cedo e não estivesse presa aqui por um futuro próximo com o homem bonito, estressado e irritado do lado de fora, eu poderia até pensar que esse é o lugar perfeito para fazer o que eu preciso.

Se cure, Brooke.

Dê a si mesma tempo para pensar.

Para descobrir o seu futuro.

Se você tiver um...

Subo de volta para o meu lugar no canto do sofá e me aconchego debaixo do cobertor novamente, absorvendo cada grama de calor que ele e as chamas podem oferecer. Minhas pálpebras fecham, e o som calmante do fogo e os ventos uivantes me fazem afundar ainda mais no sofá.

A porta se abrindo me faz acordar, e meu grito perfura o ar. Pisco rapidamente, examinando a sala para tentar me orientar.

— Brooke, você está bem? — Beau está parado perto da porta, com lenha nos braços, a pele exposta do rosto avermelhada pelo mau tempo e as botas molhadas pingando no tapete sob seus pés.

Merda.

Meu coração troveja violentamente contra minha caixa torácica, respiro fundo algumas vezes, pressionando minha mão contra o peito para tentar me acalmar antes que tenha um ataque cardíaco.

— Sinto muito. Devo ter pegado no sono.

Sua testa se franze e sua mandíbula se contrai, visível mesmo sob a barba.

— Pare de se desculpar. Você pode vir pegar esta lenha para que eu possa buscar outra carga sem ter que tirar as botas?

— É claro.

É o mínimo que posso fazer depois de me intrometer na vida desse homem e estragar seu ritmo.

Jogo o cobertor para longe e, apesar do calor que o fogo emana, um arrepio imediatamente percorre meu corpo. Beau estava certo sobre a hipotermia. Vai demorar um pouco para meu corpo se recuperar e essa

tempestade, certamente, não vai ajudar no processo. Atravesso o cômodo e paro na frente dele, inclinando minha cabeça para cima para encontrar seu olhar.

Deus, ele realmente é grande.

Viver aqui e ter que fazer todo esse trabalho manual para si mesmo requer uma força de caráter e músculos físicos que você não precisa em Seattle. Ou, pelo menos, nenhum homem que eu conhecia parecia assim.

Ele levanta uma sobrancelha escura para mim como se estivesse esperando por algo.

Merda. Eu estava encarando.

Estendo meus braços e ele estende a mão para colocar a madeira sobre eles, mas faz uma pausa.

— Tem certeza de que aguenta?

Alguns dias atrás, poderia ter dito que não, que parecia muito pesado para mim, mas agora, depois de caminhar quilômetros pela floresta em uma maldita nevasca, estou confiante.

— Eu consigo.

Ele coloca a pilha em meus braços.

— Eita. — *Droga. Isso é pesado.*

Mas enrolo meus braços em torno das toras, recusando-me a deixar Beau ver o quanto isso realmente é uma luta. Me afasto dele e corro para a lareira.

— Vou pegar outra pilha. Provavelmente precisaremos de pelo menos três para passar a noite se o tempo continuar tão intenso.

Passar a noite.

Seu tom faz parecer que isso não é certo, mas provavelmente é apenas meu cérebro nebuloso por hipotermia vendo perigo onde não há nenhum. Beau não viveria aqui sozinho se não fosse perfeitamente capaz de lidar com essas coisas. O homem costurou o próprio ferimento na cabeça, então, “sobreviver” a uma tempestade como essa, não deveria ser nada.

Certo?

Me viro em sua direção e limpo os pedaços de cascalhos da frente da

minha camisa. Pelo menos a madeira estava seca, provavelmente de seus estoques, não a madeira nova que cortou hoje.

— Estarei aqui.

Sua mandíbula endurece novamente enquanto me observa, então balança a cabeça.

— Com certeza vai estar.

A porta se fecha atrás dele, e estremeço.

Realmente está irritado.

Tenho que tentar interferir o mínimo possível em sua rotina diária e ser o mais útil possível com as coisas da casa.

Ninguém me chamaria de “a dona de casa” — e algumas pessoas até ririam da ideia na minha cara —, mas me dou bem na cozinha e sei limpar.

Vou descobrir uma maneira de me tornar útil enquanto ele estiver preso comigo e, então, assim que puder, vou sair daqui e deixá-lo voltar para sua vida isolada e solitária.

Vida esta que ele claramente ama.



Beau

Um trovão ao Norte me atinge quando atravesso em direção à cabana com outra pilha, uma ainda maior que a anterior. Quanto menos viagens eu tiver que fazer aqui, melhor. Se não precisasse manter o fogo a todo vapor para ajudar a aquecer ela e a cabana, o que tenho lá teria durado pelo menos até amanhã à noite, mas estamos queimando muito mais rápido do que se estivesse sozinho.

Tudo o que quero é uma bebida forte e uma boa noite de sono, mas algo me diz que isso não vai acontecer enquanto Brooke Beck estiver por perto.

Alguma coisa sobre aquela mulher mexe com algo dentro de mim. A necessidade de ajudá-la. Garantir que seja cuidada. E seus constantes pedidos de desculpas por estar aqui e precisar da minha ajuda estão me dando nos nervos.

Não tem porquê se desculpar.

De verdade.

O que quer que a trouxe até esta montanha, sei que nunca pretendeu acabar no meio daquela clareira, totalmente despreparada, perto da morte. Sei que não planejava ter que passar toda a duração desta tempestade se escondendo comigo aqui.

Nós dois fomos lançados inesperadamente nessa situação impossível e precisamos fazer o melhor, o melhor que pudermos. Isso significa tolerar um ao outro e tentar não perder completamente a calma.

Mais fácil falar do que fazer.

Sinto seu olhar em mim da janela enquanto me aproximo da cabana e, desta vez, ela abre a porta para mim. A onda de ar quente que vem de dentro quase me faz suspirar de alívio.

Brooke olha as toras em meus braços com cautela e morde o interior de sua bochecha.

Pode ser uma carga muito grande para ela. Provavelmente, deveria ter considerado isso antes de pegar tanto desta vez.

— Acha que aguenta tudo isso?

Brooke endireita os ombros e acena com a determinação brilhando em seu olhar perene.

— Consigo aguentar toda a madeira que você tem.

Santo inferno.

Luto contra um sorriso com suas palavras e seus olhos se arregalam ligeiramente, um rubor se espalhando por sua pele pálida.

— Merda. Desculpa. Não queria dizer isso.

A risada escapa dos meus lábios antes que eu possa contê-la.

— Você não quis dizer isso ou não quis dizer a insinuação que criou?

Aponta um dedo para mim.

— Isso. Segunda opção. Agora me dê essa madeira.

Solto uma risada, o som é tão estranho para os meus próprios ouvidos que me faz congelar por um segundo, até que a pego olhando para mim com as sobrancelhas loiras erguidas. Faz tanto tempo desde que algo me fez rir que

esqueci como soa.

Merda. Devo parecer um maldito lunático.

Brooke estende seus braços, seu foco na madeira, não no meu rosto, e coloco a pilha neles, ela emite um pequeno grunhido, a única dica que me dá de quão pesado é a carga.

Ela nunca vai admitir isso. Vi isso em seus olhos no segundo em que me disse as palavras que gostaria de poder retirar. É mentalmente forte — talvez mais do que fisicamente — e nunca admitiria a derrota para mim. Especialmente quando ela sente que não é bem-vinda aqui, o que é totalmente minha culpa.

Fingir costume já foi parte do meu dia a dia, mas já faz muito tempo desde que tive que fingir estar bem com uma situação desconfortável.

Me esquivo para pegar a pilha final antes que ela termine de descarregar a segunda, o pensamento de vê-la limpar a sujeira de seus seios novamente é demais para mim.

Isso, junto com a piadinha que acabei de jogar para ela, vai fazer ser uma noite muito longa.

Muito bem, Beau. Discreto.

Agarro as toras, lutando contra as rajadas que ameaçam me derrubar na neve e os flocos picando o meu rosto, e me empurro de volta para dentro de casa, fechando a porta atrás de mim com um chute.

— O céu realmente está caindo lá fora. A previsão dizia que poderíamos chegar a meio metro, mas pode ser mais.

Brooke franze a testa e para na minha frente para pegar a lenha.

— Merda. Isso não ajuda muito com meu plano de sair daqui tão cedo, ajuda?

— Desculpa.

Não perco a ironia de me desculpar, mas parecia a resposta certa para as circunstâncias. Ela não quer estar aqui mais do que eu a quero aqui — algo de que continuarei me lembrando, mesmo que troquemos algumas brincadeiras divertidas.

Ela termina de descarregar a lenha enquanto removo meu

equipamento para atividades ao ar livre e tiro minhas botas. Me viro para encontrá-la de pé na frente do fogo, os braços protetoramente em volta de si mesma.

— É, estou bem cansada, — ela estremece.

— Merda. Eu sinto muito. Você precisa dormir. Seu corpo ainda está se recuperando.

E eu sou o idiota que acabou de pedir a ela para carregar três cargas pesadas de madeira para dentro da maldita casa.

Ela passa sua mão pelo cabelo e se concentra nas chamas furiosas, mordendo o lábio inferior.

— Quais são, exatamente, os arranjos para dormir? — Aponta para o meu quarto. — Esse é obviamente o seu quarto. — Então aponta para a porta do escritório à esquerda. — Isso é um quarto de hóspedes?

— Não. — Minha resposta vem cortante e baixa, dura, mas o pensamento dela cavando coisas em meu escritório e o que ela pode encontrar lá me faz cerrar as mãos ao meu lado. — Sem quarto de hóspedes. Você fica com a minha cama e eu com o sofá.

Brooke fica boquiaberta no sofá.

— O quê? Não. Você não pode fazer isso. Esta é a sua casa. Eu sou a intrusa. Vou dormir no sofá.

Vou até a lareira e paro na frente dela.

— Não se preocupe comigo. Já sobrevivi à coisas piores do que uma noite em um sofá.

As palavras saem calmas e firmes, muito mais firmes do que pensei que jamais poderia dizê-las, mas, ainda assim, ela olha para mim como se pudesse ver, através delas, as coisas que não estou dizendo. Ao que me trouxe correndo até esta montanha. Ao que me mantém aqui.

— Sério, Beau, agradeço sua oferta. Mas você deve estar exausto depois de cortar toda aquela madeira e, dormir em um sofá, não vai ser confortável para um cara grande como você. — Pressiona a mão contra seu peito e luto para não deixar meu olhar segui-la. — Sou pequena. Vou ficar bem.

Cerrando as mãos ao lado do corpo, respiro fundo várias vezes, mas não consigo dissipar completamente a raiva que a ideia de ela estar infeliz aqui no sofá, enquanto estou feliz na minha cama, traz. Pode estar quente em frente ao fogo, mas este sofá não foi feito para dormir, e ela acabou de passar por uma provação que a deixou fraca e precisando de um sono reparador.

— Você vai dormir na cama. Fim da discussão.

— Desculpe? — Sua testa franze e os ombros se endireitam como se ela estivesse pronta para uma luta. — Isso é uma ditadura?

— Esta é a porra da minha casa, e você é uma convidada nela. Se eu disser para você dormir na cama, você dormirá.

Ela cruza seus braços sobre o peito defensivamente, inclinando o queixo para cima.

— Você pode estar tentando fazer algo nobre e cavalheiresco, mas está parecendo um verdadeiro idiota agora. Não gosto que as pessoas me digam o que fazer.

— E eu não gosto de pessoas aparecendo sem avisar e me dizendo o que fazer em minha própria casa. — As palavras parecem sair da minha boca enquanto dou um passo em direção a ela, minha voz aumentando apesar de quão perto estamos um do outro.

Brooke se afasta de mim, o medo brilhando em seus olhos novamente da mesma forma que quando me viu pela primeira vez na floresta e, novamente, quando acordou.

Porra.

Congelo e levanto minhas mãos, dando um passo para trás, meu erro claramente visível.

— Desculpa. Não queria assustar você. — Esfregando as mãos no rosto, solto um suspiro pesado. — Não estou acostumado a dividir meu espaço com as pessoas, a ter alguém perto de mim ou a ter que controlar minhas reações.

E eu estava sendo um idiota do caralho.

Ela estava certa em me repreender. Eu costumava saber como falar com as pessoas, como lidar com qualquer situação — nos negócios e

pessoalmente. As mulheres costumavam ser fáceis para mim. Tudo costumava ser fácil.

Cristo, quanta coisa mudou.

Abro meus olhos e encontro seus olhos apavorados.

— Eu nunca te machucaria.

Mas alguém certamente o fez em algum momento de sua vida.

A reação de Brooke não é normal, embora eu seja um estranho. É a resposta instintiva de alguém que passou por algo terrível e pagou um preço por isso no passado. E só estou piorando as coisas para ela em uma situação desconfortável por ser um idiota total.

— Por favor, Brooke, apenas fique com a cama. Ainda estou preocupado com você... e com os efeitos prolongados da hipotermia. Vai estar muito mais quente lá embaixo da colcha e no colchão do que aqui fora, mesmo perto do fogo. E muito mais confortável.

Ela solta um longo suspiro, como se estivesse segurando o ar o tempo todo e, finalmente, se permitisse respirar novamente, pisca para afastar o medo que nublava seu olhar.

— Ok, se é isso que você quer.

— Eu quero.

— Obrigada.

— E, novamente, me desculpe.

Ela dá de ombros ligeiramente, tentando ignorar minha reação exagerada a sua resposta.

— Não se preocupe com isso.

Mas me preocupo.

Esta mulher é uma convidada em minha casa — desejada ou não — e, duas coisas que meu pai sempre me ensinaram, foram boas maneiras e como ser um anfitrião gentil.

Não deveria ter gritado com ela e ficado com raiva assim. Agora que vi a sua reação, tenho que ser mais cuidadoso — pensar no que faço e digo e não me permitir perder o controle.

A última coisa que quero fazer é assustá-la e fazê-la fugir para a

floresta, onde se perderá, será comida por um maldito animal selvagem, ou sucumbirá à hipotermia que quase a levou da primeira vez.

— Você precisa de mais alguma coisa?

Ela olha para o quarto e se mexe desajeitadamente. Meu olhar percorre sua camiseta de manga comprida abraçando seu torso e as calças de moletom largas e meias de lã pesadas da minha cômoda. Meu coração dá um pequeno pulo no peito.

Que diabos foi isso?

Algo sobre vê-la em minhas roupas envia um pouco de adrenalina ao meu sangue. Algo que não deveria estar sentindo. Uma quase possessividade.

— Eu sei onde fica o banheiro e posso dormir aqui, então acho que estou bem.

— Claro... sim.

— Obrigada, Beau.

— Não me agradeça. Só estou fazendo o que qualquer um faria.

— Não, você não está, — diz balançando a cabeça, com lágrimas brilhando em seus olhos enquanto olha para o fogo. — Existem muitas pessoas más neste mundo, Beau. Muitas pessoas que aproveitariam essa situação e a usariam a seu favor.

O fato dela saber disso faz uma faca torcer no meu peito.

— Como você sabe que não vou?

Ela vira a cabeça lentamente e encontra meu olhar, e uma única lágrima escorre por sua bochecha.

— Eu só sei. — Seus ombros sobem e descem novamente. — Não sei como, só sei.

Suas palavras me paralisam e, antes que eu possa começar a processar uma resposta, ela avança os três ou quatro passos entre nós e se inclina para pressionar um beijo na minha bochecha. Uma de suas pequenas mãos contra o meu peito, queimando minha pele mesmo através do tecido da minha camiseta.

— Obrigada, Beau.

Essas palavras sussurradas perto do meu ouvido enviam a mesma

vibração maldita através de mim novamente.

Faz muito tempo desde que tive uma mulher por perto. Muito tempo desde que tive alguém no meu espaço, alguém para conversar ou responder. E, assim que a tempestade passar — em alguns dias, talvez uma semana —, ela irá embora e poderei voltar a viver a vida que pretendia.

Brooke passa por mim indo para o banheiro, fechando a porta atrás de si com uma determinação que me faz cambalear até a lareira e agarrar a manta.

Merda. Merda. Merda.

Abaixo minha cabeça e deixo o calor derreter o frio de estar do lado de fora e minha própria reação a ela.

Sim, ela é linda. Sim, ela é doce. Sim, tivemos um momento antes. Mas isso é tudo. Tudo o que pode ser.

A porta do banheiro se abre novamente, me congelando no lugar. Espero para ver se ela vai voltar, mas a porta do quarto se fecha em seguida e solto um suspiro pesado de alívio.

O que eu realmente preciso agora é de uma bebida.

Vou até a porta do escritório e abro. A cada passo que dou em direção ao bar, minha energia parece se esgotar cada vez mais. Foi um longo dia, cheio de surpresas e ferimentos inesperados. Estendo a mão e toco com cuidado onde Brooke rachou minha cabeça com o vaso e faço uma careta.

Isso vai doer por um tempo, mas poderia ter sido pior, pelo menos fisicamente na minha cabeça. O vaso da minha mãe, por outro lado, já se foi há muito tempo. Nada além de pedaços no fundo de uma lata de lixo.

Sirvo-me de uma bebida e bebo metade em um só gole. O uísque quente e esfumaçado queima minha garganta, mas é um sentimento e uma queimação que acolho — o tipo de dor que me lembra porquê estou aqui fazendo isso.

Algo que obviamente preciso lembrar com Brooke por perto.

Talvez mais de um lembrete.

Encho o copo com mais do que provavelmente deveria beber esta noite, então, volto para a sala de estar. O fogo ardente vai nos manter

aquecidos esta noite, mas não vai fazer nada sobre a realidade assustadora que Brooke trouxe com ela.

Há um mundo lá fora, que poderia me encontrar com a mesma facilidade com que ela o fez acidentalmente. Um que não estou preparado para lidar.

Paro em frente à lareira, seguro o cobertor com uma das mãos e me inclino contra ele enquanto tomo outro gole da minha bebida.

Este dia com certeza não acabou do jeito que imaginei.

Agora tenho uma hóspede, uma dor de cabeça latejante e uma nova cicatriz, além de um problema muito real.

Como vou evitar que ela descubra a verdade?

Vamos viver praticamente um em cima do outro enquanto ela estiver aqui.

Só preciso ter certeza de não deixar escapar nada que possa induzi-la a fazer as perguntas que não posso responder.

Bastante fácil.

Em teoria...

Tomo um gole do meu copo e vou para o sofá, esparramando-me o máximo que posso. Meus pés balançam no braço do outro lado e eu gemo com a pontada sempre presente na parte inferior das costas.

Esta vai ser uma noite desconfortável, a primeira de muitas, mas de jeito nenhum eu deixaria aquela garota dormir aqui depois de tudo que passou.

Não quando sei como é sobreviver a um trauma e precisar de um lugar macio para pousar.

Nunca tive isso, mas é o mínimo que posso dar a Brooke, mesmo que ela seja uma completa estranha que atrapalhou minha vida.

O vento balança as vidraças da janela novamente, e deixo meus olhos se fecharem.

Com um pouco de sorte, a tempestade não será tão ruim quanto o previsto e ela sairá daqui em um ou dois dias. Na pior das hipóteses, talvez uma semana. Posso passar uma semana com ela aqui e manter minha sanidade

intacta.

Pelo menos, é o que vou repetir para mim mesmo.



Capítulo 5

Brooke

O cheiro familiar de bacon me desperta de um sono tão profundo que é como se tivesse morrido. Com base no vento sacudindo a cabana, a tempestade não diminuiu muito durante a noite, nem o frio que parece ter permanentemente permeado meu corpo. Mesmo aconchegada sob as cobertas da cama de Beau com um pesado edredom me cobrindo, ainda estremeço toda vez que o vento aumenta e me lembra de como cheguei aqui.

Memórias das quais não consigo escapar durante o dia, do jeito que consegui na noite passada, voltam correndo, ameaçando me desvendar completamente antes mesmo de o dia começar.

Não. Não vai acontecer.

Respiro fundo — uma respiração cheia do cheiro amadeirado e masculino que ajuda a afastar essas memórias ruins e trazer as mais recentes à tona.

Os poucos momentos tensos que Beau e eu tivemos ontem ficaram no passado. Estou segura aqui. Se ele fosse me machucar, já teria feito. Deus sabe que teve muitas oportunidades e provou ser confiável. Nesse aspecto, pelo menos. O fato de ser tão fechado ainda me deixa com muitas perguntas, e pretendo obter as respostas hoje.

Mas isso significa sair desta cama quente e me sujeitar a qualquer coisa que a Mãe Natureza esteja jogando em nós hoje. Essa não é uma perspectiva agradável, mas ainda assim me arrasto relutantemente para fora do conforto, estremecendo imediatamente com a mudança de temperatura.

Vou na ponta dos pés até a janela e contemplo a vasta extensão de branco. O ar frio entra de fora e envolvo meus braços em volta de mim, olhando para o país das maravilhas do inverno. Mesmo com os flocos girando, impelidos violentamente por uma força que parece ter a intenção de destruir, a beleza da cena me deixa sem fôlego.

Seattle raramente oferece algo além de chuva. Embora isso, certamente, tenha seu próprio charme, esse é o tipo de visão que lembra a pessoa de que existe um poder superior em algum lugar.

Um que aparentemente me quer morta.

É um bom lembrete de que mesmo as coisas mais bonitas podem ser mortais. Que elas podem embalá-lo em uma falsa sensação de segurança e, em seguida, tentar destruí-lo do jeito que a tempestade fez.

Nunca imaginei que vir para a cabana de Colleen seria outra coisa, senão, uma forma de escapar do que deixei para trás em Seattle, um lugar para descomprimir, para pensar, para encontrar meu eixo e enfrentar o futuro incerto. Em vez disso, a nevasca matou Old Blue, quase me matou e me deixou à mercê de um homem que só quer ficar sozinho.

— Eu e a porra da minha sorte... — Minhas palavras voltam para mim do painel de vidro, balanço minha cabeça e me forço para longe da janela.

Meu estômago ronca com o cheiro que entra pela fresta na parte inferior da porta. Me aproximo e giro lentamente a maçaneta. Um leve rangido me faz estremecer, e paro para ouvir os sons de Beau se movendo.

Mas tudo o que me saúda é o silêncio absoluto. O tipo de silêncio que você nunca consegue em uma cidade como Seattle. O tipo que faz o mal-estar subir pela espinha e envolver meu coração, embora não haja nenhuma razão inerente para ter medo disso.

Vou na ponta dos pés até a sala, mas o sofá está vazio. Nenhum sinal

de Beau ou de que ele dormiu aqui ontem à noite. O fogo ainda ruge, porém, e a pilha de lenha que trouxemos ontem à noite parece intocada.

Impossível.

Esta lareira é a única fonte de calor para toda a cabana. Não há dutos de ar, nem aberturas no chão ou no teto empurrando o ar quente. Seria necessária toda a madeira aqui para nos mantermos aquecidos a noite toda. O que significa que Beau já devia estar acordado há horas, reabastecendo a pilha de seu suprimento do lado de fora, enquanto eu dormia, em vez de fazer minha parte.

Isso faz com que me sinta uma idiota.

A abertura da porta da frente me faz virar para encará-la. Beau entra, limpando a neve dos ombros e fecha a porta atrás de si. Bate a neve das botas em um tapete, tira as luvas e o chapéu e abre a jaqueta, tudo sem sequer olhar na minha direção. Depois de viver sozinho por Deus sabe quanto tempo, não está acostumado com mais ninguém aqui.

Ele se vira para pendurar a jaqueta e me vê, congelando por um momento.

— Ah, você está de pé.

Ofereço a ele um meio sorriso.

— Estou.

— Tem bacon. Posso reaquecer no forno. E posso fazer ovos ou torradas. O que você quiser.

— Não, não, não. — Dou um passo em direção a ele, depois penso melhor no que aconteceu ontem à noite e me mantenho firme. — Por favor, você não precisa cozinhar para mim. O mínimo que posso fazer é cuidar das coisas na cozinha, já que você está me deixando ficar aqui.

Ele bufa e balança a cabeça enquanto se abaixa para desamarrar as botas.

— “Deixando” você ficar não é exatamente a palavra certa, é?

O meio sorriso que me dá enquanto tira as botas, também traz um sorriso ao meu rosto e quebra um pouco da tensão.

— Ok, então você está sendo forçado a lidar comigo? Que tal isso?

Um sorriso surge em seus lábios, e ele segue para a cozinha.

— Um pouco mais preciso, você não acha?

Completamente mais preciso.

Suspiro e sigo-o para o espaço apertado. Não há necessidade de cozinhas grandes demais que todas as casas em Seattle têm quando você mora sozinho e cozinha apenas para um.

Ele pega uma bandeja de bacon do balcão da cozinha, liga o fogão a gás e o coloca dentro.

— Não deve demorar mais do que um ou dois minutos para esquentar.

— Ótimo. — Espio por cima do ombro para a geladeira. — Vou fazer alguns ovos para mim.

Beau me observa enquanto me aproximo dele e se move para trás o máximo que pode para permitir que eu passe e vá até a geladeira. Mas quando minha bunda roça nele no espaço apertado, o cheiro de pinho e o ar fresco do inverno emana dele de uma forma que me faz inalar profundamente.

Ai, Deus. Espero que ele não tenha me visto cheirá-lo.

Imensamente embaraçoso.

Evitando encontrar seu olhar, abro a porta da geladeira e congelo.

— Uhmmm.

— Sim? — Levanta uma sobrancelha para mim e se inclina contra o balcão. — Precisa de algo?

— Não vejo nenhum ovo.

Ele sorri e inclina a cabeça em direção à porta da frente.

— Eles estão no galinheiro.

Eu me endireito.

— Você está brincando, certo?

— Desculpe, Bela Adormecida. Gostaria de poder dizer que sim.

A inclinação ligeiramente presunçosa de seus lábios me faz esquecer momentaneamente de me sentir mal por me intrometer em sua vida.

Mas apenas por um minuto.

Meu estômago ronca quando o cheiro do bacon reaquecendo enche a cozinha, e o foco de Beau desce pelo meu corpo para onde o som está

emanando.

— Vou buscar os ovos para você, Bela Adormecida.

— Não. — Estendo a mão e agarro seu braço sem nem pensar, apertando minha mão em torno do músculo duro, e nós dois congelamos, olhando para onde nossos corpos estão conectados. Afasto minha mão. — Desculpe, eu... merda. Continuo me desculpando, não é? Mas você não precisa sair de novo só para pegar os ovos. Posso fazer isso.

Beau passa a mão pelo queixo barbudo e ri.

— Boa sorte com isso. Não acho que Betty Sue ou Joanne apreciariam a intromissão de alguém estranho.

— Betty Sue e Joanne?

Aponta um dedo por cima do ombro em direção à porta.

— Minhas galinhas. Elas não estão acostumadas com a presença de mais ninguém aqui. Sério, não é um problema para mim ir buscá-los. Tenho que fazer isso todos os dias de qualquer maneira, e ainda não fui lá esta manhã porque estava ocupado trazendo mais madeira seca e tentando consertar a porta do celeiro.

— O que aconteceu com a porta?

— O vento a arrancou das dobradiças ontem à noite.

— Ai, merda. Você conseguiu consertar?

Ele concorda.

— Pelo menos temporariamente. Provavelmente terei que ir à cidade assim que a estrada estiver transitável e conseguir alguns suprimentos para fazer um reparo mais permanente. Vou pegar os ovos.

— Você tem certeza?

Não importa quantas vezes ofereça, não posso deixar de me sentir culpada por estar gastando seu tempo cuidando de mim quando claramente tem outras coisas com que se preocupar e fazer por aqui.

— Quer saber?! Quando eu voltar aqui, vou deixar você me fazer um grande café da manhã. — Olha para um relógio na parede. — Bem, acho que é mais um *brunch*. Mas só se isso impedir você de se desculpar e me perguntar, constantemente, se tenho certeza das coisas.

Deixo cair meu rosto em minhas mãos e gemo.

— Eu sin... — Consigo parar antes de dizer isso de novo e, em vez disso, respiro fundo e endireito meus ombros antes de encontrar seu olhar. — Ok, de acordo.

Com um sorriso, ele aponta para o forno.

— Fique de olho nesse bacon para não queimar enquanto eu estiver fora.

— Deixa comigo.

Ele me observa por um segundo a mais antes de sair e ir até a porta para se arrumar novamente.

Quem diabos é esse cara?

Aqui sozinho. Criando galinhas. Consertando portas de celeiro. Resgatando donzelas em perigo no meio de uma enorme tempestade de neve.

O que faria alguém querer viver assim?

Sei porque vim até aqui, o que me deixa ainda mais curiosa sobre o potencial motivo que o fez querer se esconder no meio do nada.

Beau coloca o chapéu e as luvas, e eu caminho até a porta da frente enquanto ele a abre para sair.

— Onde você aprendeu a fazer tudo isso, afinal? Você cresceu em uma propriedade rural ou algo assim?

Ele congela, seu corpo enrijece quase instantaneamente.

— Algo assim.

A porta batendo atrás dele dá um fim à conversa, me fazendo pular um pouco para trás. Esse homem não está interessado em compartilhar nada sobre si mesmo comigo, e acho que tudo bem, já que também não vou contar muito sobre mim.

Embora suas palavras muitas vezes saiam duras, elas têm um ar de verdade. A solidão pode ser uma necessidade. Seja porque você está fugindo do mundo exterior ou de algo profundo dentro de você.

Você só tem que esperar que, o que quer que seja, não o alcance.



Beau

A cadeira de madeira embaixo de mim, de repente, parece mais dura do que antes, mais rígida, implacável. Me mexo nela pelo que deve ser a centésima vez desde que me sentei e comecei a observar Brooke se movimentando pela cozinha fazendo o brunch.

Ter alguém — qualquer um — no meu espaço me deixa inquieto, mas ela... ela está tornando quase impossível, para mim, ficar quieto e relaxar. Não que eu tenha muito tempo para isso, pela forma como a tempestade continua a castigar o mundo lá fora. Dada a aparência do que a Mãe Natureza está jogando em nós, enquanto estava lá fora pegando os ovos, as coisas não vão melhorar tão cedo.

É uma das piores tempestades que já vi desde que me mudei para cá. O que significa que a linda e frustrante garota que faz ovos mexidos no meu fogão vai ficar aqui mais tempo do que qualquer um de nós deseja.

Seria melhor para todas as partes se ela seguisse seu caminho, de volta para o lugar de onde veio ou para a cabana de sua amiga; no entanto, eu esperaria que ela parasse e pegasse algum equipamento adequado antes de tentar fazer isso.

Sua viagem não parecia muito bem planejada. Quase como se ela estivesse fugindo de alguma coisa e só precisasse fugir.

Um sentimento que conheço muito bem.

Só que existem algumas coisas das quais você não pode fugir. Algumas coisas irão persegui-lo até os confins da Terra. Ou o topo de uma montanha...

Ela desliga o fogão e se aproxima com a panela na mão. Embora eu tenha comido cedo esta manhã, meu estômago ronca com o cheiro.

Cheira melhor do que qualquer coisa que já cozinhei antes.

Ou talvez seja apenas quem cozinhou que faz a diferença.

Ela coloca os ovos no meu prato, já com o bacon reaquecido.

— Espero que estejam bons. Você tem uma despensa decente, mas não tinha muito do que normalmente adicionaria a eles para enfeitar.

Levanto uma sobancelha.

— Enfeitar?

Coloca um pouco em seu prato e devolve a panela ao fogão antes de se sentar à minha frente, na mesinha empurrada no canto da cozinha. Um de seus ombros sobe e desce.

— Sim. Você sabe, algumas cebolas frescas, pimentões, tomates ou algo assim. Enfeitar...

Luto contra um sorriso enquanto enfio meu garfo na pilha de ovos.

— Aqui em cima, quando ouço a palavra “enfeitar”^[1], penso em outra coisa.

Sua testa franze.

— O que você quer dizer?

— Você sabe... as árvores?

— Ah, sim. — Dá uma risadinha. — Não tinha pensado nisso.

— E, na verdade, o termo “enfeitar” refere-se à Prússia. Puce era um adjetivo usado para coisas da Prússia e, como a maioria das línguas, foi distorcido ao longo dos séculos e se tornou “enfeitar”. Como as coisas da Prússia eram muito valorizadas, acabou significando arrumar ou fazer algo melhor.

Brooke me encara com os olhos arregalados.

— Uhm... isso é... aleatório.

Merda.

Todo o conhecimento inútil acumulado em meu cérebro por anos frequentando as melhores escolas particulares do país e, meu pai sendo obcecado pela história mundial, parece ter permanecido solidamente implantado. No entanto, não consigo mantê-lo lá. O que significa que estou me abrindo para Brooke fazer um monte de perguntas.

Me mexo novamente e enfio uma garfada de ovos na boca para ganhar um momento para pensar em uma razão pela qual eu saberia disso e quase gemo com o quão bons eles são.

— Meu pai era uma espécie de fã de história. — Os sabores dançando em minhas papilas gustativas me desviam do meu deslize da língua. — O que diabos você colocou nisso?

Ela congela com o garfo na metade da boca e sua mão começa a tremer levemente.

— Por quê? É terrível?

Putá merda. Ela está realmente com medo de que eu não tenha gostado?

Me inclino para ela e levanto uma mão.

— Não, muito pelo contrário. Eu cozinho ovos aqui há dez anos e nunca os fiz com um sabor tão bom antes.

Sua respiração sai rapidamente e seus ombros relaxam um pouco.

— Um pouco de leite...

— Leite de cabra.

— Uhm?

— É leite de cabra, das minhas duas fêmeas.

O queixo de Brooke cai.

— Você tem cabras?

Concordo com a cabeça e dou outra mordida.

— Uhum. Como você pode imaginar, conseguir suprimentos aqui nem sempre é fácil. Ter minhas próprias cabras e galinhas, pelo menos, me dá o essencial.

Ela olha para os ovos em seu prato novamente, como se os estivesse vendo sob uma luz totalmente nova.

— Ah, tudo bem. Bem, usei leite de cabra, manteiga, sal, pimenta, alho em pó e cebola em pó, que encontrei na sua despensa. Ah, e uma pitada de pimenta caiena.

— Pimenta de caiena. — Dou outra garfada e o leve calor atinge o fundo da minha garganta. — Nunca teria pensado nisso. É delicioso.

Ela encolhe os ombros como se não fosse nada e foca em seu prato de comida, aparentemente menos enojada pelo leite de cabra do que pelo ensopado de esquilo. Como muito mais devagar, reservando um tempo para realmente examinar a mulher que está jogando minha vida em um loop.

Seu cabelo loiro claro cai solto ao redor do rosto, emoldurando perfeitamente a pele pálida e sardenta e as bochechas rosadas. Estou

paralisado observando seus lábios macios se abrindo e fechando enquanto ela come, e como seu pescoço fica longo e elegante quando engole.

A mulher é realmente deslumbrante. Deveria estar na capa de uma revista, não sentada à mesa frágil em minha pequena cabana em uma montanha abandonada.

Mas algo a trouxe aqui, assim como trouxe a mim.

Algo que a deixou nervosa e no limite.

— Você está me encarando.

Merda.

Tiro meu olhar dela e volto para o prato quase vazio que eu nem tinha percebido que estava tão perto de terminar.

— Desculpe.

— Tenho comida no rosto ou algo assim?

— Não. — Balanço minha cabeça e empurro os pedacinhos de ovo ainda deixados no meu prato antes de olhar para cima para pegar sua reação.

— Apenas me perguntando o que realmente trouxe você até aqui.

Ela enrijece e coloca o garfo no prato, agora vazio, antes de se afastar da mesa e levar os pratos para a pia.

— Eu te disse, vou ficar na cabana da minha amiga por um tempo.

Me inclino para trás na cadeira, cruzando os braços atrás da cabeça.

— Sim, você me disse isso. Mas é uma longa viagem até esta montanha de, basicamente, qualquer lugar e não exatamente a melhor época do ano para vir aqui, especialmente sozinha quando você não parecia tão preparada. Mais ou menos como se esta viagem não tivesse sido planejada?

Embora eu o expresse como uma pergunta, já sei a resposta.

E que ela vai mentir.

De costas para mim na pia, dá de ombros e abre a torneira para lavar o prato e o garfo junto com os pratos que usou para fazer os ovos.

— Cresci em Seattle e nunca estive nas montanhas antes. Você tem razão. Estava, lamentavelmente, despreparada. Não vou cometer esse erro novamente.

— Espero que não.

Mas evitou responder minha pergunta, como eu sabia que faria.

— Como você tem água corrente e energia aqui?

Boa tentativa de mudar de assunto.

— Dezenas de painéis solares instalados em várias partes da minha propriedade que, basicamente, coletam energia continuamente e a armazenam em um enorme banco de baterias no celeiro. Alimenta a cabana e um aquecedor de água sob demanda que extrai água de um poço subterrâneo.

— Parece caro.

É uma observação improvisada que não está errada e me faz estremecer com o segundo deslize que cometi em apenas alguns minutos. Não posso deixá-la atrapalhar minha missão de obter informações dela.

Brooke coloca os pratos no pequeno corredor no balcão e caminha até a mesa para pegar os meus, sem fazer contato visual comigo.

— Então, você tem um trabalho para o qual precisa voltar?

— Sou autônoma.

Ela esfrega violentamente meu prato com muito mais força do que o necessário. Essa conversa a está perturbando, deixando-a desequilibrada, da mesma forma que suas perguntas me afetaram antes.

— Bem, preciso ligar para o xerife hoje com o seu nome e o número de sua amiga para que ele possa enviar uma mensagem para ela.

Seu corpo enrijece novamente, e ela espia por cima do ombro para mim.

— Uhm, que tal esperarmos até sabermos quanto tempo ficaremos presos aqui. Como eu disse, ela não ficará preocupada comigo por, pelo menos, uma semana.

Algo faz cócegas no fundo da minha mente, um mal-estar que não sentia há muito tempo. Brooke não quer que ninguém entre em contato com sua amiga... se é que existe uma.

Por que, realmente, ela veio até aqui?

Uma grande parte de mim quer pressioná-la, quer exigir saber o que realmente está acontecendo, mas a mulher está nervosa e assustada. Isso é óbvio. Não parece haver nenhum ponto em forçar o assunto quando ela

claramente não vai me oferecer nenhuma informação.

Olho pela janela.

— A tempestade ainda está forte hoje, mas vou verificar a previsão atualizada e ver como as coisas estão. Então, podemos ligar e descobrir isso.

Seus ombros relaxam um pouco e ela desliza o prato limpo no escorredor.

— Ok. O que mais você tem para fazer hoje? Posso ajudar em alguma coisa?

Examino a cabana que tem sido minha casa na última década, o lugar que — até ontem — ninguém mais havia colocado os pés. Há uma centena de pequenos projetos que eu poderia fazer por aqui enquanto está tão desagradável lá fora, mas as últimas vinte e quatro horas — entre derrubar a árvore, cortar a madeira extra, resgatar uma donzela em perigo e dormir no sofá de merda — me deixaram exausto e sem motivação para fazer qualquer coisa que não seja urgente.

— Além das coisas necessárias das quais já cuidei esta manhã, nada mais é urgente.

Especialmente desde que disse a Nate para lidar com as coisas com o conselho. Se eu tivesse que lidar com todo o drama agora, além de lidar com essa mulher que caiu no meu colo, provavelmente estaria no fundo de uma garrafa em vez de recheado com uma das melhores refeições que comi em um longo tempo.

Brooke se recosta na beirada da pia.

— Ok. Acho que vou tomar um banho, então.

Uma visão de seu corpo nu — toda pálida, pele perfeita, desta vez rosa e quente em vez de fria e pálida como quando estava quando tive que despi-la para salvar sua vida — passa pela minha cabeça e, uma parte do meu corpo que não recebe atenção por muito tempo, desperta para a vida.

Pigarreio e me mexo na cadeira novamente, por um motivo diferente desta vez.

— Vá em frente e faça isso. Vou fazer mais café e tenho alguns livros, se você quiser pegar um emprestado e sentar perto do fogo.

Um pequeno sorriso curva seus lábios.

— Obrigada, Beau, por tudo. De verdade.

— De nada.

Na verdade, pode ser bom para mim ter um pouco de companhia humana por um tempo. Para ajudar a me manter humano. O único problema é que sou humano. Um homem humano que vê como Brooke é bonita e, também, como ela está quebrada por tudo o que esconde em seu passado.

Parece que somos almas gêmeas.

Isso deveria ser um aviso para ficar longe dela, pelo bem de nós dois.

[1] (N.T.) Aqui a autora faz referência à fonética “spruce” no original, que significa tornar algo mais arrumado, mas também é uma forma de se referir à árvores.



Capítulo 6

Brian

O grito me acorda de repente. Me levanto do sofá e estremeço com a pontada de desconforto nas minhas costas.

O que é que foi isso?

A maioria das pessoas reclamaria do silêncio misterioso aqui fora, de um silêncio que é quase ensurdecedor. Levei algum tempo para me acostumar, mas agora que me acostumei, qualquer som alto ou novo, tende a fazer meu coração disparar.

Outro grito ecoa pela cabana.

— Que diabos? — Esfrego meus olhos, e meu cérebro nebuloso leva um momento para processar o que está acontecendo. — Brooke!

Jogo o cobertor para o lado, corro pelo curto corredor até meu quarto e abro a porta. A neve, finalmente, começando a diminuir, permite que uma pitada de luar penetre pela janela e pela minha cama, onde Brooke está deitada se debatendo para frente e para trás.

— Não! — Ela grita de novo e ataca alguma ameaça desconhecida, seus movimentos frenéticos. — Não! Para!

— Brooke! — Corro para o quarto e subo na cama, colocando a mão em seu ombro. — Brooke, acorde.

Ela ataca e faz contato com a lateral da minha cabeça, o mesmo ponto que abriu quando me atingiu com o vaso.

A dor atravessa minha têmpora.

— Porra.

— Não, vá embora.

Seus movimentos frenéticos aumentam, lágrimas escorrendo de seus olhos fechados, encharcando a franha debaixo dela.

— Acorde, Brooke. — Agarro seus ombros e a balanço, tentando tirá-la de qualquer pesadelo que a tenha em suas garras. — É só um sonho.

Ela continua a se debater descontroladamente, presa em um violento ciclo de terror em sua própria cabeça. A balanço novamente e a arrasto para o meu colo, para os meus braços.

— Brooke! — Grito o mais alto que posso e agarro seu queixo. O tempo para ser gentil na tentativa de impedir isso, já passou. — Acorda!

Seus olhos se abrem, lágrimas escorrendo por seu rosto. Ela engasga e respira fundo várias vezes, como se não conseguisse recuperar o fôlego.

— Brooke, sou eu, Beau.

— Ai, Deus... — Ela cede um pouco e finalmente consegue sugar várias respirações profundas enquanto seus olhos passam freneticamente pelo quarto escuro e, em seguida, se voltam para mim. Eles se concentram no corte na minha cabeça e qualquer confusão persistente parece desaparecer quase instantaneamente. Brooke leva sua mão à minha cabeça. — Você está sangrando.

Jesus...

Ela está preocupada comigo?

— Estou bem. Você está bem?

Ela traz sua mão de volta para baixo, as pontas dos dedos vermelhas com o meu sangue, mas não estou preocupado com um pequeno corte. Não está sangrando o suficiente para pingar, então, não vai me matar.

Estou mais preocupado com ela.

— Você estava tendo um pesadelo.

— Sim... — Afasta o cabelo suado do rosto e engasga levemente com

as palavras, fechando os olhos enquanto seu corpo continua a vibrar com a descarga de adrenalina. — E-eu estou bem.

— Está?

— Sim.

Essa palavra pode ter saído de seus lábios trêmulos, mas ela parece tudo, menos, bem. Está em choque. O que quer que tenha acontecido em sua mente inconsciente, parecia muito real para ela, real o suficiente para deixá-la incrivelmente abalada.

Meu peito aperta ao vê-la lutar para recuperar o equilíbrio. Isso me lembra muito de uma época que me mudei para cá para esquecer.

— Onde você estava?

— Uhm? — Ela olha para mim, franzindo a testa, e enxuga as lágrimas de seu rosto.

— Nos seus sonhos. Onde você estava? O que te deixou com tanto medo?

Seu corpo enrijece em meus braços e ela se afasta um pouco de mim.

— Não me lembro.

Mentira.

— Isso tem alguma coisa a ver com o motivo de você estar aqui?

Não sei de onde vem essa pergunta. Parecia um salto óbvio a ser feito, considerando como ela apareceu aqui e como ela reagiu desde que chegou.

— Não. — Sua resposta vem muito rápido. Como se ela fosse rápida, seria mais provável de que eu acreditasse nela. — Estou bem. Eu te disse. Só precisava de umas férias.

— No meio do nada. Totalmente despreparada.

Brooke estreita os olhos para mim, a raiva brilhando profundamente em suas profundezas verdes, e estou quase aliviado ao vê-la de volta, em vez do pânico que estava lá apenas um momento atrás. Ajusto minha posição para tirar um pouco do estresse das minhas costas, e parece cair sua ficha de que estamos na cama juntos e que meus braços estão em volta dela.

Quase instantaneamente, ela se afasta e se move de volta para debaixo das cobertas, seu corpo inteiro tremendo tanto que praticamente faz vibrar o

colchão.

Sua angústia puxa partes de mim que eu não achava que ainda estavam vivas. As quais pensei que tinham morrido e secado há uma década. Aquelas que não quero reviver.

— Posso pegar alguma coisa para você? Um copo de água? Um pouco de chá? — Ela balança a cabeça, seu foco na janela e na tempestade ainda acontecendo lá fora, na escuridão da noite. — Algo mais forte?

Isso parece chamar sua atenção porque ela move seu olhar para mim, levanta a cabeça e me dá um aceno brusco.

O álcool não é a maneira mais saudável de lidar com o trauma — pelo menos, é o que me disseram. Mas parece certo nesta situação. Algo para acalmar um pouco seus nervos.

Estar em um lugar desconhecido com um total estranho não pode ser fácil nas melhores circunstâncias e, o que quer que a tenha trazido aqui, claramente não foi isso. Mesmo sem estar disposta a discutir o que aconteceu comigo, ela definitivamente precisa de algo.

Algo que, infelizmente, não posso dar a ela. Mas talvez o álcool seja um bom substituto temporário.

Deslizo da cama e paro para examiná-la antes de sair pela porta, tão pequena e vulnerável em minha cama. Um torno aperta meu peito e, velhos demônios, contra os quais lutei por tanto por tanto tempo, ameaçam erguer suas cabeças feias e voltar a morder.

— Já volto.

Por que diabos disse isso a ela?

Não é como se eu pudesse ir a qualquer lugar, mesmo se eu quisesse. A tempestade pode estar diminuindo um pouco, mas isso não significa que acabou. Mesmo que fosse e as estradas não estivessem bloqueadas, eu não a deixaria assim.

Não podia.

Para o bem ou para o mal, estamos presos aqui juntos por um tempo. O mínimo que posso fazer é tentar deixá-la o mais confortável possível, o que não é muito.

Esfrego a rigidez na parte de trás do meu pescoço e me arrasto para a sala de estar. O calor que irradia do fogo queimado, me lembra de jogar mais algumas toras antes de ir para o escritório e encher dois copos com quantidades generosas de uísque.

Brooke me parece mais um tipo de garota de bebida “doce”, em vez dos uísques fortemente defumados que geralmente prefiro. Isso pode ser um pouco forte para ela, mas força é o que ela precisa agora — em sua bebida e para encontrá-la em si mesma.

Volto para o quarto e a encontro exatamente na mesma posição fetal, o rosto enterrado no travesseiro, o corpo tremendo; no entanto, pelo menos parece que suas lágrimas pararam.

Apenas alguns passos me separam da cama, mas faço uma pausa para inalar uma respiração estabilizadora antes de me aproximar e deslizar ao lado dela. Ela se encolhe e recua ligeiramente.

— Desculpe, deveria ter dito que estava de volta. — Estendo um dos copos. — Aqui.

Lentamente ela abre seus olhos e se concentra nisso, então se empurra para cima até que fique sentada contra a cabeceira da cama ao meu lado.

— Vou apenas dar-lhe algum espaço e deixá-la voltar a dormir. — Me movo para a beira da cama para ficar de pé, mas uma pequena mão envolve meu bíceps. Mesmo com a camisa de manga longa que dormi nos separando, o calor do toque dela me escalda de uma forma que me faz apertar os olhos fechados.

— Por favor... não vá embora.

Suas palavras sussurradas me atingem como golpes desferidos por um homem de 180 quilos, e não pela mulher pequena e indefesa atrás de mim. As mesmas palavras que ouvi naquele dia. Aquelas que nunca mais queria ouvir, misturadas com a mesma dor. A mesma angústia. O mesmo desespero.

Sentado na beira da cama, ainda de costas para Brooke, bebo metade do meu drinque, deixando o calor apagar a memória, depois me viro e me acomodo ao lado dela. Mas sua mão, não sai do lugar agarrada ao meu braço.

Algo me diz que não largará essa noite.



Brooke

Uma luz quase ofuscante atinge minhas pálpebras, me tirando do que parece ser o sono mais pesado e profundo que já tive, gemo e tento rolar para longe dele. Mas, em vez do travesseiro ou do colchão frio, meu rosto se conecta com algo quente e duro — que cheira a madeira, fogo, fumaça, trabalho duro e tudo de homem.

Ah, não...

Abro os olhos e olho para o peito de Beau. Com a cabeça caída para trás contra a cabeceira da cama, o pescoço alongado e a respiração entrando e saindo regularmente durante o sono, ele parece mais em paz do que nunca desde que cheguei aqui.

Ai, meu Deus.

Adormeci com a cabeça no colo de Beau?

Tudo da noite passada volta em flashes lentos — alguns violentos e aterrorizantes, outros suaves e reconfortantes.

Me mexo um pouco e vejo sangue seco na têmpora de Beau. O pesadelo que o trouxe aqui, em primeiro lugar, corre de volta em detalhes vívidos. Meu coração troveja contra minhas costelas, minha cabeça nadando e respirando cada vez mais rápido.

Parecia tão real. O perigo tão imediato.

Não aconteceu na primeira noite em que estive aqui, provavelmente porque estava exausta demais, meu corpo esgotado demais para sequer sonhar. Mas com certeza se vingou ontem à noite, atacando minha psique enquanto eu dormia e levando o medo ao meu coração novamente.

E eu fiz papel de idiota na frente desse homem.

Não é ruim o suficiente, gritei como uma psicopata, bati nele com força suficiente para fazê-lo sangrar — de novo — e me agarrei a ele como uma criança apavorada, tive que dormir com minha maldita cabeça em seu colo.

Tão bizarramente estranho.

Tento me afastar sorrateiramente de seu corpo quente e duro, esperançosamente antes que ele acorde e perceba o quão idiota sou, mas sua mão áspera pouisa no meu ombro e dá um aperto suave.

— Você está bem? — Sua voz grave me congela no local e, lentamente, viro minha cabeça para olhar para ele e encontro seu olhar fixo diretamente em mim, cheio de preocupação.

— Sim. Eu sim...

Pressiona um dedo sobre meus lábios antes que eu possa terminar.

— Você não vai se desculpar.

Bem, sim, se você não me deixar...

Mas ele não está errado. Estava prestes a me desculpar. E eu deveria. Este homem absolutamente não se inscreveu para minha loucura. Só porque me perdi e tropecei em sua vida não significa que ele deveria ter que lidar com todas as consequências dos meus problemas.

— Você não precisava dormir aqui ontem à noite, Beau.

Um pequeno meio sorriso puxa o canto de seus lábios.

— Sim, eu meio que precisava. Você estava chateada e me pediu para ficar. Não ia dizer não.

Por mais doce e inesperado que seja, também endurece minha espinha. Não quero que Beau pense que precisa cuidar de mim.

— Eu ficaria bem. Sou uma garota crescida.

— E você teve um pesadelo muito ruim e não queria ficar sozinha no que ainda é um lugar estranho. — Dá de ombros ligeiramente. — Consigo entender isso.

— Você consegue?

O que esse corpulento e solitário homem da montanha poderia saber sobre pesadelos e não querer ficar sozinho?

Beau acena com a cabeça lentamente e passa a mão que não está em meu ombro por seu cabelo desgrenhado, deixando que seus olhos castanhos se concentram em algo repentinamente muito interessante no teto alto.

— Também tenho alguns pesadelos bem perversos. No entanto, tendo a ir na direção oposta em termos de como reajo a eles — longe das pessoas,

em vez de querer alguém comigo.

Isso certamente explica este lugar e a maneira como vive. O que quer que tenha acontecido em seu passado para assombrar seus sonhos, deve ter sido tão ruim, senão pior, do que minha triste história para mandá-lo correndo para cá, tão longe da civilização.

— Bem... — Solto um longo suspiro e reprimo o pedido de desculpas novamente. — Obrigada.

Seu olhar retorna ao meu, uma sobrancelha levantada.

— É isso que estamos fazendo agora? Indo de pedir desculpas o tempo todo para me agradecer o tempo todo?

Não posso lutar contra o sorriso que puxa meus lábios para cima, apesar de realmente querer rastejar para debaixo das cobertas e nunca mais ter que olhar para este homem depois do quanto eu me envergonhei. Ele tira a mão do meu ombro e corre ao longo da minha bochecha lentamente, as pontas dos dedos calejadas contra a minha pele lisa, me causando um arrepio que não tem nada a ver com o frio que está lá fora.

Ele inclina meu rosto para cima com a mão no meu queixo.

— Está com frio?

— Não.

Longe disso.

Me sinto realmente quente pela primeira vez em dias. Verdadeiramente segura pela primeira vez desde sempre. O que é tão reconfortante quanto assustador.

Ele tira os olhos de mim e se concentra na janela.

— Ainda está nevando, embora pareça que o pior já passou.

Se ao menos isso fosse verdade na vida...

Viro minha cabeça para olhar para a janela e encontro a luz do sol da manhã brilhando e refletindo alguns flocos flutuando na frente do painel de vidro ondulado. A Mãe Natureza, finalmente, quebrou seu estrangulamento na montanha.

— Isso é bom, certo? — De alguma forma, as palavras não parecem verdadeiras, embora seja o que esperávamos.

Beau, lentamente, acena com a cabeça e roça o polegar na minha bochecha.

— Sim, é. — Ele engole em seco, seu pomo de Adão balançando sob sua pele. — Você poderá sair daqui em alguns dias, supondo que o Sol continue brilhando e um pouco da neve derreta.

Um peso de chumbo se instala na boca do meu estômago, tornando difícil falar.

— Sim. Acho que posso sair do seu caminho, então.

Ele vira lentamente a cabeça para trás e olha para mim.

— Você não está no meu caminho. — Vagarosamente passa os dedos pelas longas mechas loiras espalhadas em seu colo, então estende a mão e as esfrega em seus cabelos escuros mais curtos e bagunçados. — Caso você não tenha notado, é relativamente curto.

Uma piada?

Uma risadinha irrompe dos meus lábios e estendo a mão para arrastar meus dedos sobre sua barba.

— Isso é legal, no entanto.

Uma de suas sobrancelhas escuras se ergue.

— Oh, sério?

— As garotas de onde vim adorariam esse visual de homem da montanha rústico.

Especialmente Coleen.

Ele dá uma risada tão forte que me joga em seu colo, seu peito tremendo.

— Claro, com certeza. As mulheres adoram o visual de terrorista.

— Sério... é uma tendência agora. Você poderia estar na capa da GQ, e aposto que você fica completamente diferente sem barba...

Seu corpo enrijece e sua mão para na minha bochecha antes que ele a puxe com força, seus olhos semicerrados escurecendo.

— Eu, provavelmente, deveria me levantar e verificar o resto do dano que a tempestade causou. Além disso, a fogo vai precisar de algumas toras jogadas nele.

— Merda. O fogo. — Me inclino e esfrego os olhos, puxando o edredom em volta de mim contra o frio do ar e a mudança repentina de energia no cômodo. — Você não estava lá para alimentá-lo a noite toda.

Ele balança a cabeça, mas desvia o olhar, olhando para a janela, a parede, o chão, tudo menos para mim.

— Não. É por isso que está um pouco frio aqui agora. Provavelmente são apenas brisas, mas a casa retém o calor razoavelmente bem. A parte de trás da chaminé é a parede desse quarto para mantê-lo mais quente, mas tenho mantido mais intenso do que o normal para você.

— É minha culpa.

Tudo isso.

E o comentário que fiz sobre GQ e a barba o desligou mais rápido do que o Old Blue morreu naquela estrada.

Que jeito de tornar as coisas super estranhas, Brooke.

— Vou cuidar das toras enquanto você faz o que for preciso.

Sentado imóvel, Beau finalmente volta seus olhos para mim. Por um momento, parece querer dizer alguma coisa, talvez oferecer uma objeção à minha ajuda, mas, em vez disso, apenas acena com a cabeça e me observa enquanto me levanto totalmente, relutante, para libertá-lo de mim.

Puxo o edredom ainda mais apertado ao meu redor.

— Você realmente dormiu sentado assim a noite toda?

Desliza para fora da cama e geme, esfregando a parte inferior das costas.

— Sim. — Sua mão sobe para o pescoço e ele inclina a cabeça de um lado para o outro, um estalo alto vindo dela me fazendo estremecer. — Mas não se preocupe com isso. Já dormi em lugares piores.

De alguma forma, não duvido disso.

Algo aconteceu com Beau que o trouxe aqui para se trancar e, o que quer que fosse, o deixou com raiva do mundo em geral e com a intenção de mantê-lo afastado. Os vislumbres que me dá de como pode ser gentil, de como sua risada e sorriso iluminam seu rosto — esse é o verdadeiro Beau. Simplesmente, não quer mostrar ou reconhecer sua existência. E, agora, piorei

as coisas me agarrando a ele ontem à noite como uma criança carente.

Ele sai do quarto sem olhar para mim, sugando todo o calor do ar consigo.

Hoje vai ser divertido.

Enterro o rosto no travesseiro e dou um pequeno grito frustrado que é abafado pelo enchimento de penugem. Ficar enterrada sob as cobertas e fingir que ontem à noite — e esta manhã — não aconteceram soa como um sonho absoluto, mas depois de ter fodido com seu sono e suas costas, eu realmente deveria sair da cama e ajudá-lo com o que eu puder.

No entanto, o cheiro de Beau e o resto do calor do corpo nos lençóis onde ele serviu como meu travesseiro a noite toda, me mantém sob o edredom por mais tempo do que deveria.

Você não pode se esconder para sempre.

Essa é uma dura realidade que gostaria que não fosse verdade por um milhão de razões diferentes.

Lentamente me arrasto para fora das cobertas e me apresso para vestir minhas próprias roupas, que finalmente secaram — tudo menos minha calcinha, que preciso jogar fora ou descobrir uma maneira de lavar. Depois de nadar nas camisas e calças de moletom macias e grandes de Beau, as minhas parecem restritivas e ásperas contra a minha pele de uma maneira que nunca havia notado antes — quase sufocantemente apertadas.

Ou talvez a sensação de sufocamento seja mais sobre saber que a tempestade passou e terei que enfrentar o mundo real em breve.

Este era o último lugar que esperava me sentir segura. Mas, quando eu sair daqui, não sei onde vou parar. Se eu conseguir fazer o Old Blue funcionar novamente, posso ir para a cabana de Colleen, como planejado, e ficar por um tempo, ou pegar a estrada e me afastar ainda mais dos problemas e complicações que criei.

Mas não posso me esconder para sempre.

Ninguém pode.



Capítulo 7

Beau

A brisa gelada pós-nevasca me dá um tapa no rosto no momento em que saio da cabana, afastando qualquer calor persistente que senti enquanto estava sentado com Brooke em meus braços.

Você é tão estúpido, Beau.

Subir na cama com aquela mulher era a última coisa que deveria ter feito. Faça um chá para ela. Coloque-a perto do fogo. Deixe-a falar se precisar. Qualquer coisa, menos puxá-la em meus braços e deixá-la dormir na minha maldita virilha.

As chamas de atração por Brooke precisam ser apagadas, não alimentadas. Deixá-la acreditar, mesmo por um maldito segundo, que qualquer coisa pode acontecer entre nós é mais do que estúpido, é absolutamente perigoso.

Para ela.

Para mim.

Para o que estou fazendo aqui.

Pelo motivo pelo qual preciso estar aqui.

Uma rajada de vento joga flocos de neve em meu rosto, e coloco o chapéu mais apertado sobre as orelhas. Pisco contra a luz do sol brilhando

através dos últimos fiapos de nuvens no céu. As rajadas ainda caem — os últimos vestígios remanescentes da tempestade que trouxe Brooke até mim —, mas a tempestade está longe de terminar.

A noite passada provou isso.

Enquanto ela estiver aqui, mais perturbações em minha vida parecem inevitáveis. As quais continuarão me desequilibrando e me fazendo pensar sobre as coisas que deixei para trás há uma década e não posso voltar.

Não posso baixar minha guarda.

Esteja preparado.

É assim que tenho vivido desde que vim para a montanha. Nunca pensei que teria que aplicar meu mantra a um membro do sexo oposto.

A única maneira de superar isso é garantindo que não me meta em outra situação comprometedora com Brooke.

Isso significa evitar.

Evitar. Evitar. Evitar.

Meu novo mantra...

Graças a Deus há coisas suficientes para fazer em torno da propriedade para me manter ocupado com algo além de seu cabelo loiro macio e a pele pálida e sardenta...

Atravesso a área aberta em frente à cabana e desço em direção ao celeiro. Contanto que esses ventos diminuam e permaneçam relativamente calmos e outra frente não apareça, Brooke irá embora em alguns dias. No momento em que o xerife Roberts conseguir trazer algumas máquinas pesadas para retirar o carro dela e tirá-la da cabana. Enquanto isso, só tenho que manter a calma e garantir que ela não saia com nada que não deveria.

Como informações que trabalhei duro para manter escondidas...

Ou a porra do meu coração.

— Você poderia estar na capa da GQ... — Lembro de suas palavras. — Jesus, porra! — Minhas palavras flutuam no vento cortante enquanto destranco a porta do celeiro e abro. Ela não tem ideia de quão perto estava da verdade ou o quanto quero garantir que não saia.

Consegui permanecer anônimo aqui na última década, sem que

ninguém, exceto o xerife, soubesse da verdade. Não tem sido fácil ficar escondido em uma cidade pequena quando todo mundo fofoca e sabe tudo sobre todos, mas consegui ficar fora do radar e longe das pessoas que pulariam na chance de me localizar, passar por cima de cada um para me tornar notícia de primeira página.

Sozinho é seguro, e não tenho planos de mudar só porque uma linda mulher quebrada apareceu na minha porta. Nem mesmo alguém que me lembre como é ser homem novamente, sentir-se atraente e atraído por alguém. Sentir-se humano.

Mas os humanos são o problema.

Eles esperam coisas de você. Fazem exigências. Seguram você em padrões tão insanamente elevados que nunca poderão ser alcançados.

E os humanos cometem erros.

Terríveis.

Aqueles com consequências muito reais.

Os animais são muito mais fáceis de lidar...

Me agacho na frente do galinheiro, dentro do pequeno celeiro que abriga o gado, e estendo a mão para Betty Sue.

— Mas você nunca faz isso, não é, garota?

Ela cacareja e vem em minha direção para me dar sua saudação matinal usual. Pode parecer bobo, ou até insano para algumas pessoas, falar com uma galinha, mas quando você está aqui, às vezes você precisa de uma desculpa apenas para praticar e certificar-se de que se lembra de como falar.

Ainda posso falar, mas manter uma conversa normal ou interagir com as pessoas é uma arte que, aparentemente, perdi ao longo dos anos. Desde o minuto em que Brooke apareceu, fiz e disse coisas que só pioraram as coisas.

E adormecer com ela foi o último prego no maldito caixão.

Pare de lembrar como ela fica linda dormindo.

Pare de imaginar como o toque dela faz seu coração trovejar contra o peito.

Pare de pensar no que vai acontecer quando ela se for.

Nada disso importa, e a última coisa que devo fazer é tocar aquela

mulher. Não vai acontecer de novo. Não se eu tiver alguma força de vontade sobrando.

Acaricio as penas macias e sedosas de Betty Sue.

— Não se preocupe, garota. Ninguém vai substituir você.

Ela cacareja e bica levemente minha mão, quase como se estivesse me denunciando por minha mentira. Depois dos anos que esteve comigo, me fornecendo obedientemente ovos e companhia, me conhece melhor do que qualquer outra pessoa neste planeta, e seria ela quem realmente ficaria com ciúmes.

Me levanto e distribuo a ração, o que traz Joanne e Daryl, o galo, ambos ansiosos por um pouco de atenção e comida.

Joanne se aproxima, empurrando o bico em minha direção, quase como se estivesse me farejando como um cachorro e cheirando algo que ela não gosta.

— Você consegue sentir o cheiro dela em mim?

Eu, com certeza, consigo.

Um perfume suave e feminino que permanece, mesmo tomando banho com sabonete e xampu, ainda preenche cada respiração, mesmo aqui fora. Não faz o menor sentido, mas ainda é verdade. A mulher está abrindo caminho sob minha pele e literalmente em meus pulmões, e não posso deixar isso continuar acontecendo.

A lista de meia dúzia de coisas que preciso fazer aqui, de repente, não parece longa o suficiente. Mesmo que eu leve tempo e me mova devagar, essas tarefas durarão apenas algumas horas — no máximo. E vou voltar lá dentro, preso perto da mulher que está me deixando absolutamente louco.

Apenas mantenha o máximo de espaço possível entre nós nos próximos dias. Só isso.

É mais fácil dizer do que fazer, mas tenho que fazer o meu melhor. Caso contrário, vou ficar mais louco do que já estou. Em alguns dias, ela partirá e será como se nunca tivesse estado aqui.

Paro ao lado do curral onde Muriel e Jezebel esperam por mim, balindo e batendo os cascos, impacientes por minha atenção.

— Ei, meninas. Vocês duas também não estão com ciúmes, estão?

Muriel empurra a cabeça contra a palma da minha mão, desesperada por meu toque, da mesma forma que Brooke fez na noite passada.

Faz muito tempo desde que alguém precisou de mim assim... desde que eu precisei de alguém assim.

Quando meu mundo virou uma merda, eu corri. Me escondi. Me tranquei longe de tudo. Foi a única maneira que consegui lidar com isso.

Agora, Brooke está aqui, agarrada a mim como uma tábua de salvação, fugindo de algo que não consigo ver ou mesmo compreender, já que ela não quer me contar. E não deveria. Não sou a pessoa para ser sua rocha. Não quando estou desmoronando há anos, desmoronando lentamente, pedaços de mim e do que costumava flutuar nos ventos da montanha.

Não sobra nada.

Nada que valha a pena salvar.

Salvei Brooke, mas é tarde demais para que algo seja feito sobre mim.

Ela precisa ir embora para que eu possa voltar a ficar sozinho, como deveria estar.



Brooke

Minha terceira xícara de chá quente não ajuda a aquecer o frio que permeia o ar na cabana, desde que Beau saiu do quarto esta manhã. Mesmo com o fogo voltando a rugir na lareira e o líquido quente em minha barriga, ainda sinto arrepios na pele.

Pego o cobertor do sofá e o enrolo em volta de mim com um arrepio.

Onde ele está?

Pelo que parece ser a centésima vez nas últimas horas, vou até a janela na frente da cabana e o procuro no vasto e infinito branco, mas ainda não há nenhum sinal além de suas pegadas. Ele saiu na neve quando, basicamente, fugiu de mim antes mesmo de eu sair da cama.

Parece que isto foi além de tentar me evitar. Está começando a parecer que ele pode nunca mais voltar. Nem parou para tomar café da manhã antes

de sair daqui o mais rápido possível, e agora que estamos perto do almoço, não há nenhum sinal de que mudou de ideia e pretende voltar.

Me afasto da observação inútil na janela e examino a área de estar principal da cabana. O espaço nunca pareceu apertado antes. Na verdade, naquela primeira noite, eu pensei que era grande, mas, agora, o pensamento de ter Beau vindo e dividi-lo comigo faz borboletas vibrarem no meu estômago.

Estaremos basicamente um em cima do outro aqui, da mesma forma que estive com ele ontem à noite. Não há nenhum lugar para realmente se esconder aqui, nenhum lugar para fugir dele, de qualquer que seja esse sentimento.

Depois de limpar a cabana duas vezes, não há mais nenhuma partícula de poeira escondida em qualquer lugar para eu encontrá-la. Não tenho mais para onde ir, nada mais para fazer para passar o tempo até poder ir para a cama e tentar evitar enfrentar o constrangimento do que fiz. Mas mesmo lá, é tudo Beau.

Para onde quer que olhe, eu o vejo. Seu perfume permeia tudo. Até o ar cheira como o homem que estou começando a ver de uma maneira totalmente diferente.

O que diabos faço agora?

Meus dedos coçam por algo familiar, algo que já me trouxe alegria e me ajudou em alguns dos momentos mais sombrios da minha vida, mas não consigo tirar minha câmera da bolsa. Só de pensar em tê-la em minhas mãos novamente faz um suor frio brotar em minha pele para se juntar ao arrepio.

O pesadelo...

A única coisa que amo agora traz ansiedade por causa de um ato. Um erro. Um pesadelo que ainda não acabou. Preciso encontrar algo para ocupar minha mente, para não reviver isso repetidamente e sentir o mesmo terror de ontem à noite.

E não reviver o que aconteceu entre mim e Beau esta manhã...

Solto um suspiro pesado e sigo em direção à lareira, mas meus olhos se desviam para a porta à esquerda que permaneceu fechada o tempo todo em que estive aqui. Ele disse que não era outro quarto, mas pode ser onde guarda

seus livros.

Ler perto da lareira ontem à noite antes de dormir ajudou a passar o tempo, mas preciso de um livro diferente. Beau escolher “Razão e Sensibilidade” para mim, simplesmente, não me prendeu da maneira que costumava ser quando eu lia e relia na faculdade. Talvez porque minha vida seja diferente agora do que era antes, porque estou muito diferente por causa do que aconteceu.

Mas me perder em outro mundo, em uma página — em vez deste homem com olhos castanhos escuros que veem até o meu âmago que está preso aqui comigo — soa divino no momento.

Com um último olhar para a porta da frente que permanece fechada, sem um sinal de Beau retornar tão cedo, lentamente faço meu caminho até a misteriosa porta fechada à minha esquerda, puxando o cobertor mais apertado ao meu redor. Desconforto se move lentamente pela espinha, fazendo meus passos vacilarem ligeiramente.

Acalme-se, Brooke. É apenas uma porta fechada.

Giro a maçaneta e respiro fundo antes de empurrá-la para a pequena sala. Quase idêntico em forma e tamanho ao quarto, a luz do sol entra pela janela na parede oposta, através de uma grande mesa de madeira e sobre uma parede de estantes do chão ao teto.

Para que Beau precisaria de um escritório?

Ou uma mesa tão grande e ornamentada?

Me aproximo dela e passo meus dedos sobre a superfície de madeira lisa e bem gasta. Apesar de apresentar arranhões e marcas de anos de uso, é claramente amada e bem cuidada. Alguém a manteve em bom estado e, definitivamente, não foi feito por Beau, como tantas outras coisas nesta cabana.

Isso é velho, bem feito, caro. Algo que ele deve ter trazido para cá quando construiu esta cabana.

Por quê?

O homem da montanha com quem estou morando não parece ser do tipo que precisaria de uma mesa, muito menos de uma como esta. Ele passa o

tempo cortando lenha, cuidando dos animais e cuidando da cabana e do terreno.

Por que diabos ele tem isso?

É uma pergunta para a qual provavelmente nunca obterei a resposta. Sempre que nos aprofundamos remotamente em qualquer coisa pessoal, Beau se fecha ou fica tão irritado que evita a mim e a conversa. Eu realmente não posso culpar o homem. Não quando, literalmente, colidi com a vida dele e não tenho vontade de contar nada sobre a minha vida, também.

Apenas mantenha sua boca fechada, Brooke. Encontre um livro para ler e pare de se perguntar o que motiva Beau.

Já deveria ter aprendido que tentar descobrir o que leva os homens a fazerem o que fazem é um esforço inútil. Um que leva à dor e à destruição.

Em vez de pensar na mente desconhecida do homem com quem estou presa aqui, concentro-me nas estantes de livros. Elas se elevam sobre mim muito mais alto do que posso alcançar, cheias de belas cópias antigas encadernadas em couro de todos os clássicos, bem como capas duras e brochuras modernas.

Sem muito o que fazer aqui — sem televisão, ninguém mais com quem conversar —, não deveria ser surpresa que ele tenha uma coleção como esta. O jeito que fala, as coisas que contou sobre seu pai, fica claro que ele é bem educado. Antes de eu aparecer, Beau provavelmente passava as noites em frente à lareira lendo pacificamente com uma bebida. Agora, o homem passa as noites cuidando de mim.

Passando os dedos pelas velhas encadernações de couro, paro em um título familiar: O Morro dos Ventos Uivantes. Ver meu livro favorito na estante de Beau me deixa um pouco emocionada, e o pego entre dois outros romances da irmã Brontë.

Eu poderia usar um pouco de Heathcliff agora.

— Que diabos você está fazendo aqui? — Me afasto das prateleiras, o livro cai da minha mão e bate contra o chão de madeira, me fazendo pular.

Beau está parado perto do batente da porta, com as bochechas vermelhas do frio e do vento, os lábios torcidos em uma carranca visível

através da barba.

Pressiono minha mão contra o coração acelerado, tentando recuperar o fôlego.

— Ah, meu Deus, você me assustou pra caramba.

Ele cerra os punhos ao lado do corpo, o corpo tenso, a mandíbula apertada.

— Que diabos você está fazendo aqui?

— Ah, — aponto para a estante de livros. — Eu só queria tentar encontrar algo para ler.

Seus olhos piscam da prateleira para o livro no chão, então de volta para o meu rosto.

— Cai fora.

— Desculpa?

Ele dá dois passos em minha direção, abrindo e fechando os punhos de uma forma que me faz dar meio passo para trás, até que minha bunda bate nas estantes, interrompendo minha retirada.

— Eu disse... cai fora. Este cômodo está fora dos limites.

Fora dos limites?

Revejo nossa conversa anterior quando perguntei a ele sobre os arranjos para dormir, mas não consigo me lembrar dele me dizendo para ficar fora deste quarto. Claramente, dada a sua reação, ele acha que estava implícito.

— Beau, eu não quis fazer mal. Eu...

— Cai. Fora.

A ansiedade aperta minha garganta, roubando qualquer outra palavra que eu possa oferecer como explicação ou pedido de desculpas, o que é bom, pois parece que ele também não quer.

Passo correndo por ele, lágrimas quentes ardendo em meus olhos.

Tudo o que eu queria era ler a história do obscuro anti-herói que se apaixonou pela mulher que não poderia ter. Em vez disso, tenho minha própria besta obscura, disposta a arrancar minha cabeça por alguma transgressão menor.



Capítulo 8

Beau

— Porra! — Meu rugido ecoa pelo escritório, nas paredes e no teto de madeira, nas vidraças e vibra em meus próprios ouvidos, carregando todo o peso da raiva e frustração que deveria liberar.

Me jogo na cadeira de couro do escritório e bato meus punhos contra a mesa, sacudindo os poucos itens que realmente tenho sobre ela. A porta do quarto bate, o som reverberando pela cabana e direto para o meu peito, apertando-o desconfortavelmente.

Brooke, sem dúvida, quer ficar o mais longe possível de mim depois que gritei com ela como um maldito psicopata quando a encontrei aqui.

Legal pra caralho.

Abaixo meu rosto em minhas palmas e as esfrego.

— Que porra você está fazendo?

Se eu soubesse a resposta para essa pergunta...

Na última década, pensei que sabia. Estava confiante de que havia descoberto uma maneira de continuar vivendo sem que o mundo me afetasse, fingindo que não existia mais, empurrando as memórias duras para os recantos escuros da minha mente, de onde elas não poderiam voltar para me assombrar — nenhuma do amor, da alegria ou da dor — mas bastam três dias e uma

mulher irritante para jogar completamente essa crença pela janela.

Acabei de ser grosseiro com Brooke sem motivo.

Esse tipo de raiva não sou eu. Não é como eu costumava ser. Não é como quero ser. No entanto, mesmo todo esse tempo aqui em cima não me ajudou quando se trata de lidar com a maneira como o que aconteceu me mudou.

Brooke não sabia que não deveria estar aqui, não tinha ideia de porque eu queria mantê-la fora, porque fazia isso. Mas quando entrei pela porta da frente e notei a porta do escritório aberta, me descontrolei — o mesmo descontrole que invade meus pesadelos quando eles vêm.

Tudo o que eu queria era impedi-la de ver tudo, de descobrir o que esconde. Se ela soubesse, isso mudaria tudo, não apenas entre nós, mas tudo. Mas ela não merecia isso, e nunca quis assustá-la depois da noite muito difícil que teve.

Brooke queria fugir, subir a montanha pelo mesmo motivo que eu: encontrar paz na solidão. Pelo menos, foi o que consegui juntar do pouco que ela está disposta a compartilhar comigo. Em vez disso, encontrou um homem zangado, sem mais habilidades sociais, que fica gritando com ela sem motivo.

Bom pra caralho, Beau. Seus pais ficariam tão orgulhosos.

Estendo a mão e pego a foto emoldurada na mesa e passo meus dedos sobre seus rostos sorridentes, mas evito olhar para o meu. Foi a última vez que estivemos todos juntos, a última vez que me lembro de sorrir... até que Brooke apareceu aqui.

Desde que ela chegou, sorri, ri, senti meu coração disparar e meu corpo ganhar vida de uma forma que mal me lembro e nunca esperei sentir novamente.

Essa mulher arranca o melhor e o pior de mim.

E isso é um grande problema.

Só há uma solução: preciso tirá-la daqui.

Rápido.

Coloco a foto no chão e alcanço minha única linha de vida para o mundo exterior.

— Departamento do xerife do condado de Okanogan. Aqui é Beau.

A estática passa pela linha antes que eu, finalmente, consiga uma resposta.

— *Beau, aqui é o xerife Roberts. Você está falhando, mal consegui te ouvir.*

Esfregando os olhos, me inclino para trás na cadeira.

— Apenas entrando em contato para ver como as coisas estão aí embaixo. Ainda tenho aquela visitante aqui em cima, que vai precisar de uma saída o mais rápido possível.

— *Ela está bem?*

Merda. Não fiz contato com ele sobre seu nome e o número.

— Fisicamente, sim, mas tenho certeza de que ela tem uma vida e pessoas para quem quer voltar.

E quero voltar à minha vida — por mais básica e miserável que possa parecer para ela.

— *Não acho que podemos chegar a trinta quilômetros daqui pelas estradas, Beau.*

Merda.

— O carro dela quebrou em algum lugar, talvez a cinco quilômetros da minha casa.

— *Vai demorar mais alguns dias até que possamos limpar até tão longe, e o helicóptero de Brewster está parado com muitas emergências devido à tempestade. Se sua visitante aí em cima está bem clinicamente, não posso justificar o empréstimo apenas para buscá-la.*

Aperto minha mão em volta do rádio e suspiro, lutando contra a vontade de jogá-lo do outro lado da sala. Por mais que eu odeie o que o xerife Roberts está me contando, não é culpa dele que Brooke ficará aqui mais tempo do que eu esperava.

— Eu imaginei isso.

— *Você já conseguiu o nome, data de nascimento, número de telefone da amiga dela?*

— Brooke Beck, mas não tenho data de nascimento ou número de

telefone. Ela disse que sua amiga não esperaria notícias dela por, pelo menos, uma semana.

— *Alguma ideia de onde ela é?*

— Seattle, eu acho, com base no que me disse. Na verdade, ela é de lá, mas não sei se estava lá antes de vir para cá.

— *E você disse que ela estava vindo para ficar na cabana de uma amiga do outro lado da montanha?*

— Sim, deve ter perdido o desvio.

Ele fica quieto por um momento, talvez verificando alguma coisa ou respondendo a uma pergunta de um de seus auxiliares na delegacia.

— *Sim, deve ter. Vou mantê-lo informado com quaisquer atualizações. Enquanto isso, aguenta firme. Sei que você vai ficar bem.*

Isso é meio estranho de se dizer.

Depois de todos os anos que Jim Roberts e eu nos conhecemos, ele sabe que posso sobreviver aqui sozinho, sem nenhum contato com o mundo exterior, por meses e meses seguidos e só ir à cidade para comprar suprimentos quando for absolutamente necessário.

Então, por que o comentário?

Talvez ele esteja preocupado com os danos que sofri na nevasca, mas sou mais do que competente para consertar as coisas o suficiente para me ajudar até que a ajuda chegue.

O empurro para o fundo da minha mente e devolvo o rádio ao seu gancho, enquanto empurro a cadeira para trás. Ela esbarra em algo no chão.

Ah, inferno...

O livro que Brooke estava segurando quando entrei.

Por que ela não poderia ter acabado de ler “Razão e Sensibilidade”?

Teria evitado esse confronto e a tensão resultante que certamente virá com isso por aqui.

“O Morro dos Ventos Uivantes” pesa na minha mão e pesa no meu coração. Abro a capa para ver o carimbo familiar que ainda me faz chorar toda vez que passo o dedo sobre ele.

Brooke provavelmente não vai reconhecê-lo, não como faria com

algumas das outras coisas em meu escritório, como a foto com meus pais e alguns papéis em papel timbrado da empresa.

Ela só queria um maldito livro.

Não há nada para ela fazer aqui. Não havia como ela manter a mente ocupada e longe do que quer que a impulsionou a subir uma montanha no meio de uma nevasca. Sei como é ficar preso em minha própria cabeça, procurando uma saída. Procurando outro mundo para onde fugir, mesmo que seja apenas em páginas.

Esses livros são a única verdadeira distração que tenho aqui. Porque no final do dia, não importa o quão exausto eu esteja de trabalhar o dia todo, de cortar lenha, de alimentar e cuidar dos animais, de caminhar, pescar e caçar... Ainda fico com minhas memórias.

O mínimo que posso fazer é dar a ela um livro para tentar ajudá-la a escapar das suas...

E oferecer um enorme pedido de desculpas.



Brooke

A batida na porta do quarto é tão suave que quase não ouço. Não teria se estivesse em casa, com os outros sons constantes da cidade para abafá-lo. Mas aqui, com nada além do vento e do silêncio, enrijeço imediatamente e engulo o nó na garganta.

Meu coração dispara, a adrenalina do confronto e a possibilidade de outro fazem meu sangue correr em meus ouvidos. Mas se Beau ainda estivesse chateado, nem bateria.

A porta não tem fechadura e é a casa dele. Ele estaria dentro de seu direito de entrar aqui e me dar outra bronca por invadir sua privacidade, embora acidentalmente.

— Pode entrar.

Apesar dos meus melhores esforços para soar confiante e não afetada pelo que aconteceu há alguns momentos, minha voz soa incerta, até mesmo para meus próprios ouvidos.

Beau abre ligeiramente a porta e, pelo menos, tem o bom senso de parecer arrependido do que acabou de fazer. Estende a mão para trás e esfrega o pescoço com uma mão enquanto segura um livro na outra.

— Eu, uhm, trouxe uma oferta de paz.

— O que é isso?

Seus olhos finalmente encontram os meus, encapuzados e pesados com preocupação e desculpas.

— O Morro dos Ventos Uivantes.

— Ah... — Dou de ombros ligeiramente e ofereço a ele um sorriso que eu realmente não sinto.

Ele está tentando. Está fazendo um esforço para se desculpar pelo que acabou de fazer, mas isso não remove o medo que cresceu em mim com sua raiva.

— Obrigada.

Beau dá um passo em minha direção e para antes de chegar à cama, talvez sentindo meu desconforto.

— Desculpe, agi como um idiota.

— Sim, você agiu.

— Não estava realmente pedindo confirmação.

— Eu sei.

Mas ele precisa disso.

Depois de viver sozinho por tanto tempo, ele perdeu toda sua capacidade de se comunicar com alguém, esqueceu completamente que ter alguém em seu espaço pessoal significa que coisas pessoais serão vistas e tocadas — embora eu ainda não saiba qual é o problema comigo estando no escritório.

Solta um suspiro pesado, seus ombros caídos.

— Como disse antes, não estou acostumado a ter outra pessoa no meu espaço, onde tenho coisas particulares. É uma desculpa esfarrapada para como me comportei, mas é a única que tenho. Juro, eu não era assim antes de...

Antes do quê?

A pergunta está na ponta da língua, mas ele não vai responder se eu

perguntar, então me concentro em outra coisa que me disse.

— Sua coleção de livros é particular? — Levanto uma sobrancelha para ele.

É uma coisa estranha ficar chateado, especialmente depois de compartilhar outro livro comigo ontem à noite.

— Mais ou menos. — Beau me oferece um pequeno encolher de ombros.

— Como assim?

Solta um suspiro pesado e lentamente se abaixa até a beirada da cama, mantendo distância, segurando o livro quase reverentemente entre as mãos.

— Era dos meus pais.

— Ah... — Isso ainda não explica nada. Não oferece nenhum esclarecimento sobre porque ele iria pirar por eu estar lá e tocar em um dos livros. — E a escrivainha? Notei que parecia antiga, como uma antiguidade.

— Era do meu pai. A única coisa dele que eu trouxe para cá. — Seus olhos cor de uísque finalmente erguem-se para encontrar os meus. — O vaso era a única coisa da minha mãe.

— Merda. — A bile revira meu estômago, deixando um gosto amargo de arrependimento em minha boca. — O vaso com o qual esmaguei sua cabeça?

O canto de sua boca se curva.

— Esse mesmo.

— Ah, Deus... — Enterro meu rosto em minhas mãos. — Sei que você vai gritar comigo de novo por dizer isso, mas eu sinto muito.

Tenho ferrado as coisas a torto e a direito desde o dia em que cheguei aqui. Não é à toa que ele está no limite e brigando comigo por tudo. Literalmente, destruí a única coisa que ele tinha de sua mãe e, então, me encontrou em seu escritório com a coleção de livros deles e a mesa de seu pai.

Sua mão grande e quente envolve meu tornozelo, dedos calejados roçando a pele nua logo acima das meias grossas envolvendo meus pés. Arrasto minha cabeça lentamente e olho para onde seu toque levanta arrepios na minha perna.

Ele aperta suavemente.

— Tudo bem. Sério. Foi um acidente... mais ou menos.

— Sim, mais ou menos. — Sorrio para ele, embora o peso da conversa ameace me esmagar. — Quis esmagar sua cabeça com isso.

— Exatamente. — Ele me oferece um meio sorriso.

— Falando nisso, como está sua cabeça? Estava sangrando de novo ontem à noite.

Mais uma vez, por minha causa.

Este pobre homem só queria ser deixado sozinho para viver uma vida tranquila, e eu a invadi e bati em sua cabeça... duas vezes.

Estende a mão e toca a ferida em sua têmpora, logo abaixo da linha do cabelo.

— Está bem. Parou de sangrar por conta própria antes mesmo de acordarmos esta manhã.

Acordamos juntos...

Ele puxa a mão do meu tornozelo abruptamente, quase como se tivesse acabado de perceber que ainda estava lá e olha para o livro.

— Bem...

Balanço meu olhar ao redor do quarto enquanto um silêncio constrangedor se instala sobre nós. Ele pediu desculpas, mas nada foi realmente resolvido. Ainda estou presa aqui — pelo menos por um tempo — e ainda estou em seu espaço pessoal, bagunçando sua rotina e planos, enfiando meu nariz onde não deveria.

E aqui nos sentamos em sua cama, a cama em que tenho dormido como se fosse minha, enquanto ele fica no sofá horrível. A menos que ele esteja dormindo sentado na cama por causa do meu colapso.

Pigarreio e me mexo ligeiramente.

— Estou feliz em ficar aqui, completamente fora do seu caminho até que eu possa ir. — Me movo em direção à porta. — Ou minha oferta ainda vale para você pegar sua cama de volta e eu vou dormir no sofá. Será mais confortável para você.

— Não. — Beau balança a cabeça com veemência. — Só me

preocuparia com o quão desconfortável você ficaria no sofá se eu estivesse aqui. Não conseguiria dormir, de qualquer maneira. — Esfrega sua nuca novamente. — Eu, uh, falei com o xerife.

Congelo, minha garganta seca quase instantaneamente. Fazendo o possível para parecer despreocupada, forço um sorriso.

— Ah, é? Sobre o quê?

— Sobre quando poderemos tirar você daqui. Ele disse que vai demorar, pelo menos, mais alguns dias antes que eles consigam alguém para dar uma olhada no seu carro, e não há outra maneira de sair daqui. — Ele se move na direção da sala. — Eu tenho um caminhão e um snowmobile, mas nunca conseguiríamos descer a montanha, e não seria muito bom mesmo se conseguíssemos, já que não há aluguel de carros e o seu está morto, de qualquer maneira.

— Verdade. — Assinto lentamente. — Não tinha pensado nisso.

Quando saí de Seattle, não tinha planejado muito. Tudo o que sabia era que precisava sair e, quando o mau tempo cancelou meu voo de última hora, simplesmente parti. A ideia de Old Blue quebrar, me deixando presa em algum lugar, por um período de tempo indefinido, nem passou pela minha cabeça.

Parece que, mesmo que eu pudesse sair daqui e descer a montanha, não iria a lugar nenhum sem o carro ligado. Se precisarem pedir peças ou não puderem consertá-lo, estarei ferrada.

— O que houve?

— Uhm?

Aperta minha perna novamente.

— Você parece chateada. Por que você vai ficar presa aqui comigo por mais alguns dias? Prometo que vou tentar não ser um grande idiota.

Rio e balanço a cabeça.

— Não, não é isso. Só estava pensando que, realmente, não pretendia ficar aqui por muito tempo. Uma semana, no máximo, na casa de Colleen.

— E então para onde? De volta para casa?

Ofereço a ele um encolher de ombros, envolvendo meus braços em

volta de mim com força enquanto a emoção obstrui minha garganta e luto contra as lágrimas.

— Não tenho mais certeza de onde é isso.

Algo pisca nas profundezas de seus olhos escuros, um lampejo de compreensão e compaixão e, algo mais, que não consigo identificar.

Não deveria ter dito isso a ele.

Todo o drama e turbulência em minha própria vida não é problema de Beau, nem para onde irei quando finalmente descer esta montanha. A única coisa que importa para ele é que terá sua cabana e sua solidão de volta.

Beau se levanta abruptamente, a mão estendida com o livro.

— Bem, aqui. Desculpe novamente por ser um idiota.

Me inclino para a frente para aceitá-lo, e minhas pontas dos dedos roçam as dele na capa, uma pequena onda de eletricidade subindo pelo meu braço e através do meu corpo. Beau puxa sua mão rapidamente e a aperta, olhando para longe de mim e em direção à porta.

Ele sentiu isso também.

O pesado romance encadernado em couro em minhas mãos traz mais conforto do que imaginei.

— Este é um dos meus favoritos.

Beau se vira para mim, e o menor sorriso aparece no canto de seus lábios.

— O da minha mãe também.

— Ah, é? Ela tinha uma queda por bad boys como Katherine tinha por Heathcliff?

Ele dá uma risada e balança a cabeça.

— Minha mãe? Ah, não. Meu pai era um dos garotos mais certinhos e nada mau que já conheci. Acho que a coisa de Heathcliff foi mais a fantasia do que ela nunca teria.

Pressiono minha mão sobre o título.

— E é muito mais seguro ler sobre isso em um livro e fantasiar do que sair procurando para tentar experimentar por conta própria.

Ele levanta uma sobrancelha escura para mim.

— Parece que você está falando por experiência própria.

O que significa que falei demais.

Balanço minha cabeça.

— Não. Só uma observação.

Beau balança a cabeça e olha ao redor do cômodo distraidamente.

— Bem, se houver outros livros que você queira, me avise, e ficarei feliz em pegá-los no escritório para você, se os tiver. Mas, caso contrário...

— Devo ficar bem longe de lá.

— Não é que eu...

Levanto a mão para detê-lo.

— Tudo bem. De verdade. Esta é a sua casa. Seu espaço pessoal. E estou em todos os lugares, incluindo sua cama.

Beau se move inquieto e tenho que desviar meus olhos de seu olhar aquecido. Em vez disso, focando na escuridão do lado de fora da janela.

— Respeito que não me queira lá, Beau, e prometo que não voltarei.

— Obrigado.

— Claro. Aprecio tudo o que você está fazendo por mim.

— Mesmo quando grito com você como um psicopata total. — Um sorriso surge em meus lábios e finalmente me viro para ele.

— Sim, mesmo assim.

Porque, de alguma forma, mesmo que ele tenha sido grosseiro novamente, mesmo que claramente não esteja totalmente no controle de si mesmo, ainda sei que nunca realmente me machucaria. Toda a frustração e palavras duras vêm de sua incapacidade de se relacionar, do fato de que ele não responde a ninguém há tanto tempo que se esqueceu de como se faz. Mas nunca colocaria a mão em mim. Isso ficou evidente quase desde o momento em que acordei em segurança em sua cabana.

Beau consegue empunhar aquele machado com precisão e habilidade para matar o que precisa para sobreviver aqui, mas essa violência nunca seria direcionada a mim. Não tem isso nele.

Se ao menos todos os homens deste planeta fossem como ele.



Capítulo 9

Brooke

“Se você olhasse para mim uma vez com o que sei que está em você, eu seria seu escravo.”

Fecho “O Morro dos Ventos Uivantes” e o coloco na mesinha de cabeceira de madeira ao lado da cama que Beau, sem dúvida, construiu para si mesmo, e fico olhando para a porta entreaberta, deixando que as palavras requintadas de Emily Brontë se infiltrem em minha cabeça e dilacerem o que sobrou do meu coração.

Que escrita magnífica.

Uma história tão sombria e enganosamente bela.

Cada vez que a leio, atinge os lugares profundos dentro de mim que mantenho escondidos, as verdades que me recuso a reconhecer.

Esta noite não é diferente, especialmente estando aqui com Beau. Apesar de seu pedido de desculpas — ou talvez por causa disso — eu o tenho evitado tanto quanto ele me evitou pelo resto do dia.

Enquanto eu comia o que restava do ensopado que fez na outra noite, ele passou o pouco de sol que restava depois de nosso confronto do lado de fora, enfiado no celeiro com os animais — além de trazer outro carregamento de lenha, convenientemente enquanto eu tomava banho.

Saber se ele estava realmente cuidando de algo essencial ou apenas procurando uma desculpa para não estar na cabana comigo, tem saltado em minha cabeça sem parar.

Assim como o que acontecerá quando ele retornar.

As coisas parecem diferentes entre nós de alguma forma, a tensão de duas pessoas sendo empurradas juntas inesperadamente se transformando em outro tipo de tensão. Uma das coisas não ditas.

Adoraria ser capaz de dormir e acordar com tudo de volta ao “normal” amanhã, para que possa passar o tempo que me resta aqui em relativa paz com o homem cuja vida estraguei completamente, quase tanto quanto estraguei a minha, mas não acho que haja um normal com Beau.

Ele fica zangado e volátil às vezes, incapaz ou sem vontade de se controlar. No entanto, por mais que seja essas coisas, também está sempre perdido, mesmo na casa que construiu para si mesmo.

Depois de ver o jeito que falou sobre seus pais hoje, a angústia em sua voz foi o suficiente para sugerir que eles são, pelo menos, parte do motivo pelo qual veio até aqui. Mas há algo mais— uma verdade mais sombria sobre a qual não quer falar. E não sou eu quem vai tentar arrancar isso dele, não quando estou fugindo das minhas dores do passado, também. Não quando os pesadelos ameaçam invadir meus sonhos novamente esta noite com memórias que quero manter enterradas, mas ainda estão tão frescas que até agora estão gravadas em meu cérebro.

À medida que a luz do sol da tarde desaparece na escuridão, o mal-estar começa a tomar conta de mim quase imediatamente. Ler por horas e horas — quando deveria ter fechado os olhos e tentado dormir um pouco há muito tempo — apenas atrasou o inevitável e me deu mais tempo para temê-lo.

As imagens do pesadelo da noite passada continuam passando pela minha cabeça, repetidamente, cada vez mais vívidas. Mas não sei quanto tempo mais posso continuar forçando meus olhos a se abrirem toda vez que eles tentam se fechar.

Não quero que aquele pesadelo volte por uma centena de razões

diferentes. O menor dos quais, está agora deitado no sofá, provavelmente dormindo como um maldito bebê.

Beau não tem intenção de deixar que nos aproximemos, nem de revelar nada mais do que fez quando me trouxe aquele livro, o que provavelmente é o melhor, já que estarei partindo em breve e só Deus sabe onde vou parar. O motivo de ele escolher ficar aqui trancado longe do mundo é somente da conta dele.

Claramente, quer ficar escondido e, agora, estou confiante de que não teve nada a ver com meu medo inicial quando o vi segurando aquele machado. Ontem à noite, seus braços me trouxeram tanta paz e conforto. Era sua força que mantinha os demônios afastados.

Como vou dormir sem ele esta noite?

O mero pensamento faz meu peito apertar e os pulmões pararem. A escuridão se insinua pela janela, a pequena luz na mesa de cabeceira não é suficiente para realmente mantê-la do lado de fora.

Não posso ficar aqui.

Em breve, a noite me levará ao sono, e o sono me arrastará para o horror do qual não posso fugir.

Saio da cama, enrolo o cobertor em volta de mim e caminho em direção à porta com passos suaves e cuidadosos, parando para ouvir. O silêncio absoluto de estar no meio do nada me cumprimenta, quebrado pelo ocasional ruído vindo do fogo na sala de estar.

A luz e o calor que fornece, atuarão como um escudo contra a escuridão e as verdades que me perseguem.

Esperançosamente...

Saio na ponta dos pés, puxando o cobertor em volta de mim, e vou até a sala. Beau está sentado no sofá olhando para o fogo, um copo com um líquido âmbar na mão.

Um segundo se passa em que quase considero voltar e deixá-lo em paz, mas, então, olha para cima.

Seus olhos, cheios de uma dúzia de emoções diferentes, encontram os meus.

— Você está bem?

Considero mentir, mesmo quando a verdade escapa dos meus lábios.

— Na verdade, não consigo dormir.

Sua sobranalha cai.

— O que há de errado?

Minha vida inteira está em pedaços.

Faço uma pausa por um segundo, parte de mim querendo desesperadamente revelar mais do que posso, mais do que é seguro para mim.

— Estou preocupada com a volta do pesadelo.

Ele solta um suspiro longo e pesado e dá um tapinha na lateral do sofá ao seu lado.

— Sente-se. Também não consigo dormir.

Provavelmente porque o forcei a sair da sua própria cama e vir para este sofá.

Lentamente me aproximo e sento no couro ao seu lado, puxando o cobertor mais apertado em volta de mim.

— Quer uma bebida? — Ergue o copo e o inclina para mim.

Beber para resolver os problemas nunca funcionou bem para ninguém a longo prazo, mas, no momento, parece uma maneira tão boa quanto qualquer outra de lidar com minha ansiedade.

Aceito seu copo e tomo um gole do líquido quente e picante.

— Isso é bom. Nunca fui muito de beber Bourbon, mas até eu posso dizer que isso é bom.

Ele me oferece um meio sorriso.

— Este, definitivamente, é dos bons. Um dos poucos luxos que garanto ter disponível aqui.

— Como você conseguiu isso? — Não há como a loja de bebidas local na pequena cidade na base da montanha vender coisas como esta. Não é um polo turístico e não tem bilionários comprando terras ao seu redor, então não haveria razão para mantê-lo em estoque.

— Um velho amigo envia uma caixa para a cidade todos os anos para mim.

— Deve ser um bom amigo para fazer isso por você.

Beau acena com a cabeça lentamente e pega a bebida de mim.

— Depois de trabalhar comigo ou para mim por apenas vinte anos, ele definitivamente sabe do que gosto e quero ter ao meu dispor.

— Trabalhando para você?

Por que ele possivelmente teria alguém trabalhando para ele?

Durante meu tempo aqui, não vi outra alma ou qualquer evidência de que alguém já esteve aqui para ajudar Beau em suas terras.

Seus ombros enrijecem, como se percebesse que acabou de dizer algo que não deveria, e volta seu foco para o fogo.

— Quer me contar sobre o sonho? Supostamente, falar sobre isso ajuda.

Bufo e balanço a cabeça. Embora seja uma tentativa tranquila de mudar de assunto, não tenho planos de me aprofundar nas coisas que me impedem de dormir.

— Você quer me contar sobre o seu?

A admissão que ele fez outro dia de que também tem pesadelos foi uma das poucas vezes em que deixou algo pessoal escapar, e foi o suficiente para me informar que também passou por algo terrível. Mas quer falar sobre isso tanto quanto eu — zero.

Ele me lança um olhar, como quem diz “*aham, claro*”.

Rio, e isso traz um pouquinho de alívio para a tensão que venho carregando.

— Foi o que pensei.

Brincando com as pontas do cobertor, enrolando a franja nos dedos, olho sem rumo para o fogo, observando as chamas dançarem tão lindamente.

Ele pode estar certo, no entanto.

A razão pela qual as pessoas vão a psiquiatras é porque discutir o que está incomodando você deve ajudá-lo a classificar seus pensamentos e sentimentos e, talvez, ajudá-lo a chegar a uma conclusão que pode aliviar sua ansiedade.

Talvez haja uma maneira de dizer a ele sem realmente dizer a ele.

Espio por cima do ombro.

— Alguma vez aconteceu algo ruim em sua vida que deixou uma marca, uma mancha em você da qual não consegue se livrar?

Sua mão aperta ao redor do vidro, e engole metade enquanto mantém seu olhar fixo nas chamas.

— Pode-se dizer que sim.

Depois de um momento, olha para mim. Espero que elabore, mas sei que não vai. O homem nem me diz o sobrenome. De jeito nenhum vai se abrir comigo sobre as coisas que o aterrorizam.

— Bem...— Levanto minhas pernas e envolvo meus braços em volta dos meus joelhos. — Não queria apenas fugir por um tempo. Tive que fazer isso porque algo aconteceu.

Isso é tudo que posso dizer a Beau. Qualquer coisa a mais colocaria nós dois em risco, e não vou arrastá-lo para a minha confusão. Não quando tudo o que fez foi me salvar e abrir sua casa para mim. Não merece ter que carregar o fardo dos meus erros. Esse é um peso que tenho que carregar sozinha.

— Era sobre isso o seu pesadelo? O que quer que tenha acontecido?

Concordo.

— Sim e, sinceramente, não sei se algum dia poderei voltar, mesmo que quisesse.

— E os seus amigos?

Suspirando, passo a mão pelo meu cabelo, então puxo o cobertor em volta de mim ainda mais apertado, como uma armadura contra a realidade da situação em que me encontro agora.

— Colleen é minha melhor amiga. Aquele cuja cabana vim passar um tempo. Somos amigas desde os dez anos e morávamos no mesmo condomínio de apartamentos, no mesmo andar. Definitivamente sentiria minha falta, mas entenderia porque não voltei.

— Por que você não voltaria?

— Não posso...

Não com o que está me aguardando.



Beau

Reflico por um momento, observando a maneira como o fogo valsa em seu rosto e ilumina seus olhos, apesar de estarem tão pesados de tristeza. A dor em sua voz quando fala sobre Colleen, atinge o coração do único arrependimento que tenho por ter vindo para cá — deixar Nate para trás. Figurativamente e literalmente.

Devolvendo o copo a Brooke, tento oferecer a ela todas as garantias que posso, embora ache que fugir não seja a resposta para ela, mesmo que fosse para mim.

— Qualquer bom amigo entenderia.

Sua testa está franzida.

— Seus amigos entendem por que você está aqui?

Já falei demais, ofereci a ela mais do que deveria, mas algo me diz que ela não vai revelar nada disso, de qualquer maneira. Não parece do tipo que revela os segredos dos outros quando nem revela os seus.

— Alguns deles, sim. Muitos deles, não. Há pessoas presas a obrigações e que pensam que fugi delas.

No que me diz respeito, é melhor deixar o passado no passado, mas Nate queria estar lá para mim, queria se curvar para me ajudar da maneira que pudesse. No entanto, me afastei de seus esforços como se ele não os estivesse fazendo. Como se não significassem nada, quando, na verdade, eles significavam o mundo para mim e eu, simplesmente, não estava em um bom lugar para realmente dizer ou mostrar isso a ele.

Isso o machucou mais do que eu gostaria de admitir para mim mesmo. Porque se eu fizesse, poderia realmente considerar — por uma fração de segundo — voltar para tentar fazer as pazes com ele, de qualquer maneira que conseguisse.

— Obrigações? — Suas sobrancelhas se erguem. — Como o quê?

Dou de ombros o mais indiferente que posso e olho para o fogo. Essa conversa pode tomar um caminho muito perigoso muito rápido se eu deixar.

— Meio que abandonei o negócio da minha família quando vim para cá. Ainda estou um pouco envolvido, mas principalmente deixo as coisas nas mãos muito capazes de outras pessoas. Há alguns que não estão muito felizes com essa decisão, mas tiveram que aprender a conviver com ela nos últimos dez anos.

Um silêncio paira entre nós, e me viro para encontrá-la ainda encolhida sob o cobertor, o lábio inferior puxado entre os dentes. Ela claramente quer se aprofundar mais nisso, quer que eu confesse meus próprios segredos para que não tenhamos que nos concentrar nos dela.

As olheiras ao redor de seus olhos provam que o estresse — tanto físico quanto emocional — dos últimos dias, definitivamente, a afetou.

— Você realmente deveria tentar dormir um pouco.

— Sim. — Ela toma um gole do uísque e me entrega o copo, então lentamente se levanta, puxando o cobertor mais apertado ao seu redor antes de se virar para mim. — Você poderia... — Ela para e olha para o fogo, evitando encontrar meu olhar, se movendo em seus pés descalços. — Você viria dormir comigo de novo?

Droga...

Agarro o copo com força de ferro e o levo lentamente aos lábios para beber o resto.

Como posso dizer isso sem ferir seus sentimentos ou fazê-la pensar a coisa errada?

Deslocando-me no sofá, inclino-me para a frente e rolo o copo vazio entre as palmas das mãos.

— A noite passada e esta manhã não foram... boas.

Não é bom para mim.

Não é bom para ela.

Não é bom para ninguém no final.

Ela continua a me observar, com os olhos úmidos de lágrimas não derramadas.

Bem, merda.

— Só não acho uma boa ideia, Brooke.

Seu maldito lábio inferior desaparece sob os dentes, como se o estivesse mordendo para tentar se impedir de chorar.

Meu peito aperta desconfortavelmente, e balanço minha cabeça, tentando dissipar a voz irritante no fundo da minha mente.

— Se precisar de mim, é só chamar e irei.

Se Deus quiser, ela vai dormir como a porra de um bebê esta noite e eu vou ficar aqui neste maldito sofá.

Brooke me dá um aceno brusco, e uma única lágrima escorre de seu olho por sua bochecha.

Porra.

Fico tenso, o Bourbon quente e delicioso, de repente, azeda no estômago. Tem pavor de ficar sozinha, de fechar os olhos, do que vai ver, do que virá atrás dela no escuro.

E eu sou um idiota egoísta por não oferecer a ela o que posso para torná-lo melhor.

Ela puxa uma respiração instável, seu olhar cheio de lágrimas fixo em mim, implorando por algo mais. Quando não ofereço, se vira e caminha lentamente de volta para o quarto sem dizer mais nada.

Bato o copo vazio na mesa de centro.

— Porra!

Passando as mãos pelo cabelo, me levanto e jogo mais alguns troncos no fogo um pouco forte demais, fazendo faíscas e cinzas voarem, e caminho na frente do inferno.

A porta do quarto se fecha, prendendo-a ali.

Longe.

A salvo de mim.

Mas não dos perigos que vêm para ela com o sono.

O que quer que a tenha enviado aqui é ruim. Ruim o suficiente para nem querer, ou poder, voltar a pensar. Tudo o que precisa é de alguém que esteja ao seu lado, em algum lugar para onde recorrer quando os terrores voltarem.

Consigo fazer isso, não consigo?

Parece que não sei mais nada. A dor em que mergulhei por uma década ameaça me dominar às vezes, mas estou disposto a deixar outra pessoa sofrer para tornar as coisas mais fáceis para mim.

O que isso diz sobre mim?

Nada de bom.

Não é o tipo de pessoa que quero ser. Mesmo aqui em cima, a humanidade me encontrou. Encontrou uma maneira de me forçar a enfrentar a realidade de viver com outras pessoas que têm sentimentos, desejos e medos.

Olhando para o fogo, solto um suspiro pesado, tentando liberar um pouco da relutância que me prende neste cômodo quando Brooke está no outro, apavorada e sozinha.

Sou um maldito covarde.

Não foi como fui criado, não é como eu costumava ser, e odeio isso.

Seja homem, Beau.

Só preciso de alguns passos para me levar pelo corredor até a porta. Parando com a mão na maçaneta, coloco a testa no painel de madeira e respiro fundo várias vezes. Eles não fazem absolutamente nada para acalmar meu coração acelerado ou para amortecer o trovão do sangue correndo em meus ouvidos.

Giro a maçaneta e abro a porta com facilidade. Brooke vira a cabeça na direção do barulho, mas fica embaixo das cobertas, de costas para o centro da cama, sem perceber minha presença.

Se não me quisesse aqui, me diria. Ela não tem medo de me dizer exatamente o que quer ou precisa desde que chegou aqui. Esta noite não deve ser diferente.

Fecho a porta atrás de mim e caminho lentamente ao redor da cama que nunca pensei que dividiria com alguém, levanto a colcha e os lençóis e deslizo atrás dela.

Aquele maldito perfume leve e ligeiramente floral que carrega, invade minha próxima respiração, aperto meus olhos fechados e cerro os dentes contra a resposta do meu corpo.

Brooke olha por cima do ombro para mim.

— Obrigada.

Apesar do meu melhor julgamento, estendo a mão e a coloco na curva de seu quadril e aperto suavemente, mas não ousa me aproximar, deixando meu corpo pressionar contra o dela. Isso significaria um desastre absoluto.

— Estarei aqui para lutar contra qualquer demônio que vier atrás de você esta noite.

O que ela não sabe é que, o que trago comigo pode ser muito pior.



Capítulo 10

Beau

Pela primeira vez em dez anos, acordo com a sensação de um corpo quente e curvilíneo pressionado contra o meu. Sua bunda macia pressionando contra meu pau duro me faz congelar e apertar meus olhos fechados.

Porra.

Faz muito tempo desde que estive duro por qualquer coisa que não fosse minha própria mão e, mesmo isso, não acontece com muita frequência. Nem me lembro da última vez que precisei desse tipo de alívio.

Aqui em cima, não há muitas coisas para estimular meu desejo sexual e, depois do que me fez fugir em primeiro lugar, gozar não parece mais tão importante.

Sexo nada mais é do que lembranças — tão antigas e distantes que mal consigo arrastá-las do fundo da minha mente quando tento. Mas isso não está distante. Isso é muito próximo, pessoal e muito real. Brooke se mexe ligeiramente durante o sono, empurrando-se contra mim para se aconchegar ainda mais daquele jeito que as mulheres fazem durante o sono, mesmo sem perceber.

Porra. Porra. Porra.

Meu pau estremece e rolo para longe dela, mas não consigo ir muito

longe, meu braço está preso embaixo dela. Embora eu tenha adormecido há muito tempo com seu peso pressionado sobre ele, estou muito ciente de onde minha mão descansa, roçando a parte inferior de seu seio.

Porra. Porra. Porra.

A noite passada foi tão boa quanto ruim.

Nada aconteceu — além de ela voltar para os meus braços para que eu pudesse segurá-la até que adormecesse durante toda a noite. Mas a tensão crescendo entre nós — e em mim — só aumenta quanto mais tempo ficamos juntos.

Cada pequeno gemido em seu sono.

Cada pequeno movimento que roçava seu corpo contra o meu.

Tudo isso só me feriu ainda mais.

No entanto, de alguma forma, consegui ter uma das melhores noites de sono que já tive — e não apenas desde que vim para cá. Nenhuma lembrança me atormentava. Nenhuma velha ferida foi reaberta. Sem arrependimentos.

Apenas dormi.

Mas, agora, meu corpo anseia por algo que absolutamente não pode ter.

Brooke precisava de consolo ontem à noite. Não precisava de um esquisito pervertido e recluso apalpando-a durante o sono. Eu a toquei o mínimo possível, o mínimo que me permitiu, mas ela precisava do contato, dos braços ao seu redor, do conforto que eu poderia oferecer. Mas, certamente, não precisa acordar para encontrar essa evidência, muito óbvia, da minha excitação.

Lentamente puxo meu braço debaixo dela e viro meu corpo para trás, dando-me o espaço necessário para respirar, embora, quase imediatamente, sinta falta do calor e da suavidade dela contra mim.

Rolando de costas, respiro fundo.

Péssima ideia.

Seu cheiro invade meus pulmões, fazendo meu pau doer. Esfrego o rosto com as mãos e empurro as cobertas do meu lado da cama. Brooke se

mexe atrás de mim, prendo a respiração e olho por cima do ombro.

Por favor, durma. Por favor, durma. Por favor, pelo amor de Deus, durma.

Ainda de costas para mim, Brooke está completamente imóvel novamente, seu ombro subindo e descendo ritmicamente, sem dar nenhuma indicação de que está acordada.

Graças a Deus.

Preciso de um pouco de tempo sozinho, ou posso explodir. Isso seria embaraçoso para todos. Acima de tudo... para mim.

Levantando-me, paro por um momento e espero que ela se mova, mas sua respiração continua profunda. Pego algumas roupas limpas da cômoda e saio do quarto, fechando a porta atrás de mim o mais silenciosamente que posso. O leve rangido da dobradiça e o clique da trava caindo no lugar me fazem estremecer. Faço uma pausa para ouvir qualquer sinal de que ela acordou, mas tudo o que me saúda é a absoluta quietude e o silêncio da cabana, como costuma ser.

Embora as coisas definitivamente não sejam como costumavam ser. Estão tão longe do normal quanto é humanamente possível. Toda a minha existência aqui foi inextricavelmente alterada, meu mundo foi jogado fora de seu eixo de tal forma que nunca mais poderá voltar à sua rotação normal.

As coisas estão tão fodidas.

Meu pau dolorido me lembra disso quando vou na ponta dos pés até o banheiro e fecho a porta atrás de mim antes de, rapidamente, dar um passo para ligar o chuveiro o mais quente possível.

Uau.

Examinando-me no espelho, encontro um homem olhando para mim que mal consigo reconhecer. A barba cobrindo meu rosto começou a crescer além do que é socialmente “aceitável” e linhas escuras começaram a se formar sob meus olhos, fazendo-me parecer ainda mais velho do que me sinto.

O pequeno corte em minha têmpora parou de sangrar há muito tempo e provavelmente nem deixaria uma cicatriz, mas algo me diz que ter Brooke aqui, mesmo por tão pouco tempo, deixou uma marca definitiva em meu

coração e alma que não será tão facilmente esquecido.

Ela despertou algo que eu pensei ter morrido anos atrás.

Algo que deveria ter permanecido morto.

Tiro minha calça de moletom e deixo meu pau saltar livre. Um gemido de alívio escapa de meus lábios, o seguro em minhas mãos e acarício lentamente, enquanto o vapor finalmente começa a encher o banheiro.

Pode obscurecer meu reflexo, mas não pode esconder a angústia torcendo meu rosto, apesar de quão incrível é tocar minha carne latejante. Não deveria estar fazendo isso. Não deveria estar cedendo à necessidade, mas já passei do ponto sem volta aqui.

Tiro minha camisa, deslizo para trás a porta de vidro e me posiciono embaixo do forte jato de água...

Porra, isso é bom.

Deixando cair minha cabeça para frente, deixei a água atingir meu pescoço, ombros e costas enquanto pego meu pau na mão mais uma vez e aperto meu punho em torno dele.

Porra.

De alguma forma, esqueci como é bom. Que é bom e frustrante ao mesmo tempo. Como os homens podem ficar reprimidos e desesperados quando ignoramos nossos impulsos básicos. Os meus foram tão empurrados para os cantos mais distantes da minha mente que nem sabia o quanto precisava disso. Até que Brooke tropeçou no meu mundo, até que senti atração pela primeira vez em uma maldita década.

Arrasto minha palma ao longo do meu pau e gemo com o prazer que percorre meu sistema. Visões de Brooke puxando o lábio inferior entre os dentes passam pela minha cabeça e, de repente, se transformam nela de joelhos na minha frente. Aqueles lindos lábios em volta da minha carne dura.

Chupando.

Lambendo.

Brincando comigo.

— Porra! — A palavra ecoa pelo banheiro apertado, soando tão carente e frenético quanto me sinto.

Bato mais forte, mais rápido.

— Brooke... — Seu nome sai de meus lábios como um apelo desesperado, e acelero meu ritmo, acariciando e puxando meu pau, imaginando Brooke em todas as malditas posições que posso imaginar.

Tudo o que poderíamos fazer juntos preenche minha cabeça, imagino o aperto final de seus lábios ao meu redor enquanto agarra a base do meu pau com seu pequeno punho e engole, sua garganta ondulando ao meu redor.

Todo o meu corpo vibra e libero o que parecem ser anos de desejo sexual reprimido em uma liberação quente. Um gemido baixo sai dos meus lábios, longo e satisfeito. Algo que tanto precisava, mas que só me dei conta quando levantei aquela pequena mulher loira em meus braços lá fora na tempestade.

Um pequeno suspiro feminino vem da minha direita, e abro meus olhos. Através do vidro embaçado, uma Brooke de olhos arregalados está parada na porta entreaberta do banheiro, seu olhar fixo diretamente em mim.

Porra.



Brooke

Putá merda.

Essa pode ser a coisa mais excitante que já vi em toda a minha vida.

Mas realmente acabei de assistir Beau se masturbar no chuveiro como um voyeur bizarro?

A pulsação entre minhas pernas e o calor se espalhando por meus membros provam o quanto gostei do que vi, mas seu xingamento e seus olhos duros encontrando os meus me fazem sair correndo pela porta e entrar no quarto o mais rápido possível.

Ah, Deus. Ah, Deus...

Bato a porta e coloco minha testa contra ela, saboreando o alívio que a madeira fria oferece contra a sensação de calor tomando conta de todo o meu corpo. Tal contraste do frio constante que sinto desde que quase morri na neve.

Um sentimento totalmente novo, mas que eu definitivamente não deveria ter por Beau.

Me atrapalho na maçaneta da porta para trancá-la e evitar que ele me confronte sobre o que acabei de ver.

Porra. Sem tranca. Maldito seja, Beau.

Mas Beau não precisaria de fechadura. Pode fazer o que quiser. Ir e vir quando quiser. Ou pelo menos podia... antes de eu cair de paraquedas em sua vida.

E se ele entrar aqui?

O que eu diria?

O que eu faria?

Por mais que queira negar, eu provavelmente pularia naquele pau grande e bonito que ele tinha nas mãos. Deixaria me preencher e me dar o alívio que tanto preciso neste momento.

Minha garganta está repentinamente seca e aperto minhas coxas contra o latejar entre as pernas, mas tudo que fechar meus olhos faz é trazer a visão do que acabei de ver para a frente da minha mente.

Alto e claro. Vívido. Como se estivesse diretamente na minha frente novamente. Tão perto que posso estender a mão e tocá-lo; arrasto meus dedos por seu corpo duro e esguio, perfeitamente construído pelo trabalho árduo e pela determinação necessária para viver aqui sozinho; observo a água escorrendo sobre seu peito e aquela coisa em V; seus músculos se contraem e se flexionam enquanto ele passa a mão sobre o pau, torcendo quando atinge a ponta; a maneira como seus lábios se abriam em um grito silencioso quando estava prestes a gozar.

Porra, mesmo.

Deslizo minha mão para dentro da calça de moletom de Beau com a qual dormi e descubro o que sabia que seria verdade, já estou molhada. Meu corpo pronto e esperando por algo que há muito tempo não tinha, nem queria. Deslizo meu dedo pela minha excitação e subo para meu clitóris, estremecendo com o quão sensível está, até mesmo ao leve toque.

Deus...

Faz tanto tempo desde que me toquei assim, desde que qualquer coisa me deu vontade. Já que tudo o que deveria ser prazeroso, passou a não ser.

Um estremecimento de antecipação rola através de mim, e giro meu dedo médio em torno do botão sensível, o visual de Beau com a cabeça caída para frente, os músculos do pescoço tensos enquanto ele acariciava mais e mais rápido, meu nome em seus lábios quando gozou ajuda a me fortalecer e a tensionar o corpo.

Se ainda não tivesse uma mão contra a porta, poderia cair no chão com minhas pernas trêmulas.

Meu orgasmo aumenta, enrolando-se dentro de mim, cada vez mais apertado. Rolo meu dedo com mais força. Mais rápido. Apertando. Freneticamente para encontrar o alívio, assim como Beau acabou de fazer. Imaginando como seria tê-lo dentro de mim. Como seria quente, rápido e intenso.

E finalmente, finalmente, ele cai sobre mim como as ondas do oceano que nunca mais verei, rolando e crescendo, puxando tudo de dentro de mim que preciso liberar.

Empurro meus pés e suspiro, o que normalmente seria silencioso e despercebido soando alto no silêncio absoluto da cabana.

Deus, espero que ele não tenha ouvido isso.

Já é embaraçoso o suficiente ter me pego o observando. Se soubesse que vim aqui e me masturbei depois de me intrometer em seu momento muito pessoal no chuveiro, acho que nunca mais conseguiria olhá-lo nos olhos. Nem tenho certeza se posso agora.

Cristo... que confusão maldita.

Minha respiração pesada contra a porta finalmente volta ao normal, e o clique da porta do banheiro abrindo me faz congelar no lugar. Deve ter fechado depois que corri, talvez para se esconder de mim, talvez para se acalmar antes de me confrontar.

Oh Deus, se ele entrar aqui, vou morrer. Juro, vou morrer.

Volto correndo para a cama e me enfio debaixo das cobertas, deixando meu rosto coberto e me enterrando nelas o mais profundamente que posso

para esperar o confronto inevitável, que ele vai me acusar de espioná-lo, de assistir algo que absolutamente não deveria.

Mas a porta não abre.

E, com o passar dos minutos, começo a relaxar um pouco. Até que o som da porta da frente se abrindo e fechando me faz pular.

Ele saiu.

Isso me faz sentir pior ou melhor sobre toda a situação?

Oh, Deus...

Esfrego as palmas das mãos nos olhos e estremeço.

Você é tão idiota, Brooke.

Caindo de volta na cama, olho para o teto, tentando me concentrar na madeira dura acima de mim, em vez do que vi.

Mas, a forma quase perfeita de Beau, continua aparecendo na minha cabeça. Seu pau pesado em sua mão grande e calejada. O que só me faz imaginar como seriam aqueles dedos ásperos na minha pele macia.

Me contorço novamente e pressiono minhas pernas juntas. Meu clitóris lateja por mais atenção e, a memória do que acabei de ver, clareia ainda mais para revelar os detalhes que estava preocupada demais para notar inicialmente.

Cicatrizes...

Em seu peito e abdômen.

Algumas rosas pálidas, outras vermelhas e raivosas.

A clareza do que vi e, de alguma forma, consegui ignorar inicialmente em favor de obter minha própria liberação, é como água gelada sendo despejada sobre minha libido, e a culpa pelo que acabei de fazer me lava tão rápido que quase me afogo nela. Aquele homem sofreu. Algo horrível. Algo que faz as lágrimas rolarem pelo meu rosto.

O que diabos aconteceu com você, Beau?



Capítulo 11

Beau

Um vento gelado joga flocos de neve contra as partes expostas do meu rosto, e um arrepio percorre meu corpo pela primeira vez no dia. Uma coisa boa sobre me manter ocupado para evitar entrar e ter que olhar nos olhos de Brooke é que tenho me arrebetado e nunca senti o frio no ar. Mas agora que o sol se pôs e a escuridão caiu sobre a montanha, é uma história completamente diferente.

Os poucos flocos caindo levemente, que eram lindos apenas uma ou duas horas atrás, tornaram-se pequenas farpas afiadas contra a pele que não cobri com bigodes.

É inevitável. Tenho que entrar em algum momento. Por mais que eu queira, não posso evitar Brooke para sempre. A menos que queira dormir aqui com as meninas. Olho para o pequeno prédio que as abriga.

Na verdade, isso não parece uma ideia tão ruim.

Definitivamente preferível, a ter que me desculpar por ser tão idiota.

A mulher estava perturbada, assustada, com medo de fazer algo tão simples quanto fechar os olhos. Precisava de segurança em meus braços, não que eu esfregasse meu pau duro e me masturbasse como um adolescente com tesão para me livrar da ereção matinal, simplesmente por ela se aconchegar

contra mim.

Inferno.

Deve ter sido um dos melhores e piores orgasmos que já tive. Porém, já faz tanto tempo que, talvez, não esteja me lembrando de como realmente podem ser incríveis. Mas, depois de tantos anos sem estar com uma mulher e quase sem desejo sexual, essa libertação demorou a chegar.

Só queria que ela não tivesse testemunhado isso.

Isso vai tornar uma situação já embaraçosa e tensa, muito pior.

Olho para onde o caminho de cascalho, que leva até minha casa, ainda está enterrado sob pelo menos trinta centímetros de neve. Embora o sol que tivemos nos últimos dois dias tenha ajudado a derreter um pouco dela, especialmente na montanha, ainda há muito para passar antes que qualquer ajuda chegue para tirar Brooke daqui. Mas, pelo menos, se o xerife Roberts conseguir chegar onde quer que o carro dela tenha parado, posso levá-la até ele no *snowmobile*.

Amanhã ou no dia seguinte. Três dias, no máximo. Então, aquela pobre mulher pode ir embora sem ter que se preocupar comigo fazendo algo idiota ou assustador de novo.

Ela acordou depois de quase morrer congelada, preocupada que eu tivesse feito algo com ela. Agora que ela me viu me tocando, isso provavelmente voltou à sua mente. E não posso culpá-la por pensar assim.

Ninguém faria isso.

Estremeço novamente — tanto por causa do tempo, quanto por não querer fazer isso — e começo a caminhar de volta para a cabana. Mesmo com oito horas de sol aqui fora para não fazer nada além de pensar no que diria a ela, ainda não tenho ideia do que vai sair da minha boca quando abrir aquela porta e vê-la.

Provavelmente, algo completamente errado para a situação. Assim como tudo que pareço estar dizendo a ela desde que chegou aqui.

Você realmente estragou tudo, Beau.

Isso não deveria me surpreender, no entanto. Essa é a história da porra da minha vida. Aqui pensei que não ficaria muito pior. Depois da noite

passada, sei que não poderia estar mais errado.

Paro no final da escada e olho para a porta esperando, embora não tenha certeza do quê.

Para que abra. Para ela sorrir e me receber de volta e fingir que nada aconteceu. Para me enquadrar e me dizer que sou um nojento pervertido. Que seu lindo rosto aparecesse na janela como ontem, quando ficava lá muitas vezes e a via de relance me observando trabalhar.

Não houve nenhum sinal dela hoje. Provavelmente porque ela não quer me ver, e não posso culpá-la.

Quem iria depois daquela cena?

Balanço a cabeça, giro a maçaneta e empurro a porta para o calor bem-vindo da lareira crepitante e um aroma delicioso que enche o ar quente. Me atinge bem no rosto, e solto um suspiro. Aparentemente, nem percebi o frio que passei lá fora o dia todo.

Brooke manteve o fogo aceso o dia todo. Provavelmente deveria tê-la checado para ter certeza de que estava bem a esse respeito, mas desde que vi fumaça saindo da chaminé, me convenci de que era melhor ficar longe. Melhor para ela, para mim. Para nós dois.

Tudo o que ocupava minha mente era meu constrangimento total e absoluto pelo que aquela mulher viu esta manhã, por como isso a fez correr.

Procuro por ela na cabana. A porta do meu escritório permanece fechada. Exatamente como deixei quando saí. Ela me prometeu que não entraria lá e, por algum motivo, confio e acredito que sua palavra significa alguma coisa.

Ao contrário da minha, aparentemente, porque disse a ela que tinha parado de ser um idiota, então fui em frente e fiz a coisa mais idiota esta manhã.

Tiro meu equipamento, penduro para secar e sigo o cheiro de dar água na boca que vem da cozinha, esperando encontrá-la lá e enfrentar o que tenho temido o dia todo.

Seja homem, Beau. Enfrente as consequências de suas ações uma vez na vida.

Mas está vazia, exceto por uma panela no fogão. Quanto mais me aproximo dele, mais meu estômago ronca. Levanto a tampa e o cheiro picante de pimenta atinge meu nariz. Pular o café da manhã e o almoço não era inteligente, considerando quantas calorias queimei lá fora hoje, mas era melhor do que ter que vê-la e lidar com o julgamento em seus olhos verdes.

— Espero que goste de chili.

Merda.

Afasto-me da panela, quase derrubo a tampa e me viro na direção da voz de Brooke atrás de mim.

Ela está de pé dentro da cozinha, perto da mesinha. Suas mãos envolveram as costas de uma das cadeiras.

— Achei que você estaria com fome, já que não entrou o dia todo. — Seu olhar se volta para o pote, evitando encontrar o meu. — Procurei para ver que ingredientes você tinha. Espero que não se importe.

— Não. Claro que não me importo. Obrigado. Isso tem um cheiro incrível. — Coloco a tampa de volta no lugar e pigarreio. — Você não precisava fazer isso. Eu poderia ter feito alguma coisa.

— Eu sei.

Um silêncio tão pesado que ameaça quebrar meu ombro paira sobre nós e, olho em volta da cozinha para qualquer coisa menos Brooke, esperando que possa adiar o pedido de desculpas estranho.

Talvez se ela não mencionar, podemos fingir que nunca aconteceu. A negação é uma maneira muito real e legítima de lidar com as coisas. Pelo menos, é o que tenho dito a mim mesmo nos últimos dez anos. Negação e fuga, não enfrentando seus demônios... todos os bons caminhos a seguir.

Se você quer viver como um maldito eremita e assustar as mulheres com seu comportamento.

— Então... — Brooke dá de ombros e aponta para a mesa onde duas tigelas estão postas. — Vamos comer?

— Deixe-me tomar uma ducha bem rápido, se estiver tudo bem.

Seus olhos se arregalam um pouco e, internamente, me encolho.

Bom pra caralho, Beau.

A última vez que ela me viu “tomando uma ducha”, eu também estava me masturbando.

— Uhm, claro, — sua voz instável combina com o movimento inquieto em seus pés — Pode durar o tempo que precisar.

— Ok, já volto. — Passo por ela, prendendo a respiração para evitar sugar aquele cheiro doce em meus pulmões, e vou direto para o banheiro.

Normalmente, não me importaria em jantar ou ir para a cama cheirando a fumaça, diesel, meu charuto e suor de trabalhar na propriedade o dia todo, mas não quero sentar do outro lado da mesa de jantar e fazê-la sofrer com isso.

E Deus sabe que não serei estúpido o suficiente para fazer o que fiz no chuveiro de novo, embora meu corpo pareça achar que é uma ótima ideia depois de ver o rubor que se espalhou pelas bochechas de Brooke quando mencionei isso.



Brooke

O barulho da colher de Beau caindo em sua tigela vazia finalmente quebra o silêncio insuportável que paira entre nós desde o momento em que ele reapareceu após o banho, depois que passei dez minutos imaginando o que ele estava fazendo lá, reexaminando cada detalhe em minha mente, apesar de tentar não o fazer.

Sabia que as coisas poderiam ficar tensas depois do que aconteceu esta manhã, mas não esperava que ele me tratasse com indiferença dessa maneira.

Estranho, sim.

Gelado e distante, não.

Talvez eu devesse ter esperado, considerando o quanto violei sua privacidade ao espioná-lo em seu momento mais íntimo. É assim que vai ser entre nós de agora em diante. Tenho que me acostumar até poder descer a montanha.

— Isso estava incrível. — Beau se recosta na cadeira e aponta para a pequena cozinha enquanto esfrega a barriga lisa. — Obrigado. Não sei como

conseguiu juntar isso com o que encontrou aqui.

Dou de ombros e cutuco os restos no fundo da minha tigela.

— São apenas alguns feijões enlatados, tomates enlatados, alguns temperos e o que quer que seja aquela carne congelada.

Ele abre a boca, mas levanto minha mão para detê-lo.

— Não quero saber o que era.

O menor dos sorrisos se curva no canto de seus lábios — a primeira pausa no congelamento.

— Eu realmente acho que você ficaria bem em saber.

— Acho que você me dá muito crédito. Terei pesadelos com o esquilo que comemos até o dia da minha morte.

Beau ri e brinca distraidamente com o guardanapo de papel amassado na mesa à sua frente, observando-o como se fosse a coisa mais interessante que já viu.

— Olha... me desculpe.

Congelo e deixo minha colher cair na minha tigela.

— Pelo quê? Matar o esquilo?

Sorri para mim.

— Não.

Seu olhar se desvia do meu, em direção à janela escura, a estuda por um momento e, finalmente, fixar seu foco em mim novamente.

— Sobre esta manhã.

— E-eu não deveria estar no banheiro. É completamente minha culpa. Acordei e você tinha ido embora. Ouvi um barulho e...

Ele levanta a mão.

— E todos nós sabemos o que aconteceu depois disso.

Exceto que você não tem ideia de que corri de volta para o seu quarto e me aliviei pensando sobre como você estava gostoso enquanto fazia isso.

Pigarreio e tento não parecer afetada por essa conversa, embora possa sentir o calor subindo pelas minhas bochechas.

Maldito ser de pele tão clara.

— Não deveria ter me intrometido. Deveria ter saído imediatamente.

E...

— Você não saiu imediatamente?

Merda. Merda. Merda.

Suas sobranceiras escuras se erguem e a veia em seu pescoço lateja com seu batimento cardíaco acelerado.

Empurro minha cadeira para trás, pego minha tigela e contorno a mesa pegando a sua tigela, antes que possa se opor.

— Deixa para lá.

O som de sua cadeira raspando nas tábuas de madeira me faz estremecer, coloco as tigelas na pia e abro a torneira para lavá-las.

— O quanto você viu? — Sua voz vem baixa e rouca, diretamente atrás de mim.

Isso me faz pular um pouco enquanto esfrego uma das tigelas e a coloco no escorredor.

— Coisas que não deveria.

Pronto, falei. Agora ele sabe que não apenas entrei, o vi e fui embora. Sabe que o observei. Que fiquei lá como uma pervertida e gostei do que vi. Que não me afastei imediatamente como deveria, como qualquer um faria.

Cristo.

Se eu achasse que poderia andar na neve agora, rastejar para um banco e morrer sem que Beau viesse atrás de mim, com certeza tentaria.

Esfrego a outra tigela, sua presença pairando atrás de mim, o calor de seu olhar me queimando. Com apenas duas tigelas, rapidamente fiquei sem motivos para evitar essa conversa. Coloco a segunda no escorredor e volto para a pia para encontrar Beau colocando a panela, agora vazia, nela.

— Já coloquei as sobras na geladeira.

O que eu estava preocupada demais para notar.

— Obrigada.

Por mudar de assunto.

Se alguém tivesse me dito ontem que eu imploraria para falar de sobras e para lavar pratos, teria rido na cara deles. Mas hoje, gostaria de ter cozinhado para vinte pessoas em vez de duas, então isso me tomaria mais

tempo.

Não pensei que fosse possível morrer de vergonha, mas me enganei.

Tão. Enganada.

Seus olhos escuros seguem cada movimento meu enquanto esfrego a panela, coloco para secar e me afasto da pia — e, mais importante, dele — com o pano de prato, enxugo as mãos e vasculho a cozinha em busca de qualquer outra coisa que possa usar para ocupar meu tempo, em vez de arriscar voltar ao assunto incômodo.

— Bem, — solto um suspiro exagerado, — estou cansada. Acho que vou apenas ler no quarto.

Coloco o pano de prato no balcão, mas ele estende a mão e agarra meu bíceps gentilmente, me impedindo de sair correndo como eu tanto queria.

O calor de seu corpo irradia para mim tão perto, e todo o meu ser instintivamente quer se inclinar para ele, mas me forço a fazer o oposto.

— Não corra e se esconda no quarto, Brooke. Me desculpe se tornei as coisas estranhas. A última coisa que quero fazer é tornar seu tempo aqui desconfortável. Por favor. — Aperta meu braço gentilmente — Pegue seu livro e sente-se perto da lareira comigo esta noite. Podemos tomar uma bebida, se quiser. — Dá de ombros. — Ou não.

Por mais tentadora que seja a oferta, ter o calor do fogo se infiltrando pelo meu corpo e o crepitar suave da madeira seca preenchendo o silêncio, que é tão pesado nesta cabana, a ideia de me sentar lá com ele enquanto as visões de sua sessão solo dançam na minha cabeça, torna a ida para a cama sozinha muito mais atraente.

Vou dormir sozinha esta noite. Depois desta manhã, não há como Beau permitir uma repetição da noite passada, mesmo que isso me impeça de reviver o pesadelo horrível.

Algo me diz que outro tipo de sonho vai me atormentar esta noite. Um que vai me deixar quente, suada e carente, de uma forma que não ficava há muito tempo.

Tudo por causa deste homem — e do jeito que ele tinha a mão forte, que agora está em volta do meu braço, envolvendo seu pau esta manhã.

Merda.

Aperto meus olhos fechados por um segundo e balanço minha cabeça. Contra o meu melhor julgamento, ofereço a ele um pequeno sorriso, minha força de vontade para resistir lutando com o conhecimento do que tentar dormir trará.

— Ok.

— Bom. — Ele solta meu braço e passa a mão trêmula pelo cabelo. — Vou jogar mais algumas lenhas no fogo e servir bebidas. Você quer uma?

Meu Deus, sim.

Definitivamente, vou precisar de álcool para lidar com as poucas noites restantes que terei aqui com Beau.

Muito álcool.



Capítulo 12

Brooke

As chamas saltam na lareira, dançando e mergulhando ao som de sua própria música.

Me aconchego no canto do sofá mais próximo do calor e tento me concentrar na página à minha frente, que provavelmente já li mil vezes.

“Esteja sempre comigo — assuma qualquer forma — me deixe louco! Só não me deixe neste abismo, onde não posso te encontrar! Oh, Deus! É indescritível! Não posso viver sem minha vida! Não posso viver sem minha alma!”

As palavras familiares borram na frente dos meus olhos, qualquer capacidade de processá-las, aparentemente está perdida.

Quem estou enganando?

Não vou conseguir me concentrar neste livro. Não enquanto Beau estiver sentado a apenas trinta centímetros de mim, tão perto que posso sentir cada movimento que faz nas almofadas, cada vez que vira outra página em seu livro ou toma um gole do uísque que está sobre a mesinha.

Qualquer que fosse a tensão quando cheguei — eu caindo em sua vida e desconfiando dele — se transformou em outra coisa, semelhante, mas, notavelmente, diferente em alguns aspectos importantes. Principalmente

porque, agora estou me contorcendo constantemente e olhando para ele com o canto do olho. Observando a maneira como sua mão grande aperta o copo quando toma um gole. A maneira como seu pomo de Adão se movimenta quando engole.

Inferno.

Pego minha bebida e tomo um gole, deixando o líquido queimar minha garganta e aquecer minha barriga. Parece que horas se passaram desde que terminamos de comer e viemos sentar aqui para ler, mas é impossível dizer quanto tempo realmente estamos aqui sem um relógio. E, como não avancei mais do que algumas páginas desde que me sentei, isso também não está me ajudando a descobrir.

— Você está bem? — A pergunta de Beau vem carregada de preocupação.

Olho para ele e levanto uma sobrancelha.

— Como assim?

Ele aponta para o meu livro.

— Você está na mesma página há quase meia hora.

Droga.

Nunca fui particularmente boa em esconder meus sentimentos, e Beau é observador demais para algo como eu estar ausente por tanto tempo passar despercebido por sua atenção.

Fecho o livro e o coloco em uma mesinha ao meu lado.

— Estou tendo problemas para me concentrar.

Ele fecha seu livro e o coloca na mesa também.

— Sei bem o que você quer dizer. — Seus dedos tamborilam na capa de seu livro, e olha para mim. — Sei que já me desculpei antes... mas não consigo parar de pensar no que você disse sobre me observar.

Ai, inferno...

Deixo cair meu rosto em minhas mãos.

— Merda. Estou tão envergonhada.

— Quanto tempo você estava assistindo? — Sua voz, já profunda, diminui ainda mais. — Diga-me, Brooke. Quanto tempo?

O ar fica mais espesso entre nós e a memória de olhar boquiaberta para ele enquanto acariciava seu comprimento duro, preenche completamente minha mente, empurrando para fora todas as minhas melhores tentativas de mantê-lo trancado.

— Tempo o suficiente.

— Por que você não saiu imediatamente?

Meu Deus, ele vai me fazer dizer isso?

Abaixo minhas mãos e vejo que está me observando de perto, esperando por uma resposta. E, embora pudesse mentir, poderia dar uma desculpa para o que fiz, olhando para o homem que salvou minha vida, o homem que me confortou durante aquele pesadelo horrível, que me vestiu, me alimentou e me deixou invadir seu espaço pessoal, não consigo.

— Porque gostei do que vi.

Calor inunda meu corpo. Não tem nada a ver com o fogo ao nosso lado e tudo a ver com a forma como seus olhos castanhos me avaliam após minha confissão.

— Você gostou de me ver acariciando meu pau?

Gostar não é uma palavra forte o suficiente.

A imagem vívida pisca na minha cabeça novamente, e aceno lentamente, mordendo o lábio para evitar que um pequeno gemido escape.

— Sim.

Droga.

A palavra sai suave e ofegante, quase desesperada de uma forma que odeio.

Beau não reage, apenas se senta ereto, seu olhar acalorado passando por mim de uma forma que torna impossível olhar para ele. Desvio meus olhos para seu colo e a óbvia protuberância se formando ali.

— Eu... ouvi você também.

Inferno. Por que acabei de admitir isso?

— O que você ouviu?

A maneira como faz a pergunta, como se minha resposta fosse, de alguma forma, mudar tudo, me faz levantar meu foco de volta para ele e

mudar um pouco quando eu, realmente, deveria estar me afastando, me fechando para ele e para onde acho que isso pode levar.

— Você, dizendo meu nome.

Seus olhos brilham ainda mais agora, queimando minha pele como se estivesse pressionando uma chama diretamente contra ela, marcando-me de alguma forma com apenas um olhar.

— Você é a primeira mulher que já dormiu naquela cama. A primeira mulher com quem me deitei em uma cama em dez anos, Brooke. Mas, mesmo que não tivesse passado tanto tempo, ainda teria acordado com meu pau duro. Você é uma mulher linda. — Ele engole em seco. — Sinto muito por não ter conseguido me controlar. Me desculpe se isso te ofendeu. Desculpe, isso vai complicar sua estadia aqui.

— Beau, te garanto que não me ofendi...

A admissão escapa de meus lábios antes que eu possa impedir, e sua mandíbula endurece, como se estivesse lutando contra o desejo de dizer ou fazer algo que acha que levaria a algo que nenhum de nós deveria querer.

— Isso te excitou? — Pergunta tão baixo, sua voz tão áspera, que quase nem parece que a pergunta veio do homem com quem passei os últimos dias.

E é o eufemismo do ano...

Fazia tanto tempo desde que me senti assim, desde que meu corpo respondeu tão completamente a um homem dessa forma, que parecia estranho e novo. Quase mágico. Outra verdade que deveria esconder dele, mas que, de alguma forma, não posso esconder.

— Assistir você se tocar enquanto pensava em mim foi, provavelmente, a coisa mais gostosa que já vi na minha vida.

Seus olhos se arregalam ligeiramente, as mãos tensas em suas coxas.

— Sério?

Como Beau não sabe o quão gostoso ele é?

Poderia dizer a ele — afinal, já revelei demais — mas não consigo encontrar palavras. Em vez disso, apenas aceno com a cabeça.

Uma das sobrancelhas de Beau se ergue lentamente.

— Então, por que voltou correndo para o quarto? Por que fugiu?

Quando coloca dessa maneira, posso ver como pode pensar que fiquei chocada, zangada ou ofendida com o que vi. Mas fugir foi para o meu bem, não porque ele fez algo errado.

— Porque estava envergonhada por espionar, por ver você fazer algo tão privado e que nunca teve intenção de que eu visse.

Fiquei envergonhada com o quanto queria me juntar a você naquele banho.

— Você está certa, Brooke. Nunca pretendi que você visse isso. Mas você viu.

— Com certeza.

Ele me observa por mais um momento, analisando meu rosto como se fosse revelar algo que deseja confirmar, como se estivesse procurando por alguma verdade.

— O que você fez quando voltou para aquele quarto, Brooke?

Ah, Deus, ele sabe.

Ele sabe, porra.

O calor corando minhas bochechas agora não é do fogo, ou mesmo do constrangimento de Beau saber o que fiz. É o jeito que olha para mim, como um homem faminto que vê uma refeição em sua frente. Uma que ele está pronto para devorar.

Só que não tenho medo dele.

Nem um pouco.

Deveria ter. Deus sabe que deveria, mas o medo não é o que me enche sob sua avaliação escaldante.

Não adianta mentir agora. Se o fizesse, simplesmente me repreenderia.

Engulo e me viro para ele, perto o suficiente para que ele possa facilmente estender a mão e me tocar, se quisesse, mas não ousa encostar um dedo nele, não quando o menor roçar de nossa pele é capaz de me desligar.

— Me toquei, Beau. Me fiz gozar lembrando-me de como você parecia quando o fez.

— Porra, Brooke... — Ele aperta os olhos fechados e ajusta seu pau

duro na calça de moletom cinza que não pode escondê-lo. — Porra...

A frustração em sua voz combina com a minha. Uma coisa primitiva e pulsante que ameaça nos consumir.

Mesmo que haja um milhão de razões pelas quais eu não deveria, diminuo a distância restante entre nós, até que meu joelho encosta em sua coxa. Ele abre os olhos lentamente, hesitantemente, como se estivesse com medo do que vai encontrar quando o fizer, seus olhos de íris escuras e ardentes de luxúria olham diretamente para a minha alma.

Beau estende a mão e segura minha bochecha, roçando a ponta áspera e calejada de seu polegar com ternura.

— Esta é uma má ideia, Brooke.

— Eu sei.

— Não posso dar o que você quer.

O que eu quero...

Como se isso fosse tão fácil de explicar. Há tantas coisas que nunca terei, nunca poderei ter novamente. Todo o meu futuro mudou, foi alterado para outro caminho desconhecido e assustador, e nunca poderei voltar para aquele em que estava. Eu nunca iria querer. No entanto, sentada aqui com Beau, nesta cabana, nesta montanha, cercada por nada além de árvores e neve, sei o que quero neste momento.

Deixo minha mão vagar para agarrar seu pau duro e apertá-lo suavemente.

— Tudo o que quero é você.

— Porra... — Beau fecha os olhos novamente e inala uma respiração profunda pelo nariz, depois solta o ar lentamente pela boca. Como se estivesse procurando o controle que perdeu esta manhã.

Mas não quero que o encontre. Não quero que pense nos motivos para não fazer o que nós dois claramente queremos. Quero que essa tensão se quebre. Quero que isso se estilhace. Quero que tudo o que tenho sentido, desde que saí de Seattle, derreta como a neve derrete sob o sol quente do meio-dia.

Gentilmente o acaricio, saboreando a sensação dele ficando ainda mais

duro em minha mão, e ele range os dentes. Um músculo em sua mandíbula treme. Seu punho aperta ainda mais no topo de sua perna mais perto de mim.

— Por favor, Beau. Nós dois queremos isso...

— Que é, precisamente, a porra do problema, Brooke. — Seus olhos se abrem e se fixam nos meus, e vejo a profundidade da luta ali. Beau brigando consigo mesmo sobre se deveria ceder ao que seu corpo quer ou recuar porque sua mente não está pronta para, finalmente, me deixar entrar, de forma alguma.

Ajoelho-me ao lado dele e tomo seu rosto entre as palmas das mãos. Os bigodes ásperos de sua barba raspam contra minha pele, e me inclino, parando com meus lábios quase roçando os dele.

— Faça-me sentir bem, Beau. Faça-me esquecer por que tenho pesadelos. Faça-me lembrar o quão bom pode realmente ser.

— Jesus, porra, Cristo...

Seus lábios encontram os meus, roubando minha respiração, e um gemido satisfeito ressoa em seu peito e no meu.

Suspiro em sua boca e balanço minha perna em sua cintura para montá-lo, pressionando seu comprimento duro entre minhas pernas, exatamente onde eu preciso. Mãos fortes agarram meus quadris, tentando me manter firme, mas eu as giro, precisando do contato, buscando a fricção. Pressiono contra seu pau, e suas mãos apertam ainda mais, seus dedos com certeza deixarão marcas na minha pele da melhor maneira possível.

Afasta sua cabeça para longe de mim, sua mandíbula tensa, os músculos de seu pescoço tensos, e giro meus quadris novamente, mudando meu ângulo ligeiramente para atingir o ponto perfeito, exatamente onde preciso tão desesperadamente. Suas mãos ficam tensas novamente — impossivelmente apertadas — e seus olhos se arregalam ligeiramente, como se pudesse ver um trem descendo os trilhos em sua direção e não pudesse sair do caminho.

— Porra, Brooke. Você vai me fazer gozar.

Tão perto.

O calor aumenta em meu abdômen e se espalha em meu núcleo. Giro

meus quadris e movo para baixo novamente, movendo-me mais rápido e mais forte contra ele. Seus lábios encontram os meus em outro beijo esmagador, e um suspiro desliza de sua boca para a minha, enquanto seu corpo se acalma e depois estremece sob mim.

Um inferno de êxtase me envolve, consumindo meus membros, entorpecendo toda a minha dor e queimando todas as coisas que atormentam minha mente, deixando-as flutuar como cinzas no ar que nos rodeia, como a neve que me trouxe para Beau em primeiro lugar. Tremo em seu colo, meus movimentos erráticos e frenéticos, até que finalmente desmorono, deixando cair minha testa contra a dele e soltando uma respiração pesada e trêmula.



Beau

Achei que estava envergonhado antes, quando soube que Brooke me observou enquanto me masturbava, mas mesmo o brilho quente de um orgasmo não pode lavar a humilhação de gozar em minhas calças como um maldito adolescente que esvazia o saco pela primeira vez.

Bom pra caralho.

Brooke solta um suspiro satisfeito e joga a cabeça para trás, ajustando sua posição no meu colo enquanto pressiona sua boca na minha, deslizando sua língua em meus lábios.

Pelo menos ela chegou lá.

A única coisa que poderia ter tornado esta situação ainda mais mortificante, seria se me aliviasse como um adolescente virgem, enquanto ela ficava sem nada. Já faz muito tempo desde que a luxúria embaçou meu cérebro a ponto de me fazer perder o controle do meu corpo. Faz muito tempo desde que tive uma mulher como Brooke em meus braços.

Porra, nunca tive uma mulher como Brooke em meus braços.

Ela termina o beijo e se inclina para trás, travando seu olhar nebuloso em mim.

— Me desculpe, gozei como um adolescente com tesão transando pela primeira vez.

Um sorriso brincalhão surge em seus lábios inchados pelo beijo, inclina a cabeça para baixo e captura minha boca novamente, desta vez ondulando seus quadris contra minha semiereção, sua intenção clara. A umidade de ambos os nossos orgasmos encharca minha calça de moletom e a que ela está usando, mas não parece se importar, apenas continua a me excitar, deixando meu pau duro como granito novamente em meros segundos.

Ela passa as mãos pelo meu cabelo, puxando-o levemente.

— Acho sexy... que você não consegue controlar.

Solto uma risada e balanço a cabeça.

— Ejaculação precoce é sexy?

Aquele sorriso preguiçoso retorna quando ela olha entre nós.

— Neste caso, muito.

Ela aperta as pernas juntas de uma forma que faz meu pau doer para estar dentro dela mais do que eu sabia que era fisicamente possível.

— Quero você, Beau.

Aperto minhas mãos em seus quadris, lutando com o desejo de virá-la de costas neste maldito sofá e socar nela até o esquecer que há tantos motivos para não fazê-lo.

— Tem certeza? Eu não sei como...

— Sim.

Então me beija, silenciando minha capacidade de me desculpar novamente pelo fato de não saber o quão bom serei ou quanto tempo vou durar. Seus dedos macios brincam ao longo do cóis da minha calça de moletom. Desliza para trás lentamente. Levanto meus quadris e a deixo puxá-la para baixo e para fora, junto com minha cueca boxer. Seus olhos verdes quentes se fixam em meu pau exposto, que se contrai sob sua avaliação.

Já vi esse olhar antes, só que foi em um coitote que peguei perseguindo as galinhas que estavam no quintal quando o belo clima da primavera chegou.

Pura fome.

Brooke não tem medo de me dizer, ou me mostrar, exatamente o que quer, e não estou em posição de negar isso. Ela faz um carinho forte e longo no meu pau e desliza o polegar pela cabeça.

Pooooorra.

Deixo minha cabeça cair contra o encosto do sofá.

Jesus, por favor, deixe-me durar mais de trinta malditos segundos.

Pelo amor de Deus...

Existem inúmeras razões pelas quais não deveríamos estar fazendo isso. Meus segredos. Os dela. O fato de que ela partirá em questão de dias. O fato de que posso explodir novamente em cinco segundos... mas agora, nenhum deles parece importar.

Não quando a língua de Brooke desliza pelos meus lábios e empurra para entrar. Não quando me abro para ela e enrolo minha língua na sua. Não quando, facilmente, puxo para baixo o cós da calça já tão solto em seus quadris e os deixo cair no chão.

Ela sai deles, a calcinha que usava no dia em que salvei sua vida em nenhum lugar à vista, sua boceta brilhando à luz do fogo com seu recente orgasmo.

Meu pau pula, se esforçando e implorando para ser enterrado até o talo dentro de seu doce calor. Me abaixo e o agarro, acariciando-o lentamente para garantir que estou pronto para o que está por vir. Porém, algo me diz que nunca poderia estar totalmente pronto para esta mulher, para o que ela faz comigo, para o que está prestes a fazer comigo.

Ela veio até mim perdida, sozinha e congelando, fugindo de alguma coisa e precisando do meu conforto e apoio e, agora, está vindo até mim toda sedutora e confiante. E estou mais do que disposto a deixá-la me devorar, se é disso que ela precisa agora.

Só espero que nenhum de nós se arrependa.

Algo me diz que nós dois já nos arrependemos o suficiente, mesmo que ela não se abra e me diga o que realmente está acontecendo em sua vida. Mas, seus motivos para manter sua vida privada, não são da minha conta, especialmente quando estou escondendo dela tantas coisas importantes. Coisas que mudariam tudo entre nós na porra de um instante.

Brooke rasteja de volta para o meu colo e pega meu pau em sua mão, arrastando a cabeça pelos lábios de sua boceta molhada. Cerro os dentes e

agarro seus quadris, cravando os dedos neles, tentando encontrar uma maneira de localizar alguma aparência de controle para evitar o constrangimento novamente.

Seus lábios encontram os meus, ela envolve seus braços em volta do meu pescoço e lentamente se abaixa sobre mim.

Santa mãe de Deus!

Paredes quentes, úmidas e apertadas apertam minha carne dura, me sugando da mesma forma que sua dor e beleza fizeram nos últimos dias.

Ela afunda, torturantemente lento, até que estou totalmente dentro dela, tão fundo, parece que estou alcançando a porra de sua alma. Sua boca se abre em um suspiro, joga a cabeça para trás e me aperta possessivamente.

— Ai, Deus!

Ah, isso mesmo.

Não acredito no homem — ou na mulher? — há dez malditos anos, mas com sua boceta em volta de mim, seu corpo pressionado contra o meu, estou começando a ter um despertar religioso.

Ainda assim, não é suficiente. Não o suficiente.

Pego a bainha da minha camiseta que vai até o meio de sua coxa e a puxo para cima e sobre sua cabeça, expondo-a inteiramente para mim. Seios altos e redondos perfeitos e, uma extensão cremosa de pele macia, praticamente brilham à luz do fogo.

Enquanto a observo, ela se aperta ao meu redor, me fazendo cerrar os dentes de tanto prazer. Passo meu dedo em seu mamilo, ela engasga e se inclina para me beijar, sua língua sondando e rolando contra a minha quando começa a se mover no meu colo.

Lentamente se levanta, deixando meu pau escorregar de dentro dela — tudo menos a cabeça, aninhada dentro de sua boceta — e aperta, então abaixa novamente de uma forma que, com certeza, vai arrancar outro orgasmo de mim muito mais rápido do que eu gostaria.

Gemo em sua boca e belisco seu mamilo, o que rende outro pequeno suspiro e um gemido, enquanto ela se esfrega contra minha pélvis, buscando fricção contra seu clitóris.

Suas mãos frenéticas procuram a bainha da minha camisa, a puxa para sobre minha cabeça, em seguida, senta-se, com as mãos pressionadas contra o meu peito enquanto se move para cima e para baixo no meu pau.

Dedos pequenos e macios roçam a cicatriz no meu peitoral direito e, então, afundam sobre as duas cicatrizes no meu abdômen. Agarro seu pulso para puxar sua mão, mas, quando seus olhos verdes se arregalam em confusão, arrasto suas mãos até meus lábios para beijar seus dedos e suavizar o golpe de não querer seu toque ali. Seus olhos se estreitam um pouco em mim, mas continua se movendo, trazendo nós dois em direção a outra liberação que ambos parecemos precisar.

Abaixo minha cabeça e capturo seu mamilo entre meus lábios, puxando-o em minha boca e chupando-o com força suficiente para que seu ritmo vacile.

— Ah, Deus, Beau! Isso!

Suas palavras e o prazer que elas evocam só me leva a chupar mais forte e passar minha língua sobre o nó apertado. Brooke se mexe no meu colo, sua boceta me apertando como um torno ao meu redor.

Um formigamento quente começa na base da minha espinha, sinalizando outro orgasmo chegando, mas me recuso a ceder até que ela goze no meu pau. Quero sentir cada maldito segundo de sua libertação, saber que fui eu quem a trouxe até aqui, quem lhe deu não apenas um lugar para encontrar refúgio na tempestade, mas segurança de tudo o que a trouxe até aqui em primeiro lugar.

Apoio meus pés no chão de madeira e empurro para dentro dela, encontrando-a toda vez que ela senta, me dirigindo ainda mais fundo, a cabeça do meu pau arrastando contra o ponto dentro dela que faz sua respiração sair dura e pesada.

Torcendo e sacudindo seu mamilo entre meus dedos com uma mão, alcanço entre nós para encontrar seu clitóris com meu outro polegar e brinco. Ela aperta com mais força contra a minha mão, e empurro para dentro dela, implacavelmente, até que ela finalmente congela.

Por um belo milissegundo congelado no tempo, ela é a imagem da

pura felicidade, uma mulher completamente separada de seu passado e tudo o que a atormenta, uma mulher que conseguiu o que queria... o que precisava.

Seu corpo empurra contra o meu. Sua boceta ondulando e apertando ritmicamente enquanto continuo a penetrar nela. Cerro os dentes por mais duas estocadas, então, finalmente, deixo sua boceta ordenhar meu orgasmo, jato após jato quente bem no fundo.

Ela cai contra mim, enterrando o rosto no meu pescoço, e faço o mesmo, envolvendo meus braços em volta dela e segurando-a firme, mesmo que meu mundo inteiro tenha acabado de sair do eixo.

Que porra acabamos de fazer?



Capítulo 13

Brooke

Rolo de costas e alcanço o outro lado da cama apenas para encontrá-la vazia com os lençóis frios.

Sem Beau?

Abro os olhos e pisco, a forte luz do sol entrando pela janela me faz estremecer. Essa não é a luz suave do amanhecer — pelo contrário.

Virando minha cabeça para longe disso, me estico e bocejo, meu corpo doendo em todos os lugares certos. Todos os lugares que me lembram exatamente do que Beau e eu fizemos ontem à noite — várias vezes. Então, não deveria me surpreender de ter dormido tanto.

Meu núcleo aperta lembrando o quão incrível realmente foi, aperto minhas pernas juntas e rolo de bruços para me espalhar na cama, inalando o perfume amadeirado de Beau ao ar livre que, agora, se mistura com o meu, agarrando-se aos lençóis e travesseiros.

Ele, provavelmente, está acordado há horas, fazendo tudo o que faz neste lugar o dia todo para mantê-lo funcionando sozinho... enquanto estou aqui sendo preguiçosa.

A culpa rasteja em minha cabeça, ameaçando afastar o brilho de uma noite tão boa.

Provavelmente deveria estar ajudando com alguma coisa.

Não importa quantas vezes Beau me diga que não preciso fazer nada, não parece certo não fazer algum tipo de esforço para fazer algo além de sentar em casa e ler livros perto do fogo, enquanto ele está arrebitando sua bunda para manter o lugar funcionando.

Depois de uma tempestade como essa e depois do que fizemos ontem à noite, esse sentimento de obrigação para com ele — e com este lugar — atinge algo profundo dentro de mim. Quanto mais tempo eu estiver aqui, mais difícil será sair quando chegar a hora. Me afastar do homem que me deu tudo o que eu precisava, exatamente quando eu precisava, deixando este lugar onde encontrei um momento para realmente respirar, será como perder o pedacinho do céu que consegui encontrar no que era o inferno na Terra quando dirigi por aquela estrada saindo de Seattle.

Mas tenho que ir — e logo —, pelo bem de nós dois.

Até que possa ir, vou me divertir do jeito que fizemos ontem à noite, desde que Beau esteja de acordo com essa mudança em nosso relacionamento. Certamente, parecia que estava de acordo quando estava entrando em mim ontem à noite como se não pudesse ter o suficiente.

Deus sabe que eu, certamente, não conseguiria...

E, por mais que eu adorasse ficar na cama e lembrar cada momento em grande detalhe, preciso me limpar e descobrir se há alguma maneira de ajudar aqui para mostrar a Beau o quanto aprecio o que está fazendo por mim.

Um alongamento final e um bocejo arrancam um gemido do fundo do meu peito, mas me forço a sair da cama, puxando o cobertor de cima para envolver meu corpo nu.

Nunca pensei que estaria dormindo nua quando está tão frio lá fora, mas Beau, com certeza, me manteve aquecida na noite passada. Os únicos tremores e arrepios que percorriam meu corpo eram de prazer absoluto.

Nenhum pesadelo assombrava meu sono. Nenhuma lembrança horrível ameaçava me destruir. Os únicos sonhos que tive foram com o belo homem, com o machado, que me resgatou.

Não vai durar para sempre, Brooke.

Não sou estúpida o suficiente para acreditar nisso. Ainda assim, se as lembranças agradáveis que tenho agora do meu tempo com Beau e os sonhos que tive aqui podem durar para sempre, então, qualquer dor em partir valerá a pena. Sinto que poderia sobreviver a qualquer coisa, desde que os tivesse.

E qualquer coisa pode estar vindo.

A verdade, eventualmente, alcançará você.

Abro a porta do quarto e tento escutar Beau, mas o silêncio típico da cabana me cumprimenta. Provavelmente, está trabalhando lá fora, cuidando das galinhas, das cabras e do que mais precisar, desde antes do amanhecer. A lembrança de há quanto tempo isso realmente aconteceu, entra pela janela e me faz correr para o banheiro e abrir a torneira da água o mais quente possível.

Porém, um banho frio pode ser mais apropriado depois do toque escaldante de Beau na noite passada. Examinando-me no espelho, a prova me encara de volta — cabelo bagunçado, desgrenhado, rubor ainda aparente em minhas bochechas, lábios inchados pelos beijos. Mas é a dor entre minhas pernas que realmente diz muito.

Depois de ficar sozinho por tanto tempo, sem tocar em uma mulher, mal tocando em si mesmo, Beau se soltou de uma forma que faz o vapor que preenche o espaço apertado parecer ainda mais quente.

Largo o cobertor e passo sob o jato, deixando a água dura dissipar a tensão em meu corpo que toda a atividade física inesperada trouxe. Faz tanto tempo que não me sinto dolorida pelos motivos certos que quase odeio perdê-la, mas me forço a pegar o xampu e ensaboar o cabelo.

O cheiro que passei a associar a ele me envolve. Até no dia em que eu morrer, o cheiro do ar do inverno e a floresta trarão belas lembranças com ele. Mas essa é outra realidade na qual não quero pensar agora. Desligo a água e saio do chuveiro, me secando rapidamente. Volto para o quarto para vestir minhas próprias roupas para que eu possa sair e procurar por Beau.

Mas algo me faz parar na porta e voltar. Algo me puxando, puxando-me para onde minha bolsa está em cima da cômoda, exatamente onde estive desde o momento em que Beau me trouxe aqui no primeiro dia.

É a primeira vez que sinto vontade de segurar minha câmera nas mãos novamente, para explorar a beleza desta montanha e do homem que está nela.

Eu a pego da bolsa e o peso familiar traz uma sensação de paz. Uma paz que pensei que nunca mais sentiria ao segurar a câmera novamente. Não com tantas memórias ruins entrelaçadas com as boas.

É hora de criar algo bonito.

Puxo minha jaqueta, botas e luvas muito finas novamente, meu estômago revirando. A última vez que coloquei isso, estava saindo de Seattle no meio da noite em uma corrida frenética. Em pânico e desesperada para fugir. Colocar o máximo de quilômetros possíveis entre mim e o que aquela cidade tinha. Se meu voo de última hora não tivesse sido cancelado, nunca teria chegado aqui. Nunca teria quase morrido. Nunca teria conhecido Beau.

Todo o mal me levou a algo tão bom.

Meu coração se enche com as possibilidades do dia, especialmente com a câmera na mão. Abro a porta e saio para a propriedade desconhecida pela primeira vez.

Olhar pelas janelas nos últimos dias não fez justiça. Fecho a porta atrás de mim e minha respiração fica presa com a beleza, agora que toda a neve finalmente parou e o vento diminuiu.

A cordilheira Okanogan se estende até onde a vista alcança em qualquer direção, picos cobertos de neve projetando-se nas nuvens altas e finas, criando uma paisagem deslumbrante que nenhum artista poderia superar.

Tiro algumas fotos da porta da frente. Esta é uma visão que quero lembrar e manter em meu coração quando estiver muito longe. Beau acorda com isso todos os dias. Antes de vir para cá, nunca vi o apelo de viver esse estilo de vida, mas esta manhã está claro como cristal.

É pacífico, e a paz é algo que poucas pessoas encontram.

Whack.

O som vem do pequeno celeiro em frente ao jardim aberto da cabana e ecoa pelo pequeno vale onde fica a cabana.

Whack.

Atravesso a paisagem nevada em direção a ela, pisando nas pegadas de Beau para tentar evitar afundar muito na neve.

Whack.

Quanto mais me aproximo, mais alto o som se torna. Rítmico. Quase reconfortante, mas não consigo identificar.

Me aproximo da construção lentamente, não querendo assustar Beau ou os animais, que ele já me avisou que ficariam nervosos com alguém que eles não conhecem por aqui. As amplas portas estão escancaradas, expondo o interior do espaço, meus passos vacilam.

Beau está do lado de dentro, vestido apenas com uma calça jeans e botas, o peito nu, balançando ritmicamente o machado em um pedaço de madeira apoiado em um toco, um charuto aceso pendurado nos lábios.

Putá merda.

Já sabia que Beau era lindo, um Adônis, realmente. Seus músculos perfeitos estavam à mostra quando o vi no chuveiro, mas estavam ligeiramente escondidos e distorcidos pelo vapor e pela porta de vidro do chuveiro. E, então, ontem à noite, estava me concentrando em outras coisas — outras partes do seu corpo — e cedemos ao nosso desespero, em vez de passar um tempo realmente explorando o corpo um do outro. Mas, agora, realmente tenho a oportunidade de apreciar toda a sua glória.

Seus músculos duros como pedra ondulam a cada movimento. Cada golpe de seu machado faz com que seus bíceps e músculos da parte superior das costas se inchem e flexionem.

Santo Deus!

Quase engasgo com a respiração enquanto assisto e, lentamente, levanto a câmera e tiro meia dúzia de fotos — principalmente para mim —, mas, se eu ver Colleen de novo, ela com certeza morrerá quando der uma olhada nele. Ele é toda fantasia de lenhador que já tive e, depois de ver isso, será toda fantasia que já tive no futuro.

Outro passo me aproxima dele, depois outro. Minhas botas rangem na neve, ele congela e se vira para mim, o machado apoiado no ombro.

Suas sobrancelhas escuras se erguem quando me observa e tira o

charuto de seus lábios.

— Você está acordada.

— Aposto que está acordado há horas, não é?

Me oferece um pequeno sorriso e acena com a cabeça, então volta para a tarefa em mãos.

— Sim. — Enfia o charuto de volta na boca, levanta outro tronco e balança.

Whack.

A fumaça sobe ao seu redor e ele dá de ombros levemente.

— Não durmo muito e meu relógio biológico me lembra antes do amanhecer todas as manhãs.

Whack.

Whack.

Dou mais alguns passos em direção a ele, mas não quero chegar muito perto da arma que empunha com tanta precisão, já que não tenho certeza de onde é seguro ficar.

— Você precisa de ajuda com alguma coisa? Pegar os ovos ou alimentar os animais? Sinto que deveria estar fazendo alguma coisa.

Ele olha por cima do ombro para mim e puxa o charuto novamente.

— Não, querida. Já cuidei de tudo.

Querida...

Em circunstâncias normais, um homem que mal conheço me chamando de algo assim, provavelmente me irritaria, mas de Beau, o termo carinhoso é apenas isso. Genuíno, atencioso. Não pretende ser um insulto a mim ou ao meu intelecto.

— Estava pensando em tirar algumas fotos hoje.

Ele congela com o machado no meio do caminho e o desce com mais força do que já o vi fazer, alojando-o no toco que está usando para cortar a madeira, antes de se virar para me encarar adequadamente. Lentamente, leva uma das mãos ao charuto e dá uma tragada, com a outra mão na cintura.

— Fotos?

Seguro minha câmera.

— Sim, sou fotógrafa. Achei que tinha te contado.

Sua mandíbula se contrai e as veias de seus braços parecem pulsar de raiva.

— Não, você disse que trabalhava por conta própria.

— Bom, sim. A fotografia é o meu trabalho.

Ele balança a cabeça lentamente e examina a câmera na minha mão.

— Nenhuma foto minha ou da cabana. Entendido?

— Uhm, claro, se é isso que você quer.

Ele se vira sem dizer mais nada, pega o machado, enfia o charuto de volta entre os lábios e coloca outro pedaço de madeira no toco. Seu próximo golpe parece conter toda a sua agressividade, e acerta com força suficiente para enviar as duas peças voando para fora.

Por que diabos ele está tão bravo?



Beau

As botas de Brooke rangem na neve quando ela começa a se afastar.

Droga. Não posso deixá-la vagar sozinha.

Virando-me para sua forma em retirada, tiro meu charuto dos lábios e falo por cima do ombro.

— Não vá muito longe. Você ainda não tem o equipamento certo e, embora esteja muito quente e não deva mais nevar, não preciso que você se perca e eu tenha que ir salvá-la novamente.

Não me preocupo em esperar por sua resposta, apenas pego outro tronco, jogo no toco e corto ao meio. Muriel e Jezebel me observam do curral, seus olhos negros fixos em mim com julgamento pesado. Deslocando meu olhar para o galinheiro, encontro-os me observando com a mesma convicção. Quase como se entendessem exatamente o que eu disse a Brooke e o porquê.

Ok, fui meio babaca de falar com ela assim.

Especialmente depois do que aconteceu ontem à noite. Claro, as meninas não sabem disso, mas pelo jeito que estão olhando para mim, eu não saberia.

Mas uma fotografia?

Brooke, definitivamente, nunca me disse isso.

Se soubesse que ela tinha uma câmera consigo o tempo todo, definitivamente, teria sido mais cuidadoso com o que disse, mais relutante em deixá-la saber das coisas que já fui. Teria ficado de olho naquela bolsa dela mais de perto e me assegurado de que não estava fotografando nada que pudesse voltar para me morder.

Droga.

Whack.

Divido o tronco, fazendo os pedaços voarem. Jezebel e Muriel saltam ligeiramente para trás da frente do cercado. Estão acostumadas a me ver fazer isso, mas não de forma tão agressiva. Não com tanta raiva e frustração.

— Desculpe, meninas.

Não é como minha manhã começou ou como queria que fosse hoje. De jeito nenhum.

Acordei com um corpo quente e acolhedor pressionado contra o meu, cabelos loiros espalhados no travesseiro ao meu lado. Uma linda mulher que me deu, possivelmente, a melhor noite da minha vida, apesar da minha relutância inicial em ceder à atração que zumbia entre nós.

Foi bom.

Bom pra caralho.

Melhor do que eu merecia, sério. Mas, agora, todas essas memórias vívidas estão manchadas por ter que repassar todo o tempo que passamos juntos em minha cabeça enquanto trabalho meu caminho através da madeira e termino o charuto que estava curtindo antes de Brooke soltar aquela bomba.

Ela já tinha usado a câmera?

Nem me lembro de tê-la visto na bolsa, muito menos segurando uma câmera, mas só porque não a vi tirar uma foto não significa que não tirou.

Pare, Beau.

Brooke não me deu nenhum motivo para não confiar nela. Ela tem segredos, mas eu, com certeza, também. Aqueles que parecem pesar mais sobre mim quanto mais tempo ela está aqui. É como mentir para ela, embora

tudo o que eu esteja realmente fazendo seja reter algumas informações.

Embora, depois da noite passada, estivesse tão perto de dizer a ela toda a verdade.

Toda vez que seus dedos roçavam uma das minhas cicatrizes e eu afastava sua mão. Toda vez que pegava um de seus gemidos e suspiros com meus lábios. Cada beijo que compartilhamos. Cada vez que nossos olhares se encontravam, me perguntava como seria diferente se ela soubesse de tudo. Como isso mudaria as coisas entre nós. Como isso mudaria a maneira como ela olhava para mim.

Mas também não queria pensar muito nisso, não queria deixar que os “e se” interferissem no que estava se tornando uma noite incrível. Não queria pensar no que poderia ter acontecido se tivéssemos nos conhecido em circunstâncias melhores, antes de sermos irreparavelmente danificados por algo ou alguém.

É tão fácil fazer isso, imaginar como as coisas poderiam ter sido diferentes, mas, uma coisa que aprendi depois de todos esses anos aqui, é que isso só leva a mais desespero.

Atacá-la assim foi um produto da minha raiva reprimida sobre o que me trouxe aqui em primeiro lugar e o medo de que ela descubra tudo. Uma parte de mim quer que ela o faça.

Faço uma pausa por um momento e olho para o céu quase claro, inalando profundamente o charuto e observando as nuvens altas e finas passarem. O cheiro familiar de tabaco e a nicotina correndo por mim ajudam a acalmar meu corpo tenso, mas os efeitos não duram muito.

Enquanto ela estiver aqui, estarei no limite. Com ela em minha órbita, nunca poderei voltar à minha existência normal.

Ela precisa ir.

Quanto mais isso durar, mais difícil será me manter distante, voltar ao que se tornou minha normalidade.

Preciso falar com o xerife de novo hoje para ver onde estamos. Dado o quão quente está hoje e o sol alto no céu, não demorará muito para que ele consiga chegar até onde o carro dela parou.

E, enquanto isso, não há razão para que dois adultos não possam dormir juntos, com consentimento, e encontrar conforto e alívio nos braços um do outro e, então, se afastarem um do outro. Nós dois sabemos que é isso que vai acontecer. Nós dois entendemos que ela tem que ir. O que aconteceu ontem à noite não muda nada disso.

Não pode.

Enxugo o suor da minha testa e levo um segundo para avaliar a pilha em que tenho trabalhado nas últimas horas. Manter a casa mais quente do que eu normalmente faria para o conforto de Brooke, prejudicou as várias cordas de madeira que costumo manter de reserva, mas as horas de corte me ajudaram a resolver um pouco da minha frustração com toda a situação e a reabastecer meu estoque.

Girando meus ombros para liberar um pouco da tensão, sinto curiosidade sobre o que Brooke está fazendo e uma sensação incômoda de preocupação se aloja em mim.

Ela não deveria estar aqui sozinha.

Seria fácil para ela se virar e se perder — ou pior.

A memória de seus lábios azuis e da pele mortalmente pálida, como seu corpo estava frio quando a segurei naquele primeiro dia, bate em mim com força suficiente para saber que terminei com a lenha por hoje.

Inclino meu machado contra a pilha de madeira do outro lado do celeiro e pego minha camisa de onde está pendurada sobre o galinheiro, então fecho as portas do celeiro, já que não sei quanto tempo ficarei fora e não quero deixar os animais expostos.

Teoricamente, ela não se foi há tempo suficiente para ter problemas, mas, novamente, ela parece ser o tipo de mulher que traz problemas com ela. Pelo menos, certamente trouxe para mim.

O tipo de problema que me faz questionar todas as decisões que tomei desde o dia em que cheguei aqui.

Pego minha jaqueta e a visto enquanto saio, seguindo seus passos na neve até onde eles se separam dos meus. Ela foi para o oeste, em direção ao pequeno cume e à linha de árvores mais próxima.

Seria um ótimo lugar para tirar algumas fotos, mas também um dos mais prováveis para encontrar um dos muitos predadores por aqui. Essa câmera não vai adiantar muito contra um urso que acorda da hibernação ou de um puma caçando.

E, com certeza, não pode protegê-la de mim.



Capítulo 14

Brian

Meus pés rangendo na neve deveriam ter alertado Brooke da minha presença há muito tempo, mas ou ela não está prestando atenção e está completamente alheia ao que está acontecendo ao seu redor ou ainda está chateada por eu ter brigado com ela e está me ignorando.

Com razão.

Brooke está de pé na base de um enorme pinheiro, olhando para ele e ocasionalmente tirando uma foto, embora pareça com qualquer outra das milhares de árvores semelhantes ao nosso redor.

Paro alguns metros atrás dela e a observo por um momento, tentando descobrir o que nessa árvore chamou sua atenção.

— O que você está fazendo?

Ela olha por cima do ombro para mim, mas quase imediatamente retorna seu foco para a árvore.

— Algum tipo de pássaro voou para lá e espero pegá-lo quando ele sair voando.

— Não há muitos pássaros tão altos na montanha nesta época do ano. A maioria deles fica mais abaixo, onde alguns cursos de água não congelaram. Você sabe o que era?

Com um encolher de ombros, abaixa sua câmera e, finalmente, se vira para mim.

— Na verdade, não. Ornitologia não é exatamente minha praia... mas tanto faz. Era bonito. E, agora, só quero fotografar algumas coisas bonitas. — Ela segura a câmera delicadamente em suas mãos, como se fosse seu bem Brooke precioso, e olha para ela. — Eu realmente não senti vontade de tirar fotos até hoje. Quero aproveitar ao máximo enquanto minha criatividade flui.

O que aconteceu ontem à noite, definitivamente, fez meus fluidos fluírem... por ela.

E vê-la tão animada para fotografar o que quer que tenha voado para a árvore, me dá uma ideia de como compensar meu movimento idiota no celeiro.

— Você quer algo realmente legal para fotografar?

As manchas douradas em seus olhos brilham, suas sobrancelhas se erguem.

— Sim.

Olho para as botas em seus pés, definitivamente não são ideais para onde vou levá-la, mas devem ser o suficiente para evitar que ela fique congelada.

— Seus pés estão frios?

Ela olha para baixo e balança a cabeça.

— Não, estou bem. Toda essa caminhada realmente me aqueceu. Estou suando.

Rindo, me aproximo dela, minhas botas rangendo na neve novamente.

— Sim, pode ser um pouco confuso aqui, às vezes. Está frio, mas se você está realmente trabalhando e suando, isso congela quando você diminui a velocidade e volta a sentir frio.

— Ah... — Seus lábios se curvaram para baixo. — Realmente não tinha pensado nisso.

— Você vai ficar bem. Não vamos longe e o sol vai ficar por aqui por, pelo menos, mais algumas horas.

— Aonde estamos indo?

Me movo em direção às árvores atrás dela.

— Para lá.

Brooke engole em seco e olha para a escuridão da floresta.

— Isso é seguro? Quero dizer, não há... predadores aqui em cima?

— Sim.

— No entanto, você quer ir para a floresta escura.

Me inclino e encosto meus lábios contra a parte de trás de sua orelha.

Um arrepio a percorre — embora eu duvide que tenha algo a ver com o clima.

Mesmo que seu equipamento não tenha sido feito para esse tipo de clima, está excepcionalmente quente hoje, quente o suficiente para que, enquanto ficarmos ao sol, ela não sinta muito frio.

— Não se preocupe, Brooke. Eu protejo você.

Ela vira a cabeça, até que sua boca roça a minha.

— Com o quê? Suas próprias mãos?

Sorrio.

— Tenho alguns truques na manga.

— Ah, não tenho dúvidas de que sim.

O mesmo calor que surgiu entre nós ontem à noite retorna enquanto olhamos um para o outro aqui na neve, mas este, definitivamente, não é o lugar ou a hora para se distrair com a possibilidade de repetir a performance. Não quando ela estava tão animada para tirar algumas fotos e eu sei exatamente onde levá-la.

Dou um passo para trás, quebrando o controle que ela tem sobre mim, e pego sua mão livre na minha.

— Vamos. Vamos. — A puxo em direção à linha das árvores, seus passos relutantes. — Prometo que vai ficar tudo bem. Vai valer a pena.

— Se você diz.

Caminhamos entre os pinheiros altos e entramos na floresta, onde caminhar se torna muito mais fácil — bem menos neve, já que o solo acaba sendo bloqueado pelas árvores densas.

Além dos sons de nossos passos quebrando pequenos galhos e triturando a neve onde ela chegava ao chão, o silêncio típico da montanha me

ajuda a dissipar qualquer tensão remanescente.

O caminho começa a se abrir na nossa frente, a luz do sol atravessando as árvores mais ralas.

Brooke apressa seus passos, movendo-se ao meu lado em vez de ficar para trás.

— O que há lá em cima?

Aperto sua mão.

— É para lá que vamos.

E ela vai adorar.

Sempre foi um dos meus lugares favoritos na montanha, especialmente na primavera e no verão, mas mesmo no auge do inverno, a beleza deste local é inigualável – e junto com o que sei que encontraremos aqui, é algo que ela tem que ver antes de ir.

Saímos das árvores para uma grande clareira plana coberta de neve imaculada. Árvores antigas a cercam, elevando-se como sentinelas guardando algum segredo épico, as montanhas erguendo-se bem atrás delas, uma segunda camada de proteção para este local.

— Uau... — Brooke puxa a mão da minha e se vira para absorver tudo. — Isso é lindo.

Puxa sua câmera e tenta dar um passo à frente, mas coloco a mão em seu braço para impedi-la.

— Não entre na clareira. É um lago congelado e, nesta época do ano, o gelo pode ser um pouco duvidoso.

— Ai, Deus. — Ela pressiona a mão livre no peito. — Eu poderia ter caído.

Sorrio novamente.

— Te disse que não deixaria nada acontecer com você, não foi?

Solta uma pequena respiração que mal é visível no ar frio.

— Sim.

— Então... confie em mim. Não te trouxe aqui para mostrar o lago. Trouxe você aqui para te mostrar isso.

Uma grande sombra cruza sobre nós, em seguida, dispara sobre a

extensão branca do lago, e aponto para cima.

Brooke sacode a cabeça para o céu, o queixo caído.

— Ai, meu Deus. Isso é uma águia careca?

Ele paira acima de nós, circulando preguiçosamente no céu azul quase perfeitamente claro.

— Sim. Há um ninho em uma das árvores do outro lado do lago. O macho e a fêmea moram aqui há anos e, ocasionalmente, vejo alguns novos voltando, que acho que podem ser seus descendentes de anos anteriores retornando ao local de origem de seus ninhos.

— Meu Deus. É incrível. — Brooke dá mais um passo à frente, observando cuidadosamente o lago, embora seja quase impossível dizer exatamente onde fica a margem.

Levanta a câmera e começa a fotografar rapidamente, um enorme sorriso se espalhando em seus lábios, iluminando seu rosto de uma forma que eu não via desde que chegou aqui.

Droga. Ela realmente ama isso.

Isso faz com que me sinta ainda mais idiota pela forma como reagi à câmera antes. Mas depois de anos me escondendo, protegendo minha privacidade tanto quanto humanamente possível, o pensamento de que poderia desaparecer com o apertar de um botão, me abalou mais do que gostaria de admitir.

A águia flutua para a direita e desaparece atrás de algumas árvores antes de ressurgir.

Brooke aponta para o lago, ainda alguns metros à nossa frente.

— Quão longe posso ir?

— Só mais alguns metros. Podemos contorná-lo perto da linha das árvores, se você quiser obter ângulos diferentes. Podemos ir até onde fica o ninho. Porém, não sei se você será capaz de vê-lo do chão.

— Vamos tentar.

Sua resposta rápida e animada me faz rir.

— Ok.

Nunca pensei que estaria bancando o guia turístico de uma linda

mulher aqui nesta terra que deveria ser meu refúgio da raça humana, mas algo sobre isso parece certo. Sua excitação. Sua alegria pura sobre a beleza da natureza. Ela vendo coisas e experimentando um mundo que, provavelmente, nunca teria tido a chance. Ser aquele que dá isso a ela faz meu coração inchar, quase dolorosamente, em meu peito.

Passo por ela e me coloco entre seu corpo e a beira do lago.

Observo-a levantar uma sobrancelha.

— O que você está fazendo?

— Certificando-me de que você está segura. — Aponto para a água escondida. — Pode ser difícil ver a costa, mas se algum de nós for entrar, prefiro que seja eu.

Seus olhos se arregalam.

— Não diga isso. Eu não seria forte o suficiente para puxá-lo para fora.

Bufo e balanço a cabeça.

— Verdade. Mas agora você sabe como me aquecer.

Um rubor rosa choque se espalha por sua pele pálida.

— Sim, acho que sim.

— Vamos. — Inclino minha cabeça indicando para ela ir primeiro, e sigo um pouco atrás na esquerda, mantendo-me entre ela e onde está o perigo sob o manto de neve.

Paramos várias vezes, esperando que o pássaro sobrevoasse novamente e, depois de alguns minutos, ele reaparecesse do outro lado do lago. Brooke para novamente e tira uma série de fotos o mais rápido que pode, enquanto a água gira e desce em um enorme pinheiro.

— É onde fica o ninho.

Ela o examina de onde estamos, ainda a uns bons cinquenta ou sessenta metros dele.

— Eles teriam ovos nesta época do ano?

— Sim, e trazem suas pequenas presas para comer, também.

— Você nunca se preocupa com eles tentando comer suas galinhas?

— Tenho que ter cuidado no verão, com certeza. As deixo pastar no

quintal em um cercado seguro. Águias e falcões definitivamente tentam, e já houve rastros de ursos e leões da montanha em minha propriedade antes. Embora, — estendo a mão e bato com os nós dos dedos em um tronco de árvore, — bate na madeira, tive sorte e ainda não perdi nenhum animal.

— Uau. — Ela fica boquiaberta. — Realmente trata-se apenas de sobrevivência aqui, não é? Quer dizer... — Para e observa a área ao nosso redor. — Isso é lindo. Impressionante, realmente. Mas parece que você está sempre trabalhando, lutando constantemente para manter o lugar funcionando sozinho. Você já fez alguma coisa... por diversão? Ou é tudo uma questão de trabalho para sobreviver?

Mesmo alguns dias atrás, eu teria concordado totalmente com a avaliação dela, mas muita coisa mudou. Lutei contra isso a cada passo do caminho, mas aconteceu, de qualquer maneira.

Dou um passo na direção de Brooke e a puxo para meus braços.

— A noite passada foi a primeira vez que me diverti em muito tempo.

Ela sorri para mim, qualquer raiva ou aborrecimento que tenha sobre a minha atitude anterior, foi esquecida.

— Eu também.

Obrigado, porra.

Pressiono meus lábios nos dela e a puxo contra mim completamente, o suficiente para que possa sentir meu pau voltando à vida novamente.

— Definitivamente, acho que devemos nos divertir um pouco mais quando voltarmos para a cabana.

Seus lábios se curvam em um sorriso contra os meus.

— Ah, sim, definitivamente.



Brooke

O sol poente risca as copas das árvores, lançando um brilho etéreo rosa-alaranjado na deslumbrante paisagem de inverno, tão gritante em contraste com o branco imaculado da neve, intocada por qualquer coisa, exceto pelo ocasional animal correndo por ela.

Tirando o máximo de fotos que posso, tento capturar cada detalhe. Não apenas porque é bonito o suficiente para fazer qualquer ateu acreditar em um poder superior, mas porque quero me lembrar exatamente assim, para sempre. Quero reviver meu tempo aqui com Beau de qualquer maneira — a única vez que me lembro de ter sido feliz nos últimos anos. Olhar para essas fotos fará isso, me dará uma fuga de um futuro desconhecido, assim que eu sair daqui e enfrentar o que estiver vindo para mim.

Algo tangível que posso segurar em minhas mãos. Algo real quando sei que haverá algumas noites e dias que questionarei se tudo aconteceu mesmo.

— Ei, Brooke...

Inclino minha cabeça para o lado e encontro Beau parado onde o deixei a vários metros de distância — e não tenho ideia de quanto tempo atrás — encostado em uma árvore, casualmente me observando.

Ele inclina a cabeça na direção de onde saímos das árvores.

— Precisamos ir.

— Mas ainda não terminei. — Me movo em direção ao céu. — Não quero perder nada dessa iluminação.

Beau olha para o topo das árvores e para o lago e sorri para mim.

— A iluminação é exatamente o problema. Assim que o sol se pôr, vai ficar um breu naquelas árvores, um breu que você nem pode imaginar, vindo da cidade. Estará tão escuro que você nem conseguirá ver sua mão na frente do rosto. Especialmente esta noite, quando não haverá lua.

— Merda.

Olho ao redor do lago novamente. As longas sombras continuam a se estender pela paisagem, como dedos tentando alcançar algo que só eles podem ver. E estão ficando perigosamente longos. Isso rende fotos incríveis, mas estamos aqui sem lanterna ou qualquer outro meio de navegação.

— Além disso, a temperatura vai começar a cair como a porra do meu machado em breve. Precisamos entrar antes que a hipotermia ou o congelamento se instalem.

Dou uma última olhada longa e demorada no lindo pôr do sol e tiro

minha foto final, enquanto Beau se afasta da árvore e se aproxima.

— Não fique tão triste. Podemos voltar amanhã à noite se você realmente quiser mais fotos, ou posso levá-la a alguns outros lugares que, provavelmente, seriam incríveis.

— Ah, isso seria ótimo. Quero pegar o máximo que puder. Fazia muito tempo que não me inspirava tanto em uma locação.

Ele solta um suspiro longo e pesado e examina o lago congelado.

— Sim. É definitivamente inspirador.

— É por isso que você escolheu viver aqui?

Beau se vira para mim, a sobrancelha franzida sobre os olhos escuros.

— Escolhi aqui? Para trazê-la?

Balanço minha cabeça.

— Não, escolheu aqui para construir sua cabana e fugir de tudo o que queria.

Seus ombros enrijecem enquanto contempla minha pergunta. Realmente não posso culpá-lo por sua recusa em se abrir comigo ou me contar mais sobre seus segredos, mais sobre o que o trouxe aqui em primeiro lugar, sobre aquelas cicatrizes, mas acho que pensei que, talvez, a noite passada tivesse mudado alguma coisa.

Talvez.

E talvez ele nunca revele nada. Também pode ser. Pode doer um pouco menos quando eu tiver que ir embora, se não deixar as coisas entre nós ficarem ainda mais pessoais.

Quem diabos estou enganando?

Já são muito pessoais. Muito íntimo. Muito envolvido. Muito complicado.

Se ele descobrir a verdade sobre o porque estou aqui, ficará arrasado. Mesmo que eu não fosse embora logo, tudo isso desmoronaria mais rápido do que as casinhas de gengibre que sempre tentava construir quando criança no Natal.

Beau olha para o céu novamente e faz um gesto por cima do ombro.

— Nós precisamos ir. — Estende a mão para pegar a minha, mas

minha atenção é atraída de volta para a forma como a luz do sol atinge o lado de seu rosto. Quero tanto tirar uma foto dele. Quero me lembrar dele assim nesta luz. Mas ele disse sem fotos, e não posso desrespeitá-lo tirando uma só porque quero poder olhar para ela para sempre.

Em vez disso, eu me viro e tiro mais algumas imagens dos últimos raios do sol poente, mas antes mesmo de saber o que está acontecendo, sou levantada do chão e solto um guincho.

— Que diabos, Beau?

Ele me joga por cima do ombro como se eu não pesasse nada, deixando-me balançar com meu rosto bem perto de sua bunda dura e perfeita, enquanto seu braço forte aperta em torno de minhas coxas, me segurando no lugar.

— Disse que tínhamos que ir. Você não estava se movendo. Então, estou movendo você.

Bato na bunda dele com minha mão livre.

— Pare com isso! Eu ia embora. Só queria mais algumas fotos.

Beau bufa e balança a cabeça.

— Me coloca no chão.

— Acho que não.

— Você vai me carregar de volta pela floresta e pela propriedade até a cabana assim?

— Aparentemente, sim. Você não me deixa muita escolha.

Rosno para ele e sua risada só confirma o quão ridículo soa. Seu corpo musculoso se move facilmente pela neve ao redor do lago congelado, fazendo nosso caminho de volta para onde originalmente saímos da floresta. Levanto minha cabeça e dou uma última olhada no lugar mais bonito que já vi, antes de ele pisar na escuridão da cobertura das árvores.

A temperatura cai rápido e forte agora que estamos completamente fora do sol, e um arrepio percorre meu corpo, apesar do calor do corpo de Beau irradiando por seu ombro debaixo de mim.

Ele aperta seu braço em volta das minhas pernas.

— Você está com frio?

— Não.

Me recuso a admitir que ele estava certo, que, provavelmente, deveríamos ter saído meia hora atrás para garantir que utilizaríamos os últimos vestígios de luz do dia.

Beau bufa novamente e bate na minha bunda forte o suficiente para me fazer gritar e quase derrubar minha câmera.

— Talvez você devesse me ouvir.

Aborrecimento queima através de mim, o zombo e bato na bunda dele de novo, tão forte que minha palma realmente arde desta vez.

Droga.

Sacudo-o e o encaro, embora ele não possa ver.

— Não gosto de você me dizendo o que fazer, Beau.

— Sim, meio que percebi isso, Brooke.

— Grrrr! — Rosno de novo, a única maneira de expressar minha frustração, já que não há como me livrar dele.

Ele apenas ri, me sacudindo gentilmente.

— Você precisa parar de fazer esse barulho, querida, ou você vai ter um grande problema quando entrarmos naquela cabana.

— Ah, sério?

— Uhum.

Apesar de minha irritação com seu comportamento neandertal, apenas uma resposta parece apropriada.

— Bem, você sabe que sou perfeitamente capaz de lidar com uma madeira grande.



Capítulo 15

Brooke

Beau chuta a porta da cabana fechada atrás de nós, caminha até o sofá — aparentemente não se importando que esteja deixando rastros de neve de suas botas por todo o chão — e me vira de seu ombro para o couro.

Salto levemente e deixo meu queixo cair incrédulo.

— Não posso acreditar que você acabou de fazer isso.

O homem tem a audácia de parecer confuso, franzindo a testa.

— Fiz o quê?

Não pode pensar seriamente que eu não teria problemas com seu desempenho lá fora.

Mesmo depois de viver sem uma mulher por uma década, com certeza, Beau sabe que esse tipo de comportamento vai levar a algum tipo de confronto. Os homens não jogam mais as mulheres sobre os ombros e marcham pela floresta com elas — pelo menos não de onde venho.

Levanto-me e coloco minha câmera na mesinha de canto para que ela não seja acidentalmente pega no fogo cruzado.

— Você apenas me jogou por cima do ombro como um homem das cavernas e me arrastou de volta para sua “caverna”.

Beau dá uma gargalhada e passa a mão na barba.

— Bem, isso não cria uma linda imagem mental...

Cruzando os braços sobre o peito, emito um pequeno ruído de resmungo, mas tudo o que consigo é fazer Beau lutar contra um sorriso.

— Não gosto disso, Beau, nem um pouco.

Ele levanta as mãos e recua um passo, mas a leve curvatura de seus lábios me diz que ainda acha isso engraçado.

— Está bem, está bem. Entendi.

Pressiono um dedo em seu peito.

— Eu poderia ter andado.

— Sim, você poderia, mas não o fez.

— Por que os homens sempre têm que agir como se controlassem tudo e fossem os únicos com todas as respostas, então as mulheres deveriam, simplesmente, seguir a linha e fazer tudo o que mandam?

Ele recua um pouco, o arrependimento de ter dito isso se instala no meu peito assim que as palavras saem da minha boca e testemunho sua reação.

Beau, definitivamente, tem sido um pouco mandão e mal-humorado, mas esta é a casa dele e nem sou realmente uma convidada. Sou uma intrusa, alguém que ele resgatou da morte certa. Então, tem todo o direito de querer que as coisas sejam feitas de uma certa maneira e de querer sua privacidade em certos aspectos.

Agora estou apenas projetando meus próprios problemas nele, quando, na verdade, ele tem sido um anfitrião relativamente bom e não quis dizer nada negativo com o que acabou de fazer. Ele estava sendo protetor e brincalhão — nada mais.

Seu olhar suaviza.

— Sinto muito, Brooke. Não quis dizer isso. Só estava tentando ter certeza de que voltaríamos aqui antes que escurecesse. Você sabe quais as horas mais perigosas do dia ao ar livre?

Claro que não.

Tenho zero habilidades na selva e quase morri na última vez que tentei passar algum tempo com a Mãe Natureza.

— Presumo que seja à noite, pois fica muito frio durante o inverno?

— Anoiecer e noite. Há muitas coisas que caçam quando o sol se põe.

— Caçar? — A palavra envia outro calafrio através de mim, embora a cabana esteja relativamente quente, apesar do fogo ter diminuído enquanto estávamos fora. — Todos os ursos não estão hibernando?

— Sim, e é raro um deles sair da toca durante esse período, mas, quando o fazem, geralmente é porque estão com fome. E você não quer encontrar um urso faminto. Mas a maior preocupação são os pumas.

— Pumas? Vou presumir que você quer dizer leões da montanha e não mulheres mais velhas à espreita.

Ele sorri antes que a seriedade aperte suas feições.

— Eles caçam à noite e não diferenciam um cervo de um humano. Se tiver sangue correndo em suas veias e estiver se movendo, eles irão atrás. Eu não tinha minha arma comigo, — Aponta para onde ela está, encostada na parede perto do fogo — então, não queria ficar preso perto do lago.

— Desculpe. Não queria nos colocar em uma situação perigosa.

Parece ser a história da porra da minha vida.

— Tudo bem. Você não sabia.

Aparentemente, sou péssima em evitar situações perigosas. Sou péssima em me proteger de todos os diferentes tipos de predadores.

Mas estava com Beau e, se alguém conhece esta terra e os perigos dela, é ele.

Apoio minhas mãos em meus quadris.

— Ainda assim, você não precisava me jogar por cima do ombro.

— Você não gostou da vista lá atrás? — O canto de seus lábios se curva em um sorriso e qualquer tensão que criei com meu comentário anterior se desfaz.

— Deixou um pouco a desejar.

Uma de suas sobrancelhas escuras se ergue lentamente.

— Ah, sério?

Rio e balanço a cabeça.

— Não. Uma coisa com a qual você, definitivamente, não precisa se

preocupar é como sua bunda fica bonita em uma calça jeans. Como eu disse... capa da GQ e tudo mais.

Ele fica tenso novamente e seu sorriso vacila um pouco, mas consegue mantê-lo no lugar desta vez, embora, agora, pareça falso. Beau realmente não gosta de elogios nem os aceita bem, e pensei que, aqui, era eu quem tinha problemas.

O homem salvou minha vida. Mais de uma vez.

Enterrando meu próprio orgulho, mordo as palavras.

— E... você estava certo.

Sua testa franze.

— Sobre o que?

— Ficou muito frio e estava muito escuro lá fora.

— Escuro o suficiente para que você, provavelmente, se perdesse sem mim? — Ele levanta uma sobrancelha, esperando pela confirmação do que já sabe ser verdade.

Não adianta negar. Quando se trata de sobreviver na encosta de uma maldita montanha no meio do inverno, não tenho a menor ideia.

— Sim, ok, tudo bem. Está feliz agora? Feliz por estar admitindo que você estava certo?

Ele luta contra um sorriso com o meu tom incrédulo.

— Isso realmente te irrita, não é? Que eu estava certo.

Solto um suspiro que esvoaça o cabelo da minha testa.

— Sim.

Lá vou eu projetar minha própria merda nele de novo, mas pelo menos eu percebo agora. E ele merece uma explicação de porque isso me irritou tanto.

Travando meu olhar com o dele, libero uma verdade simples que tem me atormentado por anos e só piorou no passado recente.

— Sinto que todas as minhas decisões têm sido erradas ultimamente.



A seriedade de sua confissão elimina todo o humor remanescente em mim em um instante. Toda essa situação parece estar ficando cada vez mais complicada, e nunca pretendi tornar isso mais difícil para ela. Tudo o que eu queria era mantê-la segura.

— Merda, me desculpe. Eu não estava...

Brooke levanta a mão para me impedir de continuar.

— Sei que você não estava. Sêrio. Tudo bem. É um problema meu, não seu. E não quis dizer que me arrependo disso, — ela faz um movimento entre nós, — de jeito nenhum. Eu só... não sei...

Nem me fala...

Minha própria cabeça tem estado tão confusa desde que ela tropeçou em minha vida. “Não sei” parece uma descrição tão adequada de como me sinto quanto qualquer outra.

Estendo a mão e a puxo contra mim.

— Não queria aborrecê-la. Só queria trazer você de volta aqui sã e salva, com todos os dedos das mãos e pés intactos e sem mais crises de hipotermia.

Um sorriso genuíno aparece em seus lábios, e ela envolve seus braços em volta do meu pescoço.

— Você sabe... naquela noite depois que acordei, você me disse que teve que tirar minhas roupas molhadas. Lembro-me vividamente de quando perguntei se você também estava nu, você meio que se calou e apenas disse “calor corporal”.

— Me lembro disso também.

Bem vividamente.

A primeira vez que toquei uma mulher em uma década ou fiquei quase nu com uma, foi puramente para aquecê-la e salvar sua vida. Isso não é algo que se esqueça facilmente.

— Então... — Ela me olha com expectativa, humor dançando em seus olhos verdes. — Você vai me contar agora?

A puxo ainda mais para perto — impossivelmente perto — de modo que nossos peitos se pressionam com força suficiente para que eu possa sentir

seu batimento cardíaco contra o meu, mesmo através de nossas jaquetas. No entanto, de alguma forma, não está perto o suficiente.

— Deixei você apenas de calcinha bem aqui.

Embora antes ela estivesse desamparada, e agora ela é tudo menos isso. Esta mulher não tem medo de mim, não se incomoda com a minha incapacidade de me envolver com ela como um ser humano normal o tempo todo. Não tem medo do que um homem que viveu sozinho por tanto tempo, isolado da humanidade, pode ser capaz. Em vez disso, olha para mim com olhos cheios de expectativa, cheios de afeto e desejo.

Agarro o zíper de sua jaqueta e lentamente o abaixo, em seguida, empurro-o para fora de seus braços e a deixo cair no chão.

— Então, me abaixei e puxei você em meus braços naquele tapete de pele de urso em frente ao fogo...

Meus dedos brincam com a bainha de sua camisa, fazendo-a respirar fundo. Puxo o tecido com cuidado e ela levanta os braços para me deixar retirá-lo, expondo seu sutiã preto segurando seus seios absolutamente perfeitos.

— Enrolei um cobertor em torno de nós... — Deslizo meu dedo de sua clavícula até aquele vale impecável de pele de porcelana, enviando um arrepio através dela. — E segurei você... por horas, até que seus lábios perderam aquela tonalidade azul e você parou de tremer tão violentamente. Até que pensei que você havia chegado ao ponto em que sua vida não estava mais em perigo.

Embora, de alguma forma, essas horas parecessem durar uma vida inteira. Quanto mais tempo eu passava com ela em meus braços naquele dia, mais as lembranças me bombardeavam — as boas e as ruins. Mais difícil se tornou afastar o passado e mantê-lo em meus segredos, muito bem enterrados.

Ela aperta os olhos fechados por um momento.

— Eu me lembro um pouco... — Quando os reabre, o verdadeiro afeto queima em mim. — Lembro de me sentir aquecida e segura, como se pudesse relaxar e parar de correr.

— Não quero que você tenha que fugir, Brooke. Fiz isso há muito

tempo. Veja onde isso me levou.

— Este lugar é lindo, Beau. Não posso acreditar como é lindo.

— Definitivamente, tem suas vantagens. Mas... — Paro, porque não há como dizer isso sem dizer a ela algo que não deveria. — Deixa para lá. Acho que conversamos sobre nos divertir um pouco quando voltamos.

Balanço minhas sobranceiras de brincadeira, esperando distraí-la da direção que a conversa estava tomando. Ela me olha com cautela por um segundo, parecendo que está prestes a me direcionar exatamente para onde eu não quero ir, mas, em vez disso, empurra para cima na ponta dos pés e pressiona um beijo em meus lábios.

Suas mãos serpenteiam entre nós e seguram meu pau duro através do meu jeans.

— Definitivamente consigo pensar em algo divertido que eu queira fazer.

— Ah, é? — Pergunto contra seus lábios. — O que seria?

— Você vai ver... — A brincadeira volta a seus olhos e suas palavras, e começa a trabalhar tirando minha jaqueta e minha camisa. Suas mãos brincam com o cós da minha calça jeans e agarro seu pulso para detê-la. Ela apenas sorri para mim e puxa a mão do meu aperto para desabotoar e abrir o zíper, deixando meu pau dolorido saltar livre.

Porra.

Brooke se abaixa para desamarrar as botas e chutá-las em direção à porta da frente, então recua até ficar bem na frente da lareira, o tapete de pele de urso sob seus pés. Faz um sinal para que eu vá até ela com um dedo torto.

Meu Deus, como é linda.

Cabelos loiros cor de mel fluuando ao redor dos ombros, olhos perenes brilhando com travessura e luxúria, os seios arfando em seus limites rendados.

Não consigo chegar até ela rápido o suficiente. Tiro minhas botas e o jeans enquanto ela joga mais alguns troncos no fogo para fazê-lo rugir novamente. No entanto, duvido que precisemos do calor desta vez. Um inferno já assola meu corpo. Mais do que um desejo por esta mulher: uma

necessidade inerente que me apavora mais do que qualquer predador lá fora na escuridão.

Seus olhos se fixam em mim quando me aproximo e sua língua sai para molhar os lábios.

Ah, porra. Ela está falando sério.

Não tenho a boca de uma mulher em volta do meu pau há uma década. Se pensei que ontem à noite foi constrangedor, isso será ainda pior. Só de pensar nela envolvendo sua boca em volta de mim faz meu pau pular em antecipação.

Estende sua mão e pega a minha, puxando-me até o tapete, e cai de joelhos. O fogo aumenta ao nosso lado, as chamas pegando as toras recém-adicionadas e criando um brilho vermelho-alaranjado que cobre seu rosto, enquanto ela envolve a mão ao redor da base do meu pau e suga meu comprimento em sua boca.

— Ah, bom Deus.

Cavo meus dedos em seu cabelo grosso e os emaranho nas mechas sedosas. Sua língua desliza ao longo da minha carne e estala na cabeça, fazendo meus quadris arquearem e me levando ainda mais fundo em sua garganta.

— Porra.

Ela geme em aprovação e engole, o movimento envolvendo meu pau ainda mais no calor e na umidade de sua boca.

— Jesus, Brooke, eu não posso...

Sua mão em volta do meu comprimento aperta e me acaricia com mais força, no mesmo ritmo de seus lábios sugadores. Instintivamente empurro ainda mais fundo, enfiando meu pau em sua boca mais e mais, fodendo com um abandono imprudente, enquanto ela geme em torno da minha carne.

Leva apenas um segundo para eu perder o controle completo.

— Porra, Brooke.

Desço por sua garganta, meu corpo estremecendo, meus dedos torcendo em seu cabelo para me manter firme e me manter de pé sobre as pernas que querem ceder com o poder absoluto da minha liberação.

Ontem à noite, pensei ter encontrado o paraíso na Terra por algumas horas, mas isso foi realmente etéreo, como se tivesse sido levantado do meu corpo e deixado para trás toda a raiva e dor que me consumiram por tanto tempo.

Finalmente, paro meus quadris e ela puxa a boca ao meu redor, lambe os lábios inchados e sorri para mim com orgulho brilhando em seu olhar. *Ela é muito mais perigosa do que jamais poderia imaginar.*



Capítulo 16

Brian

Mesmo depois de passar uma década sozinho aqui, acordar sem Brooke ao meu lado na cama, imediatamente parece errado. Me apoio no cotovelo e procuro por ela no quarto ainda escuro, mas os lençóis frios ao meu lado significam que ela está acordada há algum tempo, definitivamente não é a rotina que ela tem desde que chegou aqui.

Olho para a janela para encontrar apenas um leve indício de luz entrando por ela — àquela hora estranha pouco antes do amanhecer, quando o mundo está apenas começando a acordar, mas ainda não totalmente.

Ela teve problemas para dormir?

Eu, com certeza, não. Não depois da hora que passamos no tapete antes de comermos. Depois viemos aqui para o resto da noite e nos envolvemos. Isso, juntamente com todos os cortes que fiz ontem, deixou meu corpo cansado e dolorido. Esticando meus braços acima da minha cabeça, me inclino de um lado para o outro, minha parte inferior das costas doendo de toda a atividade recente.

Alguns dias, esse corpo realmente parece velho e quebrado.

Prefiro lidar com a tensão de outra maneira e até planejei passar um tempinho a mais na cama esta manhã com Brooke, em vez de acordar de

madrugada, mas parece que aquela mulher tem outros planos.

E ela, certamente, mudou os meus.

Se não tivesse entrado na minha vida, teria passado a tempestade enfurnado ao lado do fogo, lendo e provavelmente bebendo muita bebida boa que não poderei reabastecer por um tempo. Mas aquela nevasca trouxe mais do que apenas neve, trouxe algo que nunca quis, que nunca pensei que poderia ter.

Algo que vou perder em um ou dois dias.

O que significa que não deveria estar perdendo o pouco tempo que me resta com ela.

Saio da cama, coloco uma calça jeans e uma camiseta e abro a porta do quarto. Um aroma familiar de noz caramelizado me atinge imediatamente. Não só está acordada, como já fez café.

Um homem pode se acostumar com isso...

Exatamente esse é o problema.

É melhor que ela vá embora logo. A longo prazo, ficar aqui por alguns dias extras só tornaria muito mais difícil para mim voltar a como estava vivendo antes e para ela encontrar o que quer que esteja procurando.

Passo a mão no rosto e vou até a cozinha, apenas para encontrá-la vazia, exceto pelo bule de café coado.

Não há muitos outros lugares onde ela poderia estar. Olho para a porta do escritório, mas está fechada, como deveria estar. Ela não iria lá novamente, de qualquer maneira. Não quando prometeu não fazê-lo. Meus olhos são atraídos para o fogo crepitante que ela deve ter cuidado quando acordou, começo a me afastar dele, indo em direção à porta da frente, mas paro e viro de volta para a lareira.

Ah, meu Deus.

O vaso da mamãe ocupa um lugar de honra no manto, rachado e um pouco desgastado, mas ainda assim intacto. Me aproximo lentamente, minha garganta apertando.

Brooke...

Ela deve ter desenterrado os pedaços quebrados da lata de lixo e

colado de volta. Lágrimas queimam meus olhos, eu as enxugo e estendo a mão para tocar o vaso, em seguida, empurro minha mão para trás, com medo de que ainda seja muito frágil para manusear.

Rachaduras enormes passam por ele, estragando o que antes era uma superfície vidrada impecável. A ironia de ela juntar as peças não passou despercebida por mim, a enormidade de seu gesto simultaneamente esmaga qualquer esperança que eu tinha de permanecer ambivalente quanto a sua partida e aumenta minha necessidade de encontrá-la.

Olho para a porta da frente, meu coração desejando que eu vá para onde ela deve estar. Depois da nossa conversa de ontem, espero que ela não seja estúpida o suficiente para sair e tirar fotos sozinha, mas não há outro lugar onde ela possa estar, exceto do lado de fora.

Essa mulher merece um enorme obrigado.

E então alguns...

Calço as botas e o casaco, sirvo-me de uma caneca de café e saio para o ar frio da manhã. Embora ainda cercado pela escuridão do amanhecer, posso apenas ver que uma das portas do celeiro está aberta, uma lasca de luz artificial vindo dela, derramando-se sobre a neve compactada.

Talvez ela tenha ido tentar pegar os ovos?

Rio e tomo um gole do meu café enquanto faço meu caminho em direção ao celeiro. É melhor Brooke estar pronta para uma briga com as garotas. Meu palpite é que ela receberá alguns beijos por seus esforços.

Só de imaginá-la lutando com as galinhas furiosas me faz sorrir. Também não foi fácil para mim quando cheguei aqui, e tenho muitas histórias sobre como aprendi minhas lições com os animais.

Me aproximo da porta aberta do celeiro e encontro Brooke agachada na frente do galinheiro no canto dos fundos, sussurrando algo para Betty Sue e Joanne.

Com a testa franzida, ela gesticula com as mãos como se estivesse falando com outro humano — o que não me faz mais parecer tão maluco.

Pelo menos, comparativamente.

Apoiando-me em um dos postes do lado de dentro da porta, a observo

por um minuto e tomo um gole do meu café.

Suas palavras flutuam até mim.

— Então, não se preocupe. Não estou tentando roubar seu homem ou algo assim.

Não consigo conter a risada que explode em meus lábios, e Brooke se levanta e vira para mim, com a mão pressionada contra o peito.

— Ah, meu Deus, você me assustou pra caramba. Pensei ter ouvido algo mais cedo e estou nervosa demais desde então.

Sorrio para ela e tomo um gole do meu café.

— Desculpe. Fiquei surpreso por você já ter saído da cama esta manhã.

Ela suspira e passa as mãos pelos cabelos levemente despenteados.

— Sim, acordei cerca de duas horas atrás e, simplesmente, não conseguia voltar a dormir.

Me aproximo dela lentamente.

— Você poderia ter me acordado. Posso pensar em algumas maneiras de passar o tempo esta manhã.

Um rubor rosa sobe pelo pescoço e pelas bochechas, ela abaixa a cabeça e desvia o olhar. — Sim, eu também posso, mas você parecia tão pacífico. E achei que depois de todo o trabalho que você teve ontem, você poderia dormir.

Termino o resto do meu café e coloco a xícara na ponta da cerca para que possa puxá-la em meus braços e beijá-la adequadamente, derramando toda a minha confusão e gratidão pelo que fez. Quando finalmente voltamos a respirar, seguro seu rosto entre as palmas das mãos e ela sorri para mim.

— Vi o que você fez. O vaso...

— Ah, sim, sinto muito, não parece muito bom. Fiz o meu melhor, mas...

— Mas nada. — A beijo novamente, suavemente, mal roçando meus lábios nos dela. — Obrigado. Você não tem ideia do quanto significa para mim que tenha feito isso.

Ou o quanto isso confundiu tudo.

Ela oferece um pequeno sorriso.

— É o mínimo que poderia fazer depois de bater na sua cabeça com ele.

Pressiono meus lábios nos dela novamente, em um beijo preguiçoso que sugere que temos todo o tempo do mundo, mas uma série de cacarejos frenéticos atrás de mim quebra o clima. Me afasto e viro para o galinheiro, olhando as galinhas com meu braço em volta do ombro de Brooke.

— As garotas estão sendo legais com você?

Brooke olha para as galinhas e dá de ombros.

— Ainda não entrei ali. Assim que tentei abrir o portão, as duas começaram a gritar, me atacar e a correr feito doidas.

Rio e balanço a cabeça, observando Joanne e Betty Sue correndo de um lado para o outro, inquietas.

— Não estou surpreso. Te disse que elas podem ser um pouco exigentes.

Ela olha para o curral das cabras.

— E as cabras? Devo tentar ordenhá-las?

Solto uma risada e as observo se moverem nervosas em torno do cercado.

— Só se você quiser levar um coice ou mordida.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Uau, seus animais são violentos.

— Não, eles simplesmente não te conhecem.

Eles eram da mesma forma comigo quando os ganhei, e levaria um tempo para se sentirem confortáveis o suficiente com ela para permitir que fizesse essas coisas.

E ela não vai ficar aqui tempo suficiente para isso.

Meu peito aperta com esse pensamento e, para evitar pensar mais sobre isso neste momento, me afasto dela e abro o galinheiro.

— Vou pegar os ovos para fazermos o café da manhã.

— Ok. — Brooke enfia as mãos nos bolsos da jaqueta e fica me observando enquanto cumprimento as meninas e vou até o galinheiro para

pegar os ovos, apesar dos protestos incomuns da parte delas.

A presença de Brooke realmente as deixou irritadas. Faz muito tempo que não as vejo assim.

Enxoto Joanne e pego os ovos, então me viro para Brooke e congelo. Os ovos caem de minhas mãos e se estilhaçam no chão duro com um estrondo repugnante.

Seus olhos se arregalam.

— O que foi de errado?

Jesus Cristo...

Todo o tempo que estive aqui, todas as manhãs saí e ordenhei as cabras, peguei ovos das galinhas, e nenhuma vez vi uma puma.

Agora, um está logo atrás da pilha de madeira que armazeno do outro lado do celeiro. Deve ter se esgueirado atrás de Brooke esta manhã sem que ela percebesse.

Pensei ter ouvido algo mais cedo e estou nervosa demais desde então...

Era a puma se movendo na escuridão, perseguindo sua presa.

— Não se mova. Há um puma do outro lado do celeiro.

Se não tivesse visto aquele breve vislumbre de seus olhos refletindo a luz da lâmpada, ela poderia ter lançado um ataque sem que percebêssemos.

Isso explica porque as galinhas e cabras estão tão nervosas. Animais enjaulados sempre parecem saber quando um predador está à espreita e não têm como fugir dele.

— O quê? — Brooke vira a cabeça para o lado para procurá-lo, seus olhos se arregalando ainda mais, seu corpo inteiro tremendo. — Onde?

— Atrás da pilha de madeira. Vire-se para encará-la e não se mexa.

— Ah, meu Deus... — O pânico faz sua voz vacilar. — Mas o que eu faço?

— Não se mova.

O felino dá um passo à frente, mantendo-se nas sombras do outro lado do celeiro, longe do círculo de luz que a lâmpada fornece. Ele está perseguindo Brooke como faria com qualquer outra presa, provavelmente

porque ela está entre ele e as presas mais fáceis, as galinhas e cabras.

Cautelosamente, dou um passo à frente, depois outro, mas o foco do animal parece estar em Brooke.

Droga.

Minha espingarda ainda está dentro da cabana, não há como escapar e pegá-la e voltar aqui sem desencadear um ataque daquela coisa.

Uma coisa que aprendi muito cedo morando aqui é que, ao encontrar um puma, você deve parecer maior e destemido. Enfrente-o, mantenha a calma, nunca dê as costas e nunca corra porque você perderá a corrida.

Preciso tirar esse filho da puta daqui.

Nossa única esperança é meu machado encostado na pilha de lenha, a apenas alguns metros da própria ameaça. Posso tentar alcançá-lo, mas significa me afastar de Brooke. Se o felino atacar, não poderei protegê-la, não poderei atrapalhar ou tentar combatê-lo.

É uma chance que tenho que aproveitar.

Caso contrário, somos apenas alvos fáceis.

Mantendo meus olhos fixos no que posso ver dele nas sombras — na verdade, pouco mais do que um leve contorno pálido de suas orelhas pontudas e olhos refletivos —, saio de dentro do cercado e avanço lentamente na escuridão da parede mais próxima a mim.

Apenas alguns metros me separam da pilha de lenha, do puma e da nossa salvação.

Por favor, Deus, faça isso dar certo. Se alguma coisa acontecer com Brooke...

Minha respiração fica presa no peito enquanto as possibilidades correm em minha mente. Pensei que o que aconteceu há dez anos matou qualquer vontade que eu ainda tinha dentro de mim para viver, mas se Brooke se machucar, sei que realmente será o fim.



Brooke

Minhas pernas tremem tanto que parece que vão ceder debaixo de

mim, como se eu pudesse cair no frio e duro chão de terra deste celeiro e nunca mais me levantar. É o que meu corpo quer fazer. Quer se render. Desistir. Mas travo meus joelhos e mantenho meus olhos focados bem à frente, em direção às sombras do outro lado do celeiro, onde o grande felino me persegue.

Conheço o medo. Já senti o pior de seu domínio, experimentei pensar que perderia minha vida para o pior tipo de animal que existe, e seu domínio familiar me agarra agora, ameaçando me derrubar de joelhos.

Apenas as palavras de Beau me mantêm de pé.

Encarar.

Não se mova.

Parada aqui, esperando para ser atacada, toda a minha vida passa diante dos meus olhos. Mamãe trabalhando em turnos duplos na lanchonete para colocar um teto sobre nossas cabeças. Ensino médio. Descobrindo meu amor pela fotografia. Me apaixonando.

Cada erro.

Cada triunfo.

Cada amigo.

Cada inimigo.

Cada maldita escolha que fiz me trouxe a este exato momento.

Posso morrer aqui, hoje, neste pequeno celeiro, nesta vasta propriedade no alto de uma montanha desolada, a quilômetros e quilômetros da civilização, mas não tenho certeza se posso me arrepender de qualquer coisa que me trouxe até aqui. Não quando tive os melhores dias da minha vida.

Por favor, que não seja meu último...

Um flash de movimento no canto do meu olho me faz virar a cabeça ligeiramente, Beau pressiona as costas contra a parede do outro lado do celeiro e começa a avançar em direção à pilha de madeira que adicionou ontem.

Deus...

As coisas pareciam tão simples até então, quando acordei ontem de

manhã. Sim, ainda eram muito complicadas, mas conseguimos deixar isso de lado por tempo suficiente para ter outra noite brilhante.

Agora... daria qualquer coisa para voltar, ficar na cama com ele esta manhã, ao invés de vir aqui. E pensar que estava realmente fazendo algo para ajudar. Tudo o que fiz foi colocar nossas vidas em perigo.

Não sirvo para este lugar. Não fui feita para este tipo de vida. É um sonho bom, uma fantasia à qual posso me apegar quando preciso fugir da angústia da realidade. Mas é só isso — uma fantasia. A vida e o mundo de Beau, não o meu.

Nunca poderia ser real.

Beau gesticula para que eu mantenha meus olhos no animal e volto meu olhar para onde o vi pela última vez, mas a escuridão daquele canto do celeiro torna impossível para mim dizer se ele se moveu.

Esses felinos são perseguidores e caçadores experientes. Não sei muito, mas sei disso. E, estava tão alheia ao perigo potencial esta manhã, que o deixei entrar atrás de mim.

É o único momento que ele poderia ter entrado aqui. Não há como Beau não ter visto ou ouvido se viesse atrás dele. Já estava aqui dentro, escondido atrás da madeira, quando Beau chegou, esperando uma oportunidade para atacar a mim ou aos animais dos quais Beau tanto depende.

Minha culpa. Tudo minha culpa.

Mais uma razão pela qual não pertenço aqui. Não apenas trouxe perigo para mim; trouxe para Beau e para os animais que ele tanto ama.

E há uma chance muito real de Beau se machucar com o que está tentando. O medo se sente como uma pedra no meu estômago, ficando mais pesado a cada passo que Beau dá.

Ele chega a cerca de um metro do machado, mas, um silvo baixo vindo da escuridão logo à esquerda da arma, o faz recuar um passo. Tento rastreá-lo em minha visão periférica sem tirar os olhos da puma, mas não tenho certeza do bem que isso fará, mesmo que eu veja isso vindo para mim.

Não tenho como pará-lo, nenhuma arma ou força inata que possa me ajudar a combatê-lo. O máximo que posso esperar é que seja uma morte

rápida, que o felino vá atrás da minha jugular e acabe rápido.

Beau avança e agarra o machado, seu movimento rápido provocando um rosnado de nosso adversário.

Ele sabe que ele está aqui agora, mas não sei o suficiente sobre felinos ou animais selvagens para saber se isso é bom ou ruim. Meu palpite é ruim, devido ao barulho que está fazendo. Ele sibila e rosna novamente, dando mais um passo em direção à parte iluminada do celeiro até que, finalmente, posso ver suas orelhas pontudas erguidas e seus dentes à mostra.

Ai meu Deus.

Beau se aproxima de mim lentamente, andando de lado, sem tirar os olhos da ameaça.

Olho para ele.

— O que você vai fazer?

Ele mantém seu foco no animal.

— Vou tentar tirá-lo daqui.

— E se você não conseguir?

Ele lança um olhar furtivo na minha direção.

— Então vou lidar com isso da maneira que for preciso.

Colocando-se entre mim e o felino, Beau salta para frente e gira o machado em um enorme arco no ar.

— Sai. Vai.

O felino sibila e recua um passo, mas não se move em direção à porta.

Beau golpeia novamente, girando a lâmina mais amplamente, fazendo parecer ainda maior. — Eu disse vá! Dê o fora daqui!

Ele maneja o machado com habilidade, girando-o alto e largo, mas tudo o que faz é irritar o animal. O puma ataca tão rápido que tudo que vejo é um borrão de pelo claro e Beau brandindo o machado.

Quase não acerta o gato, mas o faz recuar alguns passos. Com as patas erguidas, ele mostra os dentes e rosna de novo — chateado, mas sem vontade de desistir de uma possível refeição, sendo eu ou um dos pobres animais daqui.

Beau manobra a arma novamente, varrendo-a para cima e para baixo,

avancando sobre o animal rapidamente e sem hesitação, a lâmina quase errando todas as vezes. O puma corre para trás e, finalmente, dispara em direção à porta aberta do celeiro, fugindo para a pálida luz da manhã.

Minhas pernas cedem e caio de joelhos na terra. Beau corre em direção à porta e a tranca antes de correr de volta para mim e largar o machado no chão. Me puxa para seu colo, seus braços quentes me envolvendo, seu peito arfando, o coração disparado contra o meu.

Seus lábios pressionados na minha têmpora, ele me aperta com força.

— Você está bem?

— Ah, meu Deus... isso ia me matar.

Solta uma respiração profunda e olha ao redor do celeiro.

— Ele provavelmente sentiu o cheiro das galinhas e das cabras quando você abriu o celeiro e seguiu o cheiro. Você estava apenas entre ele e seu alvo original.

— Ele vai esperar lá fora por nós? — A imagem do felino nas sombras e atacando assim que sairmos por aquela porta, me faz estremecer.

— Não. — Beau me puxa ainda mais apertado e enterra o rosto contra o meu cabelo. — Agora o sol está nascendo. Eles não gostam muito de sair à luz do dia. Especialmente caçando.

— Você o acertou com o machado?

Ele balança a cabeça e avalia a arma.

— Não, com as pumas, tudo se resume a parecer grande e destemido. Deixando-os saber que você é o alfa e que este é o seu território.

Me afasto e olho para ele, meus olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

— Mas vai voltar?

Sua mandíbula endurece.

— Pode ser que agora saiba que há uma presa aqui, mas esta construção é segura. A única maneira de entrar é por aquela porta, e sempre a mantenho fechada, a menos que esteja aqui. Além do mais, sempre tenho uma arma, seja minha arma ou o machado, perto de mim.

Um soluço sai do meu peito e enterro meu rosto contra o peito forte

dele.

— Eu ia morrer. Eu ia morrer.

Flashes de uma memória não tão distante se misturam a esta nova. O terror é o mesmo. O adversário é tão diferente.

— Shh. — Beau fica de pé comigo embalada em seus braços. — Está tudo bem, estou com você.

Suas palavras mal são registradas por mim. O medo em meu peito aperta tanto que mal consigo respirar.

— Apenas respire, Brooke. — Ele pressiona um beijo na minha têmpora e me carrega em direção à porta, parando por apenas um momento antes de, lentamente, abri-la e olhar para fora.

O sol quente da manhã se ergue sobre as árvores a leste e se espalha pelo espaço branco e imaculado entre o celeiro e a cabana.

— É seguro. Aquele bicho provavelmente fugiu o mais rápido que seus pés permitiram.

— Não é seguro. Nunca será seguro. — Outro soluço sai de meus lábios, quebrando a quietude silenciosa da manhã. — Nunca vou estar segura.

— Estou com você, Brooke. Não vou deixar nada acontecer com você. Eu prometo.

Essa é uma promessa que sei que ele não pode cumprir.



Capítulo 17

Beau

A noite cai totalmente na montanha antes que Brooke, finalmente, pare de tremer. A escuridão lá fora nunca me assustou, nunca me deixou com medo de morar aqui sozinho, nunca me manteve acordado na cama, mas esta noite é diferente — tão diferente que mal a reconheço.

Ela esconde um perigo agora, um que sempre soube que estava à espreita, do qual tinha visto evidências, mas agora que o encarei, cara a cara, posso ouvir o assobio ameaçador e rosnar toda vez que fecho os olhos, tudo parece tão diferente.

Olhando pela janela do quarto para a escuridão absoluta que cerca a cabana, uma sensação de pavor se instala pesadamente em meu peito, estendo a mão e o esfrego, bem no local que uma das cicatrizes tem ocupado nos últimos dez anos.

Cada chocalho do vento soprando. Cada rangido que a cabana faz. Cada flash de movimento das sombras só piora as coisas.

Me viro para a cama onde Brooke está sentada contra a cabeceira me observando atentamente.

Embora ela finalmente tenha parado de tremer, seu pé ainda salta para cima e para baixo nervosamente.

— Vê alguma coisa?

Balanço a cabeça, passo as mãos pelo rosto e fecho os olhos cansados.

— Não, mas mesmo que volte, não pode entrar aqui e nós temos a arma.

São as mesmas palavras que passei o dia inteiro dizendo a ela, mas não parecem causar mais impacto agora do que nas outras vezes que as disse.

As garras do medo cravaram-se nela com tanta força que o terror não a deixa em paz. Isso não a deixa relaxar, apesar de eu tentar de tudo, desde chá quente a bebidas alcoólicas, um longo banho quente, apenas segurá-la e dizer que tudo ficará bem.

Isso é mais do que o confronto com o grande felino. Esse é o mesmo tipo de medo que ela teve com o pesadelo; um tipo de medo de esmagar a alma que nenhuma quantidade de pensamento racional pode eliminar.

Fico ao lado da cama e olho para ela, tão frágil e pequena, não a outra mulher que vi nos últimos dias que se defende e me repreende.

As palavras que ela disse flutuam na minha cabeça.

Não é seguro. Nunca será seguro. Nunca vou estar segura.

Brooke realmente acredita nisso. Embora eu tenha prometido a ela que nada pode nos atingir aqui, que nada vai tocá-la, ela ainda acredita nas palavras que pronunciou no auge de seu terror.

Puxa os joelhos contra o peito e descansa o queixo sobre eles, olhando para algum ponto desconhecido no edredom que, de repente, se tornou muito interessante.

— Brooke, olhe para mim.

É um pedido simples, mas ela não atende de imediato. Aperta os olhos por um momento, como se estivesse reunindo forças ou tentando impedir-se de desmoronar novamente, antes de virar a cabeça e descansar a bochecha no joelho de frente para mim.

— O quê?

— Não vou deixar nada acontecer com você. Você está segura aqui. Você acredita nisso?

Ela puxa o lábio entre os dentes e considera minhas palavras.

Lágrimas voltam a se formar em seus olhos.

— Por favor, não chore, Brooke. Acabou. Você está bem. Estou bem. As malditas cabras e galinhas estão bem.

Elas ainda estavam abaladas quando as verifiquei no final da manhã, mas vão ficar bem. Brooke, não tenho tanta certeza.

Um soluço borbulha em sua garganta e seu corpo retoma o tremor que só conseguimos controlar uma hora atrás.

— Eu sei. — Ela ergue a mão quase como se pedisse desculpas. — Eu sei que vou. Eu só... não consigo fazer isso parar.

— Fazer o que parar? — Deslizo para a cama ao lado dela, passo meu braço em volta de seu ombro e a puxo contra mim.

— O medo. O tremor. As lágrimas. Nada disso.

Pressiono minha palma contra sua bochecha e viro seu rosto para mim.

— Tudo bem ter medo, mas você não pode deixar isso te consumir. É minha culpa...

— O quê? — Ela balança a cabeça. — Não.

— É sim. Deveria ter preparado você melhor para estar aqui em cima, para o que você pode enfrentar. Para saber como se comportar se estivesse sozinha e algo acontecesse. Deveria ter avisado o que procurar, para estar sempre alerta. O erro foi meu, não seu. E agora, isso te deixou assim.

Exatamente por isso que ela não pertence a este lugar.

Este não é o lugar para uma mulher como Brooke. Não é lugar para ninguém, na verdade.

É muito rústico.

Muito cru.

Indomável demais.

Apenas jogar alguém nesta vida não é realista.

— Não, Beau. — Ela enxuga as lágrimas, inspira e expira profundamente, o que parece acalmá-la um pouco. — Não é sua culpa. Eu deveria ter ficado na cama com você. Deveria ter ficado aqui e deixado você me abraçar, deixado o mundo lá fora, todas as pessoas e os animais perigosos,

por conta própria.

Os cantos da minha boca se levantam.

— Sempre há o amanhã.

— Isso soa como um bom plano. — O menor dos sorrisos finalmente surge em seus lábios.

— Sim, parece um bom plano, e tenho um ainda melhor agora.

Suas sobrancelhas se arqueiam.

— Ah, é?

— Sim.

— O que é?

Me inclino e pressiono meus lábios nos dela, então me afasto e beijo sua bochecha úmida até sua orelha. Roçando meus lábios contra o lóbulo, inalo seu cheiro e penso no que estou morrendo de vontade de fazer há dias.

— Estava pensando em uma maneira de distraí-la. De tudo que atormenta sua mente.

Brooke se move contra mim ligeiramente, sua mão deslizando sobre meu ombro e subindo pela minha nuca.

— A distração é uma boa.

Seu coração bate contra o meu peito, puxo o lóbulo de sua orelha entre meus lábios e mordo suavemente. Ela geme e se sacode debaixo de mim, agarrando-se aos meus ombros enquanto me movo sobre ela e a pressiono contra o colchão, cobrindo-a com meu corpo.

Minha boca encontra a dela e ela sorri contra meus lábios.

— Gosto dessa ideia de distração.

— Ummm... eu também. — Me acomodo entre suas pernas, a camiseta que usa me dando acesso para empurrar meu pau endurecido até o ápice de suas coxas.

Ela se abaixa para me agarrar, mas pego seu pulso antes que sua mão chegue ao meu cós. A beijo novamente, deslizando minha língua em sua boca, provando um pouco do uísque que bebeu antes. Então, pressiono um beijo em sua palma e lentamente alcanço a bainha de sua camisa.

— Ainda não, Bela Adormecida.

Sua boca se abre como se quisesse me fazer uma pergunta ou se opor a interrompê-la, mas a silencio com outro beijo e tiro a camisa sobre sua cabeça, expondo sua pele pálida e impecável.

Beijo seu pescoço longo e elegante e sobre ambos os seios, parando para girar minha língua em torno de cada pico rígido. A atenção a faz se contorcer embaixo de mim, levantando os quadris, buscando algo que pretendo dar a ela, mas ainda não.

Cada movimento e redemoinho da minha língua sobre seus mamilos a deixa tensa sob mim e aperta suas coxas. Trabalho o caminho mais para baixo, saboreando o calor de sua pele e como ela responde ao meu toque.

No momento em que me acomodo entre suas pernas, com ela esparramada na cama, aberta para mim, ofegante e molhada. Arrasto meu dedo pela excitação brilhante cobrindo os lábios da boceta e ao redor de seu clitóris, ela empurra seus quadris para fora da cama.

Pressiono minha palma contra seu estômago e a deito de volta, então abaixo minha cabeça e lentamente arrasto minha língua por sua boceta para, finalmente, provar a coisa mais requintada que já experimentei em minha vida.



Brooke

Beau desliza sua língua pela minha boceta e ao redor do meu clitóris, enviando uma onda de prazer forte o suficiente para fazer minha visão borrar. Sua barba roçando na parte interna das minhas coxas, esfolando a pele sensível ali tão lindamente, cria a maior sensação de prazer e dor. Uma que sempre vou lembrar.

Enterro minhas mãos em seu cabelo grosso e escuro. Me agarro a ele enquanto me sonda com sua língua bem no fundo, tentando me devorar por inteiro.

Mesmo que tenhamos sido quase comidos por um animal selvagem, isso não é assim. Parece mais uma marca de Beau de alguma forma afirmando que minha boceta pertence a ele e somente a ele. É Beau querendo me beber

da mesma forma que fiz com ele na frente do fogo ontem à noite.

Desliza um dedo grosso dentro de mim, enrolando-o para encontrar aquele lugar mágico dentro de mim que sempre faz minha cabeça girar. Gemo e arrasto minhas unhas ao longo de seu couro cabeludo, ganhando um gemido satisfeito contra minha carne molhada enquanto ele bombeia o dedo dentro e fora de mim e chicoteia meu clitóris.

Se esta é a ideia de Beau de uma distração, então estou perfeitamente feliz em deixá-lo me distrair para sempre, ou pelo menos até que não possamos mais nos distrair, até que o mundo real encontre nosso pequeno local isolado e, finalmente, bata naquela porta e me diga que é hora de partir.

Me agarro a ele como se minha vida dependesse disso. Agora, tanto quanto no dia em que me encontrou ou nesta manhã. Beau é uma tábua de salvação, um lugar seguro para pousar. Onde posso encontrar a verdadeira felicidade e contentamento. Um tipo de cara em um milhão que, literalmente, se ajoelha para me adorar.

E ele me adora, e como.

Ele reza no altar da minha boceta, lambendo e chupando e me sondando em um ritmo constante que me faz enlouquecer rapidamente e envia meu orgasmo violentamente. Fico tensa com as sensações avassaladoras destruindo meu corpo, meus quadris se levantam, empurrando minha boceta contra seu rosto ainda mais forte. Longe de se intimidar, Beau me segura firme com uma mão enquanto usa a outra para continuar o meu orgasmo, nunca parando, nem mesmo por um instante, antes de começar a trabalhar, tentando me forçar a uma segunda liberação — uma que não tenho certeza se sou capaz.

— Ai, ai, Deus. É-é demais. Não posso. Eu...

Beau passa a ponta da língua em meu clitóris e meu corpo inteiro estremece. Joga a cabeça para trás e olha para mim com olhos de uísque encharcados de luxúria.

— Ainda não terminamos nossa diversão, Brooke. Estamos longe disso.

Ah, Deus.

E pensei que Beau era quem estava me protegendo. Quando, na verdade, pode ser ele quem acaba comigo.

Abaixa a cabeça novamente e começa a trabalhar me construindo mais uma vez até que suga meu clitóris entre seus lábios e chupa com força, me mandando para as estrelas novamente. Me debato sob ele, simultaneamente querendo mais e querendo afastá-lo para evitar a sensação avassaladora.

Quando finalmente começo a descer, ele se mexe na cama, empurrando a calça de moletom para baixo e liberando seu pau duro. Com os olhos fixos nos meus, ele se acomoda entre minhas pernas e entra em mim lentamente.

Não como na outra noite.

Não como ontem à noite.

Não é duro e rápido.

Não é animalesco e básico.

Não há duas pessoas fodendo a tensão e o estresse.

Isso é outra coisa. Algo muito pior para nós.

Ele puxa seus quadris para trás e lentamente mergulha em mim mais uma vez, capturando meu gemido com um beijo lânguido e segurando meu rosto na palma da mão, enquanto se apoia em seu outro braço.

— Você fica tão linda quando goza, Brooke. Poderia fazer isso o dia todo, todos os dias, e morrer feliz.

Ah, Deus.

Ele não pode dizer coisas assim para mim. Não pode me fazer considerar a possibilidade de que pode ser real, que há alguma chance de isso acontecer novamente no futuro.

Não pode.

Mas não consigo pronunciar as palavras, não consigo quebrar essa ilusão que construímos. Apenas um gemido estrangulado sai de meus lábios enquanto ele gira seus quadris e esfrega sua pélvis contra meu clitóris hipersensível e sobrecarregado.

— Porra... Beau, eu...

— Shh. — Me silencia com outro beijo e move seus quadris para

alterar o ângulo e mudar a fricção, me acertando de uma forma que faz minha cabeça cair para trás em um suspiro.

— Ai, Deus. Assim.

A cabeça de seu pau se arrasta exatamente no ponto certo para aquelas estrelas dançarem contra minhas pálpebras fechadas.

Meu corpo começa a se enrolar novamente, construindo algo para o qual não tenho certeza se estou pronta ou se algum dia sobreviverei.

Me agarro em seus ombros, minhas unhas cravando no músculo duro ali.

— Por favor, Beau. Por favor!

Ele roça seus lábios nos meus e me beija profundamente, pressionando seu corpo firme contra o meu enquanto continua a se mover em um ritmo crescente. — Diga-me. Diga-me o quê.

— Quero você...

São as mesmas palavras que disse a ele na outra noite, mas desta vez significam algo completamente diferente. Algo mais. Algo que sei que nunca poderei ter.

Uma lágrima sai do meu olho e escorre pela têmpora, ele aumenta o ritmo e começa a me levar mais perto do limite. Me penduro no precipício, lutando tanto para saltar sobre ele quanto para ficar aqui, sabendo que, de qualquer maneira, vou perder. De qualquer maneira, eu preciso.

Deixando cair seus lábios contra minha orelha, a respiração pesada e quente de Beau faz cócegas no cabelo contra meu pescoço.

— É isso, Brooke. Você está quase lá. Goze para mim novamente. Quero sentir você apertando meu pau e ouvir você dizer meu nome.

— Ai, meu Deus. Ai, meu Deus.

Ele gira os quadris e inclina o ângulo ligeiramente, arqueio meus quadris para cima para encontrar os dele.

É tudo o que preciso para, finalmente, desabar. Curvando-me contra ele, meu corpo estremecendo e tendo espasmos, luto para manter meus olhos abertos, para vê-lo encontrar sua liberação através dos meus. Ele cerra os dentes, os músculos do pescoço tensos, e mergulha em mim mais uma vez

antes de suspirar e afundar contra mim, pressionando o rosto no meu pescoço.

Deitamos juntos por um momento, cada um de nós tentando recuperar o fôlego. Beau lentamente se apoia em um cotovelo e fixa seu olhar em mim.

— Fica...

— O quê?

Meu cérebro embaçado pelo orgasmo deve estar ouvindo coisas e tendo dificuldade em processar as palavras.

— Fique, Brooke. — Ele balança a cabeça. — Merda. Sei que este é um momento terrível. Especialmente considerando o que aconteceu hoje. E há coisas sobre as quais obviamente precisamos conversar, coisas que precisamos resolver, mas...

Ele para e olha nos meus olhos, procurando por uma resposta que não tenho certeza se posso dar. Em vez disso, me inclino e pressiono meus lábios nos dele, a única resposta de que sou capaz no momento, porque não importa o quanto eu queira ficar, pode não depender de mim.



Capítulo 18

Beau

Um ruído pulsante quebra o silêncio do quarto, me acordando em um cômodo muito mais claro do que normalmente fica quando me levanto. Pisco rapidamente, inclinando a cabeça, tentando localizar o som de fora.

Suave no início, quanto mais ouço, mais alto fica, aproximando-se da cabana. Algo estranhamente familiar sobre isso faz cócegas no fundo da minha mente.

Leva um minuto para meu cérebro sonolento processar isso, Brooke se mexe na cama ao meu lado e se senta, apertando os olhos e olhando para a janela.

— Que barulho é esse?

Merda. Algo que conheço muito bem.

Minha coluna enrijece e rolo para longe dela, saindo da cama para me vestir rapidamente.

— Um helicóptero.

Suas sobrancelhas voam para cima.

— Um helicóptero? Para que estaria aqui em cima?

Concordo com a cabeça e me movo para a porta, ignorando a segunda metade de sua pergunta.

Existem apenas duas possibilidades — ou Nate, finalmente, se cansou de minhas recusas em ir falar com o conselho e decidiu subir ele mesmo para me arrastar de volta, chutando e gritando, ou o xerife Roberts pegou emprestado de Brewster para vir aqui porque as estradas ainda não são passáveis.

Como não há nenhuma emergência para trazer a aplicação da lei montanha acima, não consigo imaginar que ele ocuparia um recurso tão precioso, o que significa que é provável que Nate traga um problema que não preciso ou não quero.

Poderia tentar manter Brooke dentro de casa, longe dele, longe das perguntas inevitáveis que ele trará — as coisas que pretendo dizer a ela eventualmente —, mas ela é teimosa demais para fazer isso, para fazer o que eu mandar e ficar na cama. É melhor se eu tiver algum controle sobre a situação, se ela estiver comigo.

Entrando no corredor, a chamo por cima do ombro.

— Vista-se. Nós o encontraremos lá fora.

O barulho do helicóptero só fica mais alto com sua aproximação, deve estar quase diretamente sobre a casa, o som do meu antigo meio de transporte favorito fazendo meus ouvidos zumbirem.

Puxo minha jaqueta e botas, e Brooke sai do quarto com suas roupas, seus olhos lacrimejantes e sem foco. Ela torce as mãos à sua frente, movendo-se nervosa, olhando para as janelas na frente da cabana.

Fazendo uma pausa, volto-me para ela.

— Você está bem?

Ela me dá um aceno curto, embora pareça longe de estar bem.

Foram 24 horas traumáticas e emocionantes para ela, desde o ataque do puma até o que aconteceu entre nós ontem à noite, então, lançar outra surpresa na mistura, certamente a perturbará um pouco.

— Tenho certeza de que está tudo bem, Brooke.

É a única coisa que consigo pensar em dizer quando não tenho ideia de porquê Nate apareceu sem avisar. A situação com o conselho e o novo projeto de lei ambiental não deveria exigir uma visita pessoal e, mesmo que

requeresse e ele não pudesse me contatar, porque as torres de celular estão desligadas, ele sabe que deve ligar para o departamento do xerife para transmitir qualquer mensagem.

Pego a maçaneta e a abro, deixando entrar um som quase ensurdecedor depois de tanto tempo sem os ruídos típicos do mundo exterior permeando essas paredes.

— Coloque suas botas e casaco.

Protegendo meus olhos do sol da manhã, olho de soslaio para o helicóptero que desce para pousar na clareira à esquerda da cabana. Só que não é Nate. Não é um dos helicópteros da empresa, o que significa que deve ser o xerife.

O que diabos está acontecendo?

Brooke sai da cabana, fica ao meu lado e estremece — talvez por causa do frio no ar, agravado pelo vento levantado pelas pás giratórias, ou talvez pelo trauma persistente do que aconteceu ontem.

A porta do helicóptero se abre e o xerife Jim Roberts sai de dentro, seguido por um de seus ajudantes. Mais dois permanecem no helicóptero, observando-nos com olhos duros e acusadores.

Jim se abaixa e segura o chapéu, correndo o mais rápido que pode pela neve em nossa direção. Me oferece um sorriso tenso e para a poucos metros de mim, olhando para Brooke, assim como o policial ao lado dele.

— Não esperava vê-lo hoje, xerife.

— Oi, Beau. — Ele inclina a cabeça para mim em saudação. — Não esperava estar aqui hoje. As estradas ainda estão praticamente bloqueadas quando você sai da cidade. Só conseguimos chegar onde o veículo dela morreu, mas, dadas as circunstâncias, isso não podia esperar até que pudéssemos chegar até aqui.

— Que circunstâncias? — Levanto uma sobrancelha para ele, uma profunda sensação de mau presságio apertando meu peito. — Que diabos você está falando?

Ele olha para Brooke antes de se concentrar em mim novamente.

— Vamos apenas dizer que estou feliz em encontrá-lo inteiro.

— “Inteiro”? Estou um pouco perdido aqui.

O xerife comprime os lábios em uma linha fina e faz um gesto com a cabeça para que seu assistente se aproxime de Brooke.

— Você vai entender em um minuto.

O policial obediente puxa as mãos de Brooke para trás, enquanto Jim dá um passo bem na frente dela.

— Brookelynn Ann Neal, estou prendendo você pelo assassinato de Tommy Baker. Você tem o direito de permanecer em silêncio. Qualquer coisa que você disser pode e será usada contra você em um tribunal. Você tem direito a um advogado...

Prisão?

Assassinato?

Suas palavras finalmente são registradas, e balanço minha cabeça.

— Uau! Espere um minuto... assassinato? Que diabos você está falando?

O policial continua a algemar Brooke, apesar do meu protesto, apertando um lado e depois o outro em torno de seus pulsos.

Lágrimas rolam por suas bochechas até seus lábios trêmulos.

— Sinto muito, Beau. — Ela implora para mim com olhos verdes tristes, mas não protesta ou faz qualquer tentativa de interferir com o delegado. — Não é o que parece.

O xerife Roberts me lança um olhar de desculpas.

— Verifiquei as placas do veículo dela e descobri um B.O. para ele e um mandado de Seattle para ela. Aparentemente, atirou no namorado e fugiu imediatamente depois, vindo para cá para evitar ser capturada.

— Não. — Brooke balança a cabeça, um soluço escapando dela. — Beau, não foi isso que aconteceu. Eu...

— Para! — Levanto a mão para impedir que ela e o xerife continuem.

Uma dor aguda apunhala a base do meu crânio, eu a esfrego e aperto os olhos, tentando entender o que está acontecendo ao meu redor.

Assassinato.

Isso não pode estar acontecendo.

Não pode estar certo.

Forço meus olhos a se abrirem e me viro para Jim.

— Tem que haver algum engano. Conheço Brooke. Ela não faria algo assim.

Jim estreita os olhos para mim, o azul afiado como gelo.

— Ela está aqui há uma semana e você a conhece bem o suficiente para saber se ela cometeria um assassinato ou não? — Ele me lança um olhar incrédulo, mas quase simpático. — Sinto muito, Sr. Beaumont, mas acho que esta pode ser uma situação em que você precisa reavaliar suas crenças sobre o que acha que sabe sobre ela.

— Ah, meu Deus... — Os olhos de Brooke se arregalam com suas palavras, suas lágrimas continuam a cair. — Beaumont? Como os... Beaumonts? Beaumont Lumber?

Porra.

Nem percebi que ele usou meu nome completo. Brooke sendo presa por assassinato, aparentemente eliminou minha capacidade de compreender o que está acontecendo e sendo dito ao meu redor.

— Ah, merda. — O xerife Roberts levanta as mãos. — Sinto muito, Beau. Eu não queria...

Lanço um olhar para ele que se cala instantaneamente. Seu assistente me avalia com os olhos arregalados. É apenas uma questão de tempo até que essa informação se espalhe mais rápido do que a peste.

Manter as coisas em segredo e permanecer anônimo têm estado no topo da minha lista de prioridades desde que cheguei aqui e, agora, tudo foi para o inferno por causa de Brooke, que está mentindo para mim desde o momento em que chegou aqui.

Mesmo sobre o maldito nome dela.

Aponto para o delegado, esperando, pelo menos, que faça uma tentativa de impedir a propagação da informação.

— Guarde essa merda para si mesmo. — Então me viro para Brooke, que ainda me encara como se estivesse me vendo pela primeira vez. — Você tem escondido algumas informações muito importantes de mim.

Sua boca abre e fecha, como se estivesse procurando por qualquer forma de resposta que possa dar à minha declaração, qualquer forma de se defender. Lágrimas escorrem por suas bochechas novamente.

— Parece que nós dois temos alguns segredos, não é?



Brooke

Beau.

Luke Maldito Beaumont.

Deus, como sou burra!

A cabana parecia um pouco luxuosa demais para um local tão remoto. A bela cozinha. O caro sistema solar. A escrivaninha antiga e a coleção de livros. O maldito vaso que me disse que não tinha preço — o que provavelmente é verdade. Uma empresa familiar. Pessoas achando que ele não estava cumprindo suas obrigações com isso...

Ah, meu Deus.

As cicatrizes...

Isso explica tanto. Isso explica tudo. No entanto, deixa tantas malditas perguntas para as quais nunca obterei resposta agora. Os Beaumonts são os Kennedys da Costa Oeste. Construíram um império, enquanto a maior parte do país ainda estava em sua infância.

Por que ele veio para cá quando poderia ter ido a qualquer lugar do mundo?

Engulo meu choque e perguntas e encaro o homem que pensei que realmente conhecia, apesar de passarmos tão pouco tempo juntos.

— Muitas pessoas pensam que você está morto.

Sua mandíbula aperta sob sua barba e todo o seu corpo fica tenso quando ele olha para o policial atrás de mim.

— Eu sei. E gostaria de ficar assim.

O xerife levanta as mãos novamente e balança a cabeça.

— Sinto muito, Beau. Isso não vai acontecer de novo e, prometo que o delegado Neilsen vai manter a boca fechada também. — Olha para seu

assistente e inclina a cabeça para trás, em direção ao helicóptero. — Termine de ler os direitos dela e leve-a para que possamos sair daqui. Não quero desperdiçar mais combustível e precisamos devolver isso a Brewster o mais rápido possível.

A bile sobe pela minha garganta e tentar engoli-la só ameaça me fazer engasgar.

Não pode ser isso. Não pode terminar assim.

Ontem à noite, ele me pediu para ficar. Disse que precisava de mim. Disse que as coisas haviam mudado, que ver aquele puma quase me atacar o forçou a ver o que estava bem na frente dele, o que estava tentando negar.

Tudo isso apenas algumas horas atrás.

Mas, agora, Beau me observa com acusação e fúria em seu olhar, enquanto o policial puxa minhas mãos algemadas para me fazer andar.

— Beau, p-por favor, acredite em mim. Você tem que acreditar em mim.

Seus olhos duros escurecem para quase preto, ele dá um passo em minha direção, então se move para trás, balançando a cabeça.

— Nem sei quem você é. Como posso acreditar em alguma coisa?

Ele acha que é mentira. Acha que tudo isso foi um esquema grandioso e extravagante, que eu o estava usando e forjando tudo.

O policial me conduz pela neve, para longe da cabana e de Beau, na direção do helicóptero que está esperando. O que quer que esteja dizendo flutua com o vento, as palavras de Beau arrastam um lamento do fundo do meu peito — um grito angustiado que eu nem sabia que era capaz de soar quase desumano, como algo que um dos animais aqui faria. Mas é o único som que sai. A única coisa que pode abranger a agonia que dilacera minha alma agora.

Eles entenderam tudo errado.

Tudo errado.

E, agora, nunca vou conseguir explicar isso para Beau.

Nunca vou ter a chance de dizer a ele que é tudo mentira, que tudo o que eles dizem está tão errado. Nunca vou conseguir contar a ele tudo o que

tive medo de revelar, todas as verdades que amaldiçoaram meus sonhos até que dormi em seus braços. Todas as coisas que guardei perto do meu peito para protegê-lo.

Ele vai acreditar no pior e não há nada que eu possa fazer a respeito.

A cada passo que o policial me puxa em direção ao helicóptero que me espera, parece que estou sendo arrastada cada vez mais para longe de casa, de onde deveria estar.

O lugar que passei apenas uma semana, de alguma forma, se tornou o único lugar onde me senti bem.

O barulho da neve sob minhas botas, a mesma coisa que quase me matou poucos dias atrás, torna-se o verdadeiro som da morte. A morte de tudo que pensei que poderia ter com Beau. Morte a esse sonho que tive por algumas horas. A única coisa boa que já tive. Morta.

O vento das lâminas giratórias chicoteia ao meu redor, abafando os soluços que não consigo parar de vir. O policial sobe, me viro e observo o xerife dizer algo a Beau antes de nos seguir.

Ele me ajuda a subir no helicóptero e coloca um cinto de segurança em volta de mim, com as mãos algemadas desconfortavelmente atrás das costas.

É apenas o começo de toda a dor que vou suportar.

Olho pela porta ainda aberta para Beau do lado de fora da cabana, o lugar onde posso ter passado apenas sete dias, mas onde sinto que vivi uma vida inteira. O lugar onde encontrei uma maneira de me perdoar e me sentir segura novamente. Onde consegui esquecer o ocorrido por alguns instantes.

E, agora, tenho que deixar tudo para trás e lutar pela minha vida enquanto Beau permanece aqui pensando que sou uma assassina — e não há nada que eu possa fazer sobre isso.

Nós dois tínhamos segredos. Grandes. Mas ele estava errado quando disse que não me conhece. Ele conhece. E, apesar do que escondeu de mim, também o conheço.

Ele não vai me dar uma chance de explicar.

Não vai deixar a cabana para vir para Seattle.

Não vai se expor para saber a verdade.

Agora entendo o porquê.

Depois do que aconteceu com ele, com sua família, é claro que não quer interagir com o mundo fora de seu porto seguro na montanha.

E não posso culpá-lo por isso. Se eu estivesse em seu lugar, provavelmente, faria o mesmo. Depois de ver este lugar, também não gostaria de sair, sem saber o que fazer com as pessoas horríveis no mundo. Sobre quanto ódio, violência e apenas maldade permeia tudo e, até mesmo, pessoas que já foram boas.

Esta é a última vez que o verei. A certeza disso envolve minha garganta, ameaçando me estrangular.

Beau estende a mão e a passa na barba. O xerife dá um breve aceno para Beau, então fecha a porta, deixando-me tentar vê-lo pela janela.

Ele olha para o helicóptero estoicamente, observando-o erguer-se da neve, chutando-o como a tempestade que me trouxe até aqui enquanto subimos.

Aquela tempestade me salvou e me condenou ao mesmo tempo, e partimos por um céu azul brilhante para enfrentar meu destino.



Capítulo 19

Brooke

— Senhorita Neal, eu realmente preciso que você preste atenção e responda às minhas perguntas.

— O quê? — Balanço a cabeça e tento me concentrar no velho de terno mal ajustado sentado do outro lado da mesinha na pequena sala, onde os advogados se reúnem com os clientes na Cadeia do Condado de King.

Há quanto tempo ele está falando?

— Eu disse que preciso que você preste atenção e responda às minhas perguntas; caso contrário, esta reunião é inútil.

— Desculpe. Acho que estou um pouco distraída, por razões óbvias.

Ele suspira e coloca as mãos inchadas na mesa, sobre o bloco de notas em que quase não escreveu nada.

— Entendo que esta é uma situação muito estressante para você, senhorita Neal, mas se não tivermos uma linha de comunicação aberta, então não há muito o que eu possa fazer por você.

— Desculpe. Vou tentar me concentrar.

Tente afastar a lembrança daquele olhar no rosto de Beau enquanto voávamos no helicóptero.

Traição.

Dor.

Descrença.

Beau olhou para mim como se eu fosse uma pessoa completamente diferente. Como se fosse alguém que nem conhecesse. Quando, na verdade, na última semana, sinto que ele passou a me conhecer melhor do que ninguém.

Endireito meus ombros e ofereço meio sorriso para o homem na minha frente.

— Como você disse que era seu nome mesmo?

— Dick Buting. Seu defensor público. Representarei você na primeira audiência de amanhã. Agora, como estava dizendo, tudo o que estamos fazendo é entrar com uma alegação de inocência. Então, discutiremos a fiança.

— Posso sair sob fiança?

Ele ri e se senta.

— Não, a menos que você tenha milhões de dólares disponíveis que eu não esteja sabendo.

— Milhões?

Levanta uma sobancelha espessa para mim.

— Senhorita Neal, você foi acusada de assassinato em primeiro grau. Literalmente o crime mais grave que o estado de Washington tem, com as penas mais severas, e pelo que posso ver nesta queixa criminal, eles têm um caso muito sólido contra você. Isso não vai tornar o promotor ou o juiz diante de nós mais propensos a deixá-la ir por qualquer quantia de dinheiro que realmente torne isso possível.

— O que você quer dizer com eles têm muitas evidências? Não matei ninguém.

Seus olhos avermelhados baixam para seus papéis novamente, e ele vira uma pilha grampeada de volta para a primeira página.

— Esta parte aqui é o depoimento de um dos oficiais do caso. Eles têm que apresentá-lo como prova de que há causa provável para cobrar de você quando registrarem a reclamação.

— Ok?

O que diabos é uma causa provável?

— Bem, aqui diz que Tommy Baker foi encontrado morto em seu apartamento uma semana atrás, depois que sua irmã chegou e não conseguiu entrar, então, o superintendente usou suas chaves para entrar pela porta trancada. Também diz que ele dividia o apartamento com uma tal de Brookelynn Neal. Ambos os nomes estavam listados no contrato de aluguel e os vizinhos confirmaram que residiam lá juntos há vários anos. Também indica que suas impressões digitais estavam por toda parte, inclusive no sangue dele, indicando que você estava lá quando ou depois que ele foi baleado. Havia também pegadas femininas tamanho 34 no sangue. Suas impressões digitais também estavam na arma. Eles também têm um vídeo de vigilância das câmeras de segurança dentro do saguão do prédio, mostrando você saindo correndo de lá carregando uma pequena bolsa às dez da noite na mesma data, parecendo muito exausta. Também indica que o legista deu a hora da morte entre às oito horas da noite e meia noite da mesma data. — Seu olhar dispara para encontrar o meu. — Pode ver onde quero chegar com isso.

Respiro fundo e fecho os olhos.

Não quebre agora. Não quebre. Você tem que manter a calma.

Explique a ele.

— Você é meu advogado, certo? Qualquer coisa que eu contar, você não pode contar a mais ninguém?

— Certo.

— Fui eu quem atirou nele. Puxei o gatilho, mas não o matei. Foi legítima defesa.

Ele estreita seus velhos olhos azuis em mim.

— Senhorita Neal, pessoas que matam alguém em legítima defesa não fogem. Não dirigem para as montanhas e se escondem em cabanas remotas. Pessoas inocentes não fogem.

— Mas eu sou inocente. Eu juro, não o matei. — As lágrimas escorrem pelo meu rosto e caem sobre a mesa, respiro fundo. — Você tem que acreditar em mim.

— Não, eu não tenho, senhorita. Tenho que representá-la. Não

importa no que eu acredito. — Ele solta um suspiro pesado. — Odeio dizer isso, senhorita, mas este é um caso muito forte para a promotoria. Nenhum júri vai acreditar que foi legítima defesa quando você fugiu. Ponto.

Abro a boca para dizer mais alguma coisa, para tentar oferecer algum tipo de defesa e explicação para o que fiz, mas a porta da sala se abre e um homem alto de cabelos escuros em um terno imaculado entra.

— Brookelynn Neal?

— Uhm... — Limpo meu nariz nas costas da minha mão que não está algemada à mesa. — Sim. Sou Brookelynn Neal.

Ele me oferece um sorriso gentil que mostra uma dentição perfeita.

— Sou Allen Daws, seu advogado.

Dick se vira para ele e levanta uma sobrancelha.

— Eu sou o advogado dela.

O recém-chegado zomba dele e aponta para a porta.

— Não mais. A Defensoria Pública não é mais necessária. Fui contratado para representar a senhorita neste assunto.

Contratado?

Isso não faz sentido. Ninguém que eu conheça tem tanto dinheiro.

— Contratado por quem?

Allen olha para mim e volta a se concentrar em Dick sem responder à minha pergunta.

— Discutiremos isso mais tarde. Assim que seu ex-advogado sair da sala.

Dick enfia seu bloco de notas em sua pasta velha e surrada e se levanta com algum esforço concentrado.

— Se você quer enfrentar esse caso perdido, vá em frente, por todos os meios. — Pega a papelada da mesa, vai até Allen e a empurra contra o peito. — Uma cópia da denúncia, caso não a tenha.

Allen sorri para ele.

— Eu tenho, mas obrigado.

Meu ex-advogado me lança um último olhar irritado, então sai arrastando os pés pela porta no corredor, deixando-a bater de volta no lugar

atrás dele com uma finalidade que me faz estremecer.

Me mexo no assento duro enquanto Allen Daws lentamente se senta na cadeira que Dick acabou de desocupar e me oferece um sorriso muito mais gentil do que eu esperava.

— Brooke... posso te chamar de Brooke?

— Ah, claro...

— Não se preocupe. Eu vou ajudá-la. Mas primeiro, preciso que me diga exatamente o que aconteceu. Cada detalhe. Não deixe nada de fora.

— Não entendo. Não tenho nenhum dinheiro. Colleen contratou você?

Suas sobrancelhas escuras franzem.

— Fui contratado por alguém que quer garantir que você não seja fodida pelo sistema. E é isso que pretendo fazer. — Ele se recosta casualmente na cadeira e gira a caneta entre dois dedos. — Não me importo se você matou seu namorado. Não me importo com o motivo pelo qual você matou seu namorado. É meu trabalho garantir que você não caia nisso, de qualquer maneira.

Não é muito diferente do que Dick me disse, mas, por alguma razão, a maneira como Allen coloca alivia um pouco o aperto em meu peito.

Pega um bloco de anotações e o joga sobre a mesa.

— Agora, comece do começo...



Beau

Ando na frente da lareira, no tapete onde passei aquela noite maravilhosa com Brooke — indo e vindo —, provavelmente deixando um padrão de desgaste na pele e no chão ao redor depois de passar tanto tempo aqui nos últimos dois dias.

Desde que Jim chegou e levou Brooke, não consigo me concentrar em nada. Cada momento que passamos juntos — desde aquele começo terrível até a noite em que pedi a ela para ficar — se repete em minha cabeça em um loop constante. Me assombrando. Me torturando. Ameaçando me despedaçar tanto quanto a acusação contra ela.

Assassinato.

A palavra arde em minha cabeça, gravada em meu cérebro como uma marca. Tudo o que vejo quando fecho os olhos é ela e essa palavra. É uma que conheço bem, que tento evitar usar porque, se o fizer, geralmente significa que estou falando sobre a única coisa que tento esquecer, a única coisa da qual fugi.

Faço uma pausa em frente à lareira e olho para as chamas saltitantes. Elas se torcem e rodopiam juntas, lutando para consumir o oxigênio do ar, da mesma forma que tenho lutado para recuperar o fôlego desde que Brooke partiu.

Não importa quantos cenários diferentes eu invente, não consigo criar um que explique tudo isso.

Quero acreditar que ela não fez isso. Quero acreditar que não seria capaz. Mas, realmente, não sei nada sobre ela. Nem sabia o nome verdadeiro dela até que Jim disse.

Brookelynn Ann Neal. Não Brooke Beck.

Tantas coisas se encaixaram naquele instante. Porque não estava preparada quando veio aqui para a cabana de sua amiga. Porque nunca quis falar sobre seu passado. Porque estava tendo pesadelos.

Matar alguém faria isso.

Tudo isso porque ela estava fugindo. Porque tinha acabado de matar alguém e precisava sair da cidade rápido.

Ela pegou o básico, o que podia, e saiu sem olhar para trás. Iria se esconder na cabana pelo tempo que precisasse para descobrir seu próximo passo, que, provavelmente, seria tentar cruzar a fronteira para o Canadá, tentar se esconder.

Porque é isso que assassinos fazem.

Eles correm.

Se escondem.

Se isolam.

Esperando que ninguém jamais descubra suas verdadeiras identidades ou os faça pagar por seus crimes.

Eu sei disso muito bem.

Só que, em vez de encontrar a cabana da amiga, ela me encontrou e fodeu toda a minha vida.

Meu celular toca e praticamente me joga na mesa. O nome de Allen pisca na tela e coloco meu dedo no botão “aceitar”.

— Você a viu?

— *Olá para você também.*

— Fodam-se as gentilezas, Daws. Você viu Brooke?

— *Eu a vi e conheci o advogado inútil que eles designaram para ela. O cara a deixou toda agitada e chateada antes de eu chegar lá.*

Estremeço e fecho meus olhos, precisando perguntar, mas também temendo a resposta.

— Ela está bem?

— *Está sentada em uma cela acusada de assassinato. Como você acha que ela está?*

— Você pode tirá-la?

Ele ri baixo.

— *Beau, esta é uma acusação de assassinato em primeiro grau com alguns fatos muito agravantes que não jogam a favor dela.*

— Fatos agravantes como o quê? Está dizendo que foi ela?

— *Uau... — Ele faz uma pausa por um momento. — Ela realmente não te contou nada, contou?*

Pego minha bebida da mesa e bebo metade dela.

— Não, não contou.

— *Bem, não é meu papel entrar em detalhes com você sobre qualquer coisa que ela me disse em segredo.*

— Ah, foda-se, Allen. Nós nos conhecemos desde os quinze anos. Eu sei onde todos os seus esqueletos estão enterrados. O mínimo que você pode fazer é me contar sobre o dela.

Ele solta um suspiro pesado.

— *Beau, você sabe que não posso divulgar nada do que ela me disse. Mas eu vou te dizer o que está na denúncia. Nada disso é bom.*

Cada palavra da lista de evidências contra Brooke que ele recita me dá um aperto no estômago. Apartamento compartilhado. Impressões digitais no sangue. Vídeo dela correndo. Aperto meu copo com tanta força que meus dedos realmente doem.

— *Eles, provavelmente, vão pedir dois milhões.*

— Dois milhões?

— *Sim, bastante normal neste tipo de caso e nestes fatos. Eles têm que considerar a necessidade de proteger a população, o que significa uma fiança alta que acham que ela não pode arcar.*

— Eu pago. — A resposta sai antes mesmo de eu considerá-la. — Seja o que for, eu pago.

— *Beau, espere um minuto. Vamos pensar sobre isso por um segundo. Isso é muito dinheiro e você mal conhece a garota.*

— Não é nada. Uma gota na porra do balde. Não quero que ela fique na cadeia por mais tempo do que o necessário. Apenas me diga para onde enviar o dinheiro e farei isso.

— *Assim que ela tiver sua primeira audiência amanhã e a fiança estiver realmente definida, vou avisar você sobre quanto é. Minha esperança é que eu possa ter uma conversa com o promotor e, potencialmente, retirar essas acusações antes mesmo de termos que nos preocupar com qualquer tipo de julgamento.*

— Como diabos você vai fazer isso? Sei que você faz milagres, mas você mesmo disse que as coisas não parecem boas.

— *Não mesmo.* — Faz uma pausa por um momento, como se estivesse pensando em algo. — *Mas acho que temos um forte argumento de legítima defesa.*

Legítima defesa?

Brooke se afastou de mim quando levantei a voz. O pesadelo que ela teve foi ruim o suficiente para causar esse pânico. O comentário dela sobre ler sobre um bad boy em vez de experimentá-lo por conta própria. Dizendo que ela nunca estaria segura.

Tudo vem rapidamente de volta para mim.

Suspeitava que havia sofrido nas mãos de alguém que fez algo terrível com ela; simplesmente nunca percebi o quão ruim era ou a que isso levava.

— Aquele bastardo colocou a mão nela?

— *Não posso te contar nada do que ela me contou. Desculpe. Mas fique tranquilo, farei o possível para que essas acusações sejam retiradas. E, se eu não puder fazer isso rapidamente, faremos você pagar a fiança e tirá-la de lá. Mas eles provavelmente vão precisar que você vá ao tribunal.*

Meus ombros ficam tensos e o uísque queima em meu estômago.

— O quê? Por quê?

— *Porque é você quem está pagando a fiança. Eles precisam da sua assinatura, já que você concorda em garantir que ela cumpra os termos e condições, que são bastante padronizados. Não cometer mais crimes. Sem drogas ou álcool. Faça todas as suas aparições no tribunal. O juiz pode até mesmo ordenar que ela seja colocada em prisão domiciliar para proteção da população. Nesse caso, ela teria que ter uma tornozeleira eletrônica e ficar onde quer que esteja morando.*

— Será que ela ainda tem onde morar?

— *Este é um bom ponto. Ela mencionou uma amiga chamada Colleen. Se ela estiver na cidade e concordar que Brooke pode ficar lá, podemos usar a casa dela, mas o tribunal, provavelmente, preferiria que ela realmente ficasse com você, já que você é o fiador.*

— Merda. Allen, você sabe que não posso fazer isso. Você sabe que não posso ir lá.

— *Entendo que seria difícil dadas as circunstâncias, mas você terá que tomar uma decisão e logo.*

— Porra.

— *Vou mantê-lo atualizado caso fique sabendo de algo novo. Neste meio tempo, você pode querer começar a planejar seu voo para fora daí, se for fazer essa coisa de vínculo.*

— Obrigado. — Termino a ligação e tomo o resto da minha bebida, repetindo suas palavras, cada uma aumentando minha raiva e a tensão em meu corpo.

Se ele não conseguir que essas acusações sejam retiradas e a fiança for tão alta, Brooke pode ficar na prisão até que haja um julgamento e, então, não há garantia de que ela não irá para a prisão pelo resto de sua vida.

Durante a semana em que Brooke esteve aqui, sabia que não a veria novamente depois que partisse. Era um fato que ambos havíamos aceitado bem antes daquele helicóptero aparecer. Mas tudo mudou naquela noite. Quando a pedi para ficar. Quando percebi que precisava dela.

A ideia de saber que ela está apodrecendo em alguma cela de prisão, especialmente se o que Allen disse for verdade, é completamente inaceitável. Jogo meu copo no fogo. As chamas explodem com o combustível jogado sobre elas e o vidro se estilhaça na pedra, espalhando o vidro pelo chão.

Isso me coloca em uma situação impossível.

Uma que não posso ganhar.



Capítulo 20

Brooke

— Você entende as acusações que foram lidas aqui hoje, senhorita Neal?

— Ela entende, Meritíssimo.

Allen estende a mão e aperta minha perna, tentando me fazer voltar a me concentrar no que está acontecendo.

— Sim, Meritíssimo.

Estou realmente sentada aqui diante de um juiz sendo acusada de assassinato?

A situação toda é tão surreal, como se eu estivesse assistindo a vida de outra pessoa na televisão, não minha própria espiral fora de controle.

Como diabos isso aconteceu?

Por causa de Tommy.

Por minha causa.

Porque não fiz o que deveria ter feito há muito tempo.

— E agora sobre a questão da fiança... Senhor Reis?

O promotor faz um gesto em minha direção da mesa ao nosso lado.

— O Estado está pedindo uma fiança em dinheiro de três milhões de dólares com condições adicionais.

Três milhões?

Me viro para Allen, que apenas dá um tapinha na minha mão e deixa o promotor continuar.

— A senhorita Neal é acusada do assassinato brutal de seu namorado e, depois, fugir do condado em uma tentativa de evitar a captura. Portanto, já provou ser um risco de fuga e um perigo para a comunidade. Como condições para a fiança, se ela for liberada, o Estado exige monitoramento eletrônico e prisão domiciliar, exceto para reuniões com seu advogado ou consultas médicas.

— Senhor Daws? — O juiz acena para o meu advogado, que parece não ser afetado pelo pedido do estado.

— Meritíssimo, o pedido de fiança do Estado é absolutamente absurdo. A senhorita Neal não tem registro, nem mesmo uma única prisão ou uma multa de estacionamento. Eles só tinham suas impressões digitais para comparação por causa de um incidente quando ela estava no colégio e a loja em que trabalhava foi roubada. Eles pegaram todas as impressões digitais dos funcionários para exclusão. — Ele olha para o promotor. — Também não há evidências de que ela estava tentando fugir ou que pretendia permanecer fora do contato com as autoridades. Ficou, literalmente, presa na encosta de uma montanha por uma semana sem ter como voltar ou entrar em contato com ninguém. Ela tem cooperado comigo como advogado e tem um lugar onde pode residir aqui na cidade e um cossignatário disposto a garantir que ela cumpra as condições do vínculo. Solicitamos que uma quantia de 500 mil dólares seja razoável.

500 mil dólares é razoável?

Quase engasgo com minha própria respiração.

Ele não pode estar falando sério.

Embora seja muito menos do que os três milhões que a promotoria está pedindo, não tenho esse dinheiro. A essa altura, não tenho nem quinhentos dólares em meu nome. E Colleen deve ter gastado cada centavo que tinha para contratar Allen para me representar, então, não pode ajudar com o pagamento da fiança.

Vou passar o resto da minha vida na cadeia...

— Onde a senhorita Neal estaria residindo e quem seria o fiador de seu vínculo?

— Ela estará residindo na 7195 Fairhaven Avenue, que é a residência de sua amiga Colleen Reynolds, que está aqui no tribunal hoje, Meritíssimo.

Me viro em meu assento e vejo Colleen sentada em um dos bancos duros do tribunal. Me oferece um sorriso simpático e retribuo. Então, meu olhar se desvia para rostos menos amigáveis. O pai de Tommy e Jeanine me observam do outro lado do tribunal, com um sorriso de escárnio nos lábios, os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar.

Não chore por ele.

Tommy era um idiota com ela tanto quanto era comigo. Ela deixou isso muito claro ao longo dos anos ao me contar histórias sobre a infância deles. Pode ter sido seu irmão, mas também era seu atormentador.

Não entendo as lágrimas por ele. Talvez nunca consiga. Da mesma forma que não entendo a culpa que sinto por matá-lo.

Logicamente, sei o que tinha que fazer. Se não tivesse, ele teria me matado. Mas ainda está lá. Roendo e me atacando em meus sonhos todas as noites desde que estou neste lugar esquecido por Deus, longe de Beau e da segurança de seu abraço.

Vermelho. O sangue. É tudo que vejo em meus sonhos. Cobrindo tudo...

O juiz estuda um livro de bolso em sua mesa.

— A senhorita Reynolds estaria postando o título em dinheiro em seu nome também?

Allen pigarreia e olha ao redor da sala do tribunal enquanto eu concentro minha atenção no juiz.

— Não, Meritíssimo. Outro amigo estaria.

O quê?

O juiz ergue as sobrancelhas brancas.

— Essa pessoa também reside no condado e entende que aceitará a responsabilidade por quaisquer violações que a senhorita Neal cometa sobre o

acordo e que pode, potencialmente, perder o dinheiro caso isso aconteça?

— Estou ciente, Meritíssimo. — A voz de Beau no fundo do tribunal me deixa paralisada.

Viro-me lentamente para olhar por cima do ombro. Seus olhos escuros e duros encontram os meus, tão selvagens e inquietos quanto naquele dia em que tropecei na clareira e em sua vida.

O juiz examina Beau.

— E você é, senhor?

Beau dá vários passos à frente, olhando para as pessoas no tribunal que o observam com expectativa.

Em um terno claramente feito sob medida, mesmo com a barba, ele parece um empresário de sucesso. Foi-se o homem selvagem e desleixado por quem me apaixonei naquela montanha.

Ele engole em seco, um claro sinal de desconforto, provavelmente, só eu posso ver, fazendo sua mão se contorcer ao seu lado.

— Luke Beaumont, senhor.

Vários suspiros ecoam no tribunal e os olhos do juiz se arregalam. Uma onda de vozes falando animadamente ao mesmo tempo enche o ar, e ele bate o martelo.

— Silêncio no tribunal. Você disse Luke Beaumont?

Beau pigarreia e inclina a cabeça para o juiz.

— Sim, Meritíssimo.

— Bem, senhor Beaumont, esta pode ser a primeira vez que tenho um cossignatário de uma fiança que metade do mundo especula que está realmente morto.

Oferecendo ao juiz um sorriso tenso, Beau acena com a cabeça.

— Posso assegurar-lhe, Meritíssimo, que estou muito vivo e muito disposto a pagar a fiança em nome da senhorita Neal enquanto ela reside com sua amiga, Colleen.

O juiz se recosta na cadeira e coloca as mãos na frente da boca enquanto contempla a situação.

— Como ambos os conselheiros estão bem cientes, o objetivo da

fiança é garantir que o réu cumpra os termos e compareça ao tribunal. No entanto, também deve ser usado como um meio de proteger o público de quaisquer perigos potenciais que o acusado possa representar. Agora, embora a senhorita Neal tenha o benefício da presunção de inocência neste ponto, devo dizer que as evidências apresentadas na denúncia criminal são, certamente, preocupantes e demonstram um risco para o público em geral. Por causa disso, eu vou fazer isso... Vou colocar uma fiança de dois milhões de dólares em dinheiro na senhorita Neal para garantir seu comparecimento ao tribunal. Também vou ordenar que a prisão domiciliar seja monitorada por tornozeleira eletrônica para garantir a proteção do público. Permitirei que o senhor Beaumont pague uma fiança em dinheiro em seu nome. No entanto, — ele levanta a mão, — não vou permitir que viva com Colleen Reynolds. Senhor Beaumont, se vai assumir a responsabilidade de pagar a fiança dela, quero que ela more com você.

— Desculpe-me, Meritíssimo? — O tom incrédulo de Beau atravessa meu coração como uma estaca afiada.

Ele não quer nem me ver de novo, quem dirá que fique em seu espaço pessoal novamente.

— Meritíssimo, não moro mais na cidade. Seria uma inconveniência incrível para mim ter que permanecer aqui enquanto este caso está pendente.

O juiz encolhe os ombros.

— Então, a senhorita Neal permanecerá sob custódia. Sinto que esta é a única maneira de proteger adequadamente os membros da sociedade e garantir que ela cumpra os termos do vínculo.

Oh, meu Deus, eu nunca vou sair.

Todas as outras palavras trocadas entre o tribunal e os advogados se tornam uma confusão indistinguível até que Allen, finalmente, toca meu ombro para chamar minha atenção. Os guardas se aproximam e pegam meu braço para me conduzir para fora do tribunal.

Lanço um último olhar para os bancos para ver Colleen com uma lágrima escorrendo pelo rosto, me oferecendo um aceno, mas não há nenhum sinal de Beau.

O homem não poderia sair daqui rápido o suficiente.

Quem poderia culpá-lo?

É a primeira vez que mostra seu rosto em público em uma década, e acabou de saber que teria que voltar para Seattle e morar comigo se quisesse pagar minha fiança.

Essa é a última coisa que ele faria , o que significa que vou ficar sob custódia.

Talvez para sempre.



Beau

Meu joelho salta para cima e para baixo incontrolavelmente, bato meus dedos no volante em um ritmo que poderia me fazer dormir se eu não estivesse tão agitado. Mesmo que a noite tenha caído sobre Seattle e a escuridão ao redor da caminhonete seja pesada o suficiente para que ninguém possa ver, ainda me sinto exposto. O cabelo da minha nuca está arrepiado e não consigo parar de me mexer enquanto espero que a prisão liberte Brooke.

Era óbvio que eu ia assinar aquele acordo. De jeito nenhum a deixaria apodrecer em uma cela enquanto este caso continuasse, não se eu tivesse alguma maneira de evitá-lo. Só que agora, tudo o que tenho evitado, são todas as notificações no meu telefone me avisando de que meu nome está aparecendo em artigos da internet.

Sabia o que aconteceria no momento em que aparecesse naquele tribunal — ou, pelo menos, no momento em que dissesse meu nome —, como um despertador, os alertas da Internet começariam e meu telefone não pararia de tocar.

Nate vai me matar.

Depois de meses dizendo a ele que não voltaria para me reunir com o conselho sobre as questões ambientais, depois de anos me recusando a colocar os pés na sede da empresa, aqui estou eu entrando no tribunal e anunciando meu nome publicamente, me amarrando a uma acusada de um assassinato brutal.

Esfrego as mãos no rosto.

— Jesus Cristo, o que estou fazendo?

Parte de mim gostaria de poder ir embora. Apenas ir. Voltar para a montanha, minha cabana e esquecer que tudo isso aconteceu. Isso pouparia muita gente de muitos problemas. Exceto que eu não seria capaz de esquecer nada. Não quando aquela cabana me lembra Brooke e seu tempo lá, de nosso tempo juntos.

Seu perfume ainda perdura nos lençóis. O sofá parece vazio sem ela sentada ao meu lado. O lugar todo está meio frio, independente de quantas toras eu jogue no fogo.

Nunca seria capaz de ir embora e deixá-la sozinha assim. Nem mesmo quando o sentimento muito real de traição ainda corre pelo meu sangue.

Ela não me contou...

De alguma forma, isso parece muito pior do que eu não ter contado a ela quem realmente sou. Não estava escondendo nada, exceto meu nome de família. Ela estava escondendo um maldito crime e fugindo da lei.

Todas as horas que passamos juntos na cama, ela nunca confessou. Nem naquela última noite em que pedi para não ir embora. Ela ia ficar, com aquela mentira entre nós, sabendo que a polícia iria procurá-la.

Como vou perdoar isso?

Farei o que puder por ela, pagarei por Allen e darei a ela um lugar para ficar até que isso seja resolvido, então voltarei a viver minha vida do jeito que quero — sozinho.

Sem as complicações do mundo exterior. Sem as complicações de uma mulher. Sem emoções.

Como deveria ser.

A porta lateral da prisão se abre e Brooke sai vestindo as roupas que Allen trouxe para ela — calça de moletom macia e um Henley quase branco, grande o suficiente para se sentir confortável, exatamente o que sei que ela precisa depois de estar naquele lugar.

Ela olha para cima e para baixo na rua. Respiro fundo e saio da caminhonete. A porta batendo atrás de mim a faz pular e se virar para mim.

— Beau... eu não esperava que você...

— Pare. — Levanto uma mão. Este não é o momento ou o lugar para ter a conversa que precisamos. Já fiz exposições públicas suficientes hoje. — Entre.

Inclino minha cabeça para o lado do passageiro da caminhonete, ela abre a boca para dizer algo, mas se segura.

— Ok. — Sua resposta é suave, quase inaudível, quase como se estivesse com medo de falar comigo.

Talvez ela devesse estar.

Volto para o lado do motorista e entro enquanto ela se acomoda no banco do passageiro. Com um pouco mais de força do que o necessário, coloco o veículo em movimento e saio do meio-fio, provavelmente mais rápido do que deveria, considerando onde estamos.

Voamos pelas ruas, a velocidade do carro combinando com meu coração acelerado.

As luzes da rua passam zunindo por nós, tudo tão brilhante que dói meus olhos. Um dia aqui e as luzes e os sons são suficientes para me levar de volta à montanha novamente.

— Onde estamos indo? — Sua pergunta quebra o silêncio.

— Meu apartamento.

— Você tem um apartamento aqui?

Mantenho meus olhos para a frente, na estrada.

— É onde eu morava antes. Nunca o vendi. Apenas peço a alguém para limpá-lo uma vez por mês e mantê-lo arrumado. De vez em quando, chega um amigo de fora e usa.

— Ah... — Ela se recosta na cadeira e volta ao silêncio.

Eu a espio com o canto do olho para encontrá-la olhando para a cidade, observando-a passar enquanto fazemos nosso caminho em direção ao lugar que uma vez chamei de lar, o lugar que nunca pensei que pisaria novamente.

Entramos na garagem subterrânea, desligo o carro e saio sem dizer uma palavra a ela. Brooke faz o mesmo e me segue até o elevador. Digito

minha senha e aperto o botão da cobertura, sentindo seus olhos em mim o tempo todo.

Ela fica rígida no centro do elevador, olhando fixamente para o seu reflexo enquanto permaneço à sua esquerda fazendo o mesmo. Nossos olhos se encontram no aço polido antes que eu me force a desviar o olhar, me force a ignorar a tensão crescendo no pequeno espaço confinado.

Achei que tinha passado mal na cabana, mas isso... isso é pura tortura.

Chegamos ao último andar e o elevador apita quando as portas se abrem. Brooke espera que eu saia, então segue atrás de mim lentamente, até a vasta e moderna sala de estar com móveis baixos e lustrosos de metal, altas paredes e tetos brancos.

— Uau, este lugar é tão... — Ela para enquanto vou direto para o bar.

— Esterilizado?

— Ia dizer diferente da sua cabana.

De frente para o bar, de costas para Brooke, paro com a mão sobre a garrafa, refletindo sobre a última vez que estive aqui.

— É diferente, porque eu sou diferente. Não sou o mesmo homem de 28 anos que era quando morava aqui.

Vivendo a vida como queria. Tudo e qualquer coisa que eu queria ao meu alcance. Fazendo os movimentos como se isso nunca fosse mudar. Totalmente alheio ao que estava por vir.

Não por muito tempo.

Sirvo-me de um uísque — um bom e defumado Islay. Um dos favoritos do meu pai.

— Eu lhe ofereceria uma bebida, mas isso seria violar um termo de sua liberação. E se não importa para você, — me viro para encará-la e tomo um gole, — prefiro não perder dois milhões de dólares.

— Jesus... — Ela balança a cabeça e deixa cair o rosto nas mãos. — Sinto muito...

— Não vamos fazer isso. Eu não queria ouvir suas desculpas lá na montanha e não quero ouvi-las agora. Quero que você me diga a verdade. Quero que me conte tudo. Agora.



Capítulo 21

Beau

Brooke passa por mim e vai até as janelas do chão ao teto que oferecem uma visão ampla da água e envolve os braços em torno de si com força, da mesma forma que costumava fazer na cabana sempre que se sentia exposta e vulnerável.

Tenho que lutar contra o desejo de ir até lá e puxá-la em meus braços. Isso não adiantaria nada agora. Não quando estou tão nervoso, tão bravo com a situação. Não quando não tenho ideia de como me sinto sobre essa estranha parada neste lugar estranho que costumava ser meu.

Ela solta um suspiro pesado.

— Estive com Tommy por três anos. Não começou mal, mas acho que a maioria dos relacionamentos não começam. Então, ele começou a beber mais e até começou a usar algumas drogas para fins recreativos. Pelo menos, até que não fosse mais recreativo. Ele só meio que... — Balança a cabeça. — Não sei... se tornou uma pessoa diferente. Realmente não o culpo por isso. Não estava no controle de si mesmo. Mas quando ele perdia o controle, perdia a capacidade de pensar racionalmente e vinha até mim, me acusando de roubar dinheiro dele, porque ele usava drogas e não conseguia se lembrar.

Minha mão livre ao meu lado se fecha em um punho, aperto a outra ao

redor do vidro para me impedir de jogá-lo na parede. Achei que precisava ouvir a verdade, cada detalhe sujo e sangrento, mas agora não tenho tanta certeza.

— Ele costumava gritar comigo sobre como eu não trabalhava e o perseguiu, porque não achava que vender minhas fotografias e fazer casamentos, retratos e coisas assim, fosse um trabalho de verdade.

Ela faz uma pausa por um momento e engole em seco em meio às lágrimas, tomo um longo gole do meu uísque para lutar contra as minhas.

Realmente não quero ouvir isso. Não quero ouvir todos os detalhes sangrentos sobre o que ela sofreu, mas preciso. Se eu não souber tudo, tudo com o que estamos lidando, isso me colocará em tremenda desvantagem ao tentar ajudá-la a se defender no tribunal e onde quer que seja necessário.

Mais importante, preciso saber por que ela mentiu para mim.

Por quê?

Ela teve tantas oportunidades. Tantas vezes poderia ter pedido minha ajuda.

Pensou que eu não iria ajudá-la? Que eu a entregaria à polícia assim que descêssemos a montanha?

Brooke respira fundo e enxuga as lágrimas do rosto, ainda olhando pela janela.

— Ele começou a me bater há cerca de um ano. Na primeira vez, foi mais como um tapa, quase um tipo de aviso de que ele não estava feliz comigo e que eu precisava me cuidar. Então, eu fiz isso. Andei pisando em ovos com ele. Sempre tentando evitar uma discussão. Sempre procurando maneiras de tentar fazê-lo feliz. Porque se ele não estava feliz, estava com raiva. E eu não queria que ele ficasse com raiva.

Todas as vezes que perdi a calma com Brooke na cabana passaram pela minha cabeça como adagas apunhalando meu cérebro.

Não é à toa que ela estava com medo de mim.

Ela funga e limpa os olhos novamente.

— Ele me bateu feio algumas vezes. Fui parar no hospital.

Finalmente, consigo engolir outra gole da bebida através da rocha de

emoção alojada em minha garganta, enquanto tudo que vejo é vermelho.

— Por que a polícia não o prendeu?

Brooke se vira para mim, com os olhos úmidos e vermelhos.

— Porque menti sobre o que aconteceu. Inventei uma história. Pensei que eles não acreditariam em mim ou desistiria das acusações e tudo ficaria ainda pior. Tenho certeza de que alguns desses policiais sabiam que eu estava mentindo, mas não havia nada que pudessem fazer a respeito quando não cooperei.

— Quantas vezes? — Aperto minha mão no meu copo. — Quantas vezes aquele bastardo colocou você no hospital?

Ela dá de ombros quase indiferente, como se estivéssemos discutindo uma lista de compras e não o homem que a brutalizou. A mulher passou tanto tempo minimizando o que estava acontecendo com ela que, mesmo agora, não consegue ver a verdade nisso.

— Não sei, três ou quatro? A última vez foi demais. Não aguentava mais. Então fui embora. Fui para a casa de Colleen. Claro, ela sabia, ou pelo menos suspeitava, do que estava acontecendo, embora eu nunca admitisse isso para ela antes. Finalmente contei tudo e ela me disse que eu poderia ficar o tempo que quisesse. Só que Tommy sabia onde ela morava e eu sabia que seria apenas uma questão de tempo até que ele ficasse sóbrio o suficiente para vir me procurar, ou pior, ele viria me procurar quando estivesse chapado e fora de si.

Ela inala profundamente e fecha os olhos.

— Então, eu me mudei, dormi nos sofás de alguns amigos diferentes por um tempo. Consegui ficar longe dele por cerca de um mês. Economizei o suficiente para reservar um voo e tirar umas férias sozinha, para comemorar. Já tinha feito muitos trabalhos e, finalmente, estava pronta para alugar minha própria casa. Mas percebi que quase tudo que eu precisava ainda estava em nosso apartamento. Minha certidão de nascimento, meu cartão de seguro social; as coisas que não pensei em pegar quando saí. Estavam em um cofre onde ele também guardava sua arma e suas drogas.

Ah, inferno...

Já posso ver onde isso vai dar, a bile sobe pela minha garganta, queimando-a com mais força do que a bebida quando a bebi.

— Voltei lá quando ele deveria estar no trabalho, ele não deveria estar perto de casa. Deveria ser seguro. Mas... — Ela sufoca um soluço enquanto uma nova rodada de lágrimas cai, colocando a mão sobre a boca.

— Mas não era?

— Não. Não era. Ele voltou para casa enquanto eu estava com o cofre aberto, enquanto eu revisava tudo para ter certeza de que levaria tudo o que era meu. Ele perdeu o controle quando me viu e, imediatamente, me derrubou no chão. Disse que sempre soube que eu era uma ladra e agora tinha provas. Me chamou de prostituta mentirosa e disse que não ia me deixar escapar impune. — Ela envolve seus braços em torno de si mesma com mais força. — Ele me agarrou pelos cabelos e me arrastou do chão. Eu o chutei com força suficiente para fazê-lo me soltar e me esforcei para tentar me livrar dele e acabei voltando para a frente do cofre.

— Onde estava a arma...

Acena com a cabeça.

— Eu nem pensei. Apenas peguei e apontei para ele. Nem sabia se ele a mantinha carregada ou não. Mas ele a apontou para mim uma vez e ameaçou usá-la, então eu sabia que funcionava. Achei que seria o suficiente para detê-lo. Só que ele apenas riu e disse que eu não tinha coragem de fazer isso. Disse que ia me matar, porra, e, quando ele investiu contra mim de novo, eu atirei.

— Quantas vezes você o atingiu?

Os detalhes significam tudo neste caso. Ela não tem ideia de como eles realmente são importantes.

Brooke balança a cabeça.

— Não sei. Acho que duas. Talvez três vezes. Continuei atirando até que ele parou.

Ela fica na minha frente. Seu corpo vibrando, as lágrimas sufocando-a enquanto conta a história para mim. Eu havia antecipado a maior parte disso com base no que Allen me disse que ela tinha uma alegação de legítima

defesa, mas foi muito pior do que eu jamais poderia ter imaginado.

Um ano. Um maldito ano.

Enquanto eu estava na cabana, trancado longe do mundo, fingindo que ninguém e nada mais existiam, ela estava sofrendo nas mãos desse monstro. Estava com muito medo do que ele faria se ela o deixasse e, então, quando ela o fez, ele tentou matá-la, porra.

Engulo minha raiva para que eu possa tentar falar.

— Por que você fugiu? Com seus registros médicos e as evidências no local, você poderia ter dito à polícia que foi legítima defesa. Eles poderiam ter prendido você, mas se tivessem investigado, teriam visto isso.

Ela balança a cabeça e soluça.

— Não sei. Apenas entrei em pânico. Pensei em como ficaria ruim com o cofre aberto, como se ele tivesse me flagrado roubando-o ou algo assim. E o pai de Tommy é um policial aposentado. Mesmo que eles estivessem meio afastados e não se falassem muito, sei que o pai dele interviria e garantiria que eu fosse processada. Tudo o que conseguia pensar era ficar longe de tudo isso. Longe dele. Longe de Seattle.

Ela olha de volta para a água.

— Eu estava planejando ir para o aeroporto depois de pegar minhas coisas, para minhas pequenas férias. O voo era para ser naquela noite, mais tarde, mas foi cancelado devido ao clima. Então, me lembrei da cabana de Colleen e que sempre me disse que eu poderia usá-la quando quisesse. Ela me disse onde eles escondiam a chave para que eu pudesse entrar a qualquer momento. Quando me contou, pensou que eu usaria para uma viagem romântica com Tommy. Não tinha ideia quando mandei uma mensagem e disse a ela que estava indo para lá por uma semana, porque algo havia acontecido.

— Jesus, Brooke...



Brooke

Beau balança a cabeça, o maxilar cerrado, a mão livre apertada ao

lado do corpo, enquanto agarra o copo com a outra, com força suficiente para embranquecer os nós dos dedos.

— Sei que isso parece ruim.

Seus olhos se arregalam e sua boca se abre ligeiramente em descrença.

— É isto o que você pensa? Que estou chateado porque isso parece ruim.

— Bem, sim. Você acabou de entrar em um tribunal e deu uma fiança absurda para mim e eu posso ser condenada por assassinato. Isso não será bom para você ou para sua empresa.

— Não dou a mínima! — Seu tom áspero me faz recuar, embora metade da sala ainda nos separe.

Levanta a mão livre.

— Desculpe. Só estou... — Passa a mão pelo cabelo. — Não estou bravo porque isso parece ruim, Brooke. Estou com raiva por causa do que ele fez com você. Estou furioso que qualquer homem pense, possa pensar, que está tudo bem em fazer qualquer uma dessas coisas. Drogado ou não, isso nunca deveria ter acontecido. — Ele puxa uma respiração pesada, como se estivesse tentando encontrar seu controle novamente, mas falhando. — Estou chateado porque você se machucou.

— Eu deixei ele me machucar. Fiquei com ele e deixei que controlasse minha vida. Me controlasse. É tudo culpa minha. Eu...

— Pare. — Beau engole o resto de sua bebida e coloca o copo na mesa baixa atrás do sofá antes de vir até mim e parar a apenas trinta centímetros de distância, perto o suficiente para que seu cheiro familiar encha meus pulmões. Ele pode parecer diferente vestido assim, mas ainda é Beau, ainda é o mesmo homem que era naquela cabana. — Pare de se culpar. Nada disso é sua culpa.

— Eu deveria ter ido embora.

— Não. — Beau balança a cabeça. — Você não pode olhar para trás agora e dizer isso. É fácil em retrospecto, mas, no momento, fazemos coisas e dizemos coisas que não deveríamos. Às vezes, aceitamos coisas que não deveriam fazer parte de nossas vidas, porque queremos amor e

companheirismo e precisamos dessa conexão. Isso é apenas ser humano.

No fundo, sei que o que ele está dizendo é verdade, mas este é o homem que sofreu tremendamente e, depois, se tornou um recluso. Se isolou das pessoas, queria tudo, menos uma conexão.

— Você não fez isso.

Ele congela, seu corpo endurecendo.

— Não estamos falando de mim agora, Brooke. Estou tentando descobrir como te livrar dessas acusações. Tudo o que você disse deve ser fácil de provar com base nas evidências. Você já contou tudo isso para Allen?

Concordo com a cabeça, lembrando como foi horrível ter que contar tudo isso para um completo estranho enquanto estava sentada em um macacão laranja. Mal sabia eu o quão pior seria contar isso para Beau.

— Sim. Ele me pediu para contar tudo a ele. E eu o fiz.

— Bom. Ele tem recursos ilimitados à disposição. Já disse isso a ele. Um investigador particular... o que ele precisar. Vai juntar tudo e apresentar ao promotor, e vamos acabar com isso.

A esperança incha em meu peito, mas é rapidamente substituída pela dura realidade.

— Você não pode dizer isso. É um caso de assassinato. E como eu disse, o pai dele era policial. Eles ficam juntos. Garantem que as pessoas paguem quando seus entes queridos se machucam.

Beau fecha a distância entre nós e segura meu rosto entre suas grandes palmas. É a primeira vez que me toca em dias e, o calor reconfortante daqueles familiares calos ásperos, me faz ceder contra ele.

— Ele pode ter muitos amigos na polícia ou até na promotoria, mas não é nada comparado ao que eu tenho. Não subestime o significado do nome Beaumont por aqui, o poder que ele possui.

Encaro seus olhos cor de uísque, observando a turbulência rodopiar neles.

— Não entendo o porquê, Beau. Por que você estava lá em cima? Por que você está vivendo assim quando, — aceno com a mão, — literalmente tem bilhões?

Ele fica tenso novamente e, desta vez, com meu peito pressionado contra o dele, quase posso sentir sua agonia física irradiando para mim.

— Sabe o que aconteceu? — Ele diz as palavras com cuidado e devagar, como se fosse doloroso falar, mas sei exatamente a que ele está se referindo.

— Sim, quero dizer, acho que sim. Lembro que alguém atirou em você e em seus pais e eles foram mortos.

Beau fecha os olhos por um momento, como se estivesse revivendo aquele dia enquanto está aqui na minha frente e, quando os reabre, eles brilham com lágrimas não derramadas.

— Ele era um funcionário insatisfeito. Alguém que eu tinha irritado. Alguém que, provavelmente, nem teria pensado em fazer algo assim se eu não o tivesse provocado cortando suas horas e o salário por causa de algo estúpido. Meus pais acabaram sendo pegos no fogo cruzado. Eu era o alvo. Se eles não estivessem comigo naquela noite, se eu não os tivesse convidado para a sinfonia, se não tivessem ido comigo, ainda estariam vivos e eu seria o único enterrado.

— Você não pode pensar assim.

— Não posso? Como devo pensar, Brooke? O homem estava esperando por nós do lado de fora porque sabia que eu estaria lá. Eu sempre estava. Ele nos emboscou e descarregou um pente inteiro em nós. Meu pai morreu instantaneamente, o que foi uma bênção. Minha mãe...

Pressiono minha mão contra seu peito e sinto seu coração disparar por ter que reviver a memória.

— Ela não teve tanta sorte. De alguma forma, consegui rastejar até ela, apesar de ter levado três tiros. Eu a puxei em meus braços e a segurei pelo que pareceram horas antes de uma ambulância chegar, quando, na verdade, foram apenas alguns minutos. Mas era tarde demais. Ela também estava morta.

— Mas você sobreviveu.

Beau baixa seu olhar para encontrar o meu novamente, uma única lágrima escorrendo por sua bochecha.

— Gostaria de não ter sobrevivido.

— É por isso que você foi lá para cima? Então, você poderia simplesmente murchar e morrer, sufocando em sua própria culpa?

Ele cerra os dentes, apertando a mandíbula.

— Assim que cheguei ao hospital, eu sabia. Sabia que não queria continuar vivendo depois do que havia acontecido. Não poderia imaginar minha vida sem eles. Eu era muito próximo deles, principalmente da minha mãe e, quando me colocaram na cirurgia, rezei para não acordar.

Pressiono minha mão com mais força sobre seu coração, querendo tanto dizer a ele que estive lá e senti as mesmas coisas, mas não experimentei o tipo de perda que ele experimentou, não desse jeito. Não de uma forma tão violenta. Mas conheço a culpa e posso ver agora que ele está se afogando nela há anos.

Ele engole em seco e balança a cabeça.

— Mas, então, eu acordei. — Seus ombros sobem e descem casualmente, como se o fato de ter sobrevivido não significasse nada para ele. — E ordenei ao meu melhor amigo, Nate, que me tirasse daquela porra de hospital e se certificasse de que ninguém vazasse nenhuma das minhas informações médicas. Qualquer um que tenha me operado ou trabalhasse para o hospital foi obrigado a assinar um contrato de confidencialidade e foi ameaçado caso contasse a alguém, qualquer coisa, nós iríamos atrás deles, além de qualquer problema de privacidade. O advogado da empresa divulgou um comunicado que confirmou a morte de meus pais e deixou no ar o que aconteceu comigo, dizendo que meus ferimentos corriam risco de vida e eles não tinham certeza se eu sobreviveria.

Lágrimas ardem em meus olhos e, antes que eu possa contê-las, elas caem. Beau as observa com grande interesse e as afasta usando os polegares.

— Não era mentira. Mesmo depois que os médicos repararam o dano causado pelas balas, eu havia perdido a vontade de continuar. Queria morrer e, então, o homem que atirou em meus pais cometeu suicídio em sua cela. Nunca o vi pagar por seus crimes. Passei semanas me recuperando na casa de um amigo e percebi que Deus não responderia à minha oração. Ali mesmo,

jurei nunca mais voltar àquela vida de excessos, com tudo me sendo entregue em uma bandeja de prata. Não queria tudo que meus pais trabalharam tanto para me dar. Só queria ser deixado sozinho em minha miséria.

— Então, você foi para a cabana?

— Os Beaumont são donos daquela montanha inteira, Brooke. Temos registrado isso por gerações. Aquele prédio pelo qual você passou subindo a montanha é um dos nossos antigos locais. Fechei quando me mudei para lá, porque não queria que ninguém me visse e me reconhecesse. E, mesmo que eu não fosse forte o suficiente, mesmo que não houvesse como fazer isso, fui lá sozinho e construí aquele lugar com as próprias mãos. Fiz tudo do jeito que os ancestrais de meu pai faziam quando vieram para o oeste, com a ajuda de alguns homens da cidade que sabiam que não deviam fazer perguntas. Trabalhei por tudo o que tem lá em cima e tentei muito não me dar os luxos dos quais abusei tanto aqui e não dava valor.

— Exceto pela boa bebida...

O canto de seus lábios se contrai, apesar do peso do assunto.

— Me permiti algumas indulgências. Acontece que bebida é um deles. E eu tinha que me manter conectado com o mundo... pelo menos um pouco, porque, tecnicamente, sou o CEO da empresa, embora o conselho a administre. Em dez anos, esses membros do conselho são, basicamente, as únicas pessoas que têm a confirmação verdadeira de que ainda estou vivo. Além do xerife Roberts, que só descobriu porque suspeitou de mim lá em cima, quando eu estava construindo minha casa, e tive que contar a ele para que pudesse ficar de olho caso a mídia aparecesse.

— Então, é por isso que tem havido tanta especulação sobre se você está realmente morto ou não. As pessoas acham que a empresa continuaria fingindo se você tivesse morrido?

Ele balança a cabeça e olha para as janelas.

— Aparentemente. Eu sou o último Beaumont e, embora sejamos uma empresa de capital aberto, com um conselho de administração agora e várias pessoas que poderiam subir para o meu cargo, os preços das ações despencariam se minha morte fosse confirmada. Acho que é isso que deixa

todo mundo tão desconfiado. E, agora, temos uma nova lei ambiental tentando ser aprovada, que pode afetar alguns de nossos negócios. — Beau suspira e volta seu foco para mim. — Eles estão querendo que eu saia para resolver isso. Mas me recusei.

— Mas você veio atrás de mim. Você apareceu em tribunal aberto por mim.

Seu polegar caloso roça minha bochecha.

— Eu apareci, Brooke.

— O que isso significa?

— Não tenho a mínima ideia.

Ele pressiona seus lábios nos meus em um beijo cheio de uma centena de promessas que não pode fazer. Aquelas que não posso devolver. Mas ainda me permito me perder na possibilidade de Beau, na fantasia de que as coisas vão acabar bem e que um dia poderemos estar de volta àquela montanha.



Capítulo 22

Beau

Caos. Isso é o que significa voltar. Caos absoluto, completo, total e sem fim.

Entre a mídia acampada em frente ao prédio do condomínio e a maneira como eles se apegaram às acusações contra Brooke, tanto quanto à história sobre meu retorno milagroso dos, talvez, mortos, a última semana foi um turbilhão nauseante. E, acima de tudo, tive que lidar com Nate e com as exigências do conselho para que eu fosse à sede para resolver os problemas em andamento.

Olho para fora da janela e abaixo para as vans da mídia ocupando a rua até onde posso ver, o telefone pressionado no meu ouvido, esperando a resposta de Nate para mais uma recusa da minha parte.

— *Você precisa vir.*

Apertando minha mão em torno do telefone, cerro os dentes para não atacar Nate. Não é culpa dele que o conselho seja tão exigente.

— *Eles te deram uma folga antes porque você não tinha saído da maldita cabana em uma década. Mas, agora que você anunciou publicamente seu retorno, e fez isso para apoiar uma acusada de assassinato, não podemos mais dar essa desculpa. Querem vê-lo imediatamente. Marcaram uma*

reunião do conselho para amanhã de manhã.

— Não vou, Nate. Tenho outros assuntos para tratar no momento.

Ele ri baixo.

— *Como a Viúva Negra loira com quem você está dormindo?*

Se qualquer outra pessoa além de Nate tivesse dito isso, provavelmente teria merecido um soco no estômago e na cara, mas meus lábios se curvam em um quase sorriso, porque ele sabe que ela está longe disso.

Depois de tudo que contei a ele, depois de explicar o que aconteceu entre nós na cabana e desde que voltei para Seattle, ele realmente entende o quanto ela se tornou importante para mim.

— *Como ela está, afinal?*

Passo a mão pelo meu rosto recém-barbeado, a sensação da pele lisa e exposta é tão estranha que puxo a mão para trás.

— Acho que está tão bem quanto pode estar quando está presa aqui, apenas esperando que seu destino seja determinado.

A única coisa que remotamente a manteve sã, e a mim, foi cair nos braços um do outro à noite e passar nossos dias colocando em dia toda a televisão irracional que perdi ao longo dos anos.

— *O que Allen tem a dizer sobre suas negociações com o promotor?*

— Falei com ele esta manhã. Estava a caminho de uma reunião com o promotor para discutir o caso dela.

É o que estávamos esperando. Ele e sua equipe trabalharam sem parar por uma semana, conduzindo entrevistas, coletando suas próprias evidências, fazendo tudo o que podiam para construir um caso para ajudar Brooke.

— Allen disse que tinha muita confiança no potencial de que essa reunião resultaria em desistência. Realmente, entre os registros médicos dela, os depoimentos que nosso investigador particular obteve de testemunhas que viram seus ferimentos ou testemunharam suas discussões, que ele ficou violento com ela, Allen não acha que o promotor vai querer correr o risco de passar vergonha na frente de um júri, ou a mídia, processando uma mulher espancada, especialmente uma envolvida romanticamente com um Beaumont.

— *Isso é bom, não é?*

Olho por cima do meu ombro em direção às escadas para garantir que Brooke não esteja ao alcance da minha voz.

— Claro que é, mas também é muito difícil saber que essa informação provavelmente acabará se tornando pública. O promotor vai ter que justificar sua desistência e, com a atenção da mídia que isso já teve, ele vai querer usar isso para salvar sua pele e mostrar como o escritório do promotor distrital é compassivo com as verdadeiras vítimas de crimes.

Nate solta um suspiro.

— *Sim, posso ver isso. É melhor do que a alternativa inicial, no entanto.*

— Não tenho certeza se algum de nós sobreviveria a um julgamento.

— *Bem, não tenho tanta certeza de que você não sobreviverá como CEO se não comparecer a esta reunião amanhã, senhor.*

Quando Nate entra no modo “senhor” comigo, significa que ele não está mais falando comigo como um amigo, mas como um funcionário. Isso significa que está falando sério.

Rosno e bato meu punho contra o vidro.

— Você diz ao conselho que eles esperaram dez anos, então podem esperar mais alguns dias.

— *Você sabe que farei o meu melhor.*

— Você sempre faz.

Aquela culpa familiar se instala em meu peito e olho para a água — uma das poucas coisas que realmente senti falta neste lugar quando subi a montanha.

— Ei, Nate. O que aconteceu quando eu saí... só quero que você saiba que eu reconheço tudo o que fez por mim. O que você tentou fazer por mim. Me desculpe se eu não mostrei isso naquela época.

— *Eu entendi, Beau. Também os amava. Você sabe disso.*

— Eu sei.

O que tornou tudo muito mais difícil.

Ver a própria angústia de Nate pela morte de meus pais só me levou a

me culpar ainda mais e a querer uma maneira de escapar de tudo. Eles eram como segundos pais para ele e foram minhas ações que os mataram.

— *Você a ama?*

Merda.

É a pergunta que pesa muito em minha mente desde a primeira vez que ela me tocou na cabana, onde a resposta só se tornou mais complicada e distorcida com o passar do tempo, e mais difícil de responder.

— Me importo muito com ela.

— *Sério? Isso é tudo que você vai dizer?*

— O que isso deveria significar?

— *Te conheço há muito tempo, e passei anos tentando fazer você sair dessa maldita cabana. E você fez isso em dois dias por aquela mulher. Se você acha que não a ama, está enganando a si mesmo.*

Inferno...

Nate ri novamente e suspira.

— *Vou falar com o conselho para você amanhã. É melhor você rezar para que ainda tenha um emprego.*

— Minhas orações estão ligadas a outras coisas no momento.

E é a primeira vez que falo com o suposto homem grande lá em cima desde a morte dos meus pais. Depois que Ele não respondeu à minha oração para me livrar de toda a dor que eu sentia, desisti Dele tanto quanto de mim mesmo. Apenas outra coisa que mamãe e papai teriam ficado horrorizados ao saber como eu agi desde que eles se foram.

— *Me avise sobre o que aconteceu com o promotor.*

— Farei isso.

Termino a ligação e coloco o telefone de volta no bolso, depois me viro e encontro Brooke parada no final da escada, com as mãos se contorcendo nervosamente à frente.

— Era o Allen?

— Não. Nate.

— Ah...

Ela se aproxima de mim lentamente, quase cautelosamente, da mesma

forma que dançamos juntos há dias. O único lugar onde parece que não temos problemas de comunicação é o quarto, abraçados para que nenhum de nossos pesadelos volte enquanto compartilhamos o mesmo — que ela pode realmente ser condenada por isso.

Envolvo meus braços em torno de seus ombros e a puxo para mim. Ela enterra o rosto no meu peito e dou um beijo no topo de sua cabeça.

— A reunião deve terminar logo. Então, saberemos alguma coisa.

Afasta sua cabeça e olha para mim, lágrimas familiares se acumulando em seus olhos.

— E se for uma má notícia? E se o promotor não retirar as acusações?

Seguro sua bochecha e inclino seu rosto ainda mais para o meu.

— Então nós lutamos com tudo o que eu tenho. Temos os melhores especialistas da porra do mundo. Rastreamos todas as pessoas que conheceram Tommy desde seu nascimento para dizer que idiota violento ele era. Colocamos a melhor defesa que o dinheiro pode comprar. Tenho muito dinheiro, mas tudo isso significa nada se eu não tiver você.



Brooke

Olhando em seus olhos escuros, sei que a raiva em seu tom não é dirigida a mim. Naquela primeira noite aqui, quando contei tudo a ele, quando finalmente confessei e desnudei minha alma para ele, pensei que era. Achei que ele estava bravo por eu ter sido tão fraca e estúpida, mas agora percebo que é porque escondi a verdade dele, especialmente na última noite antes de virem atrás de mim.

Tive todas as oportunidades de confessar, de contar a ele o que estava acontecendo, de explicar porque estava subindo aquela montanha, de pedir sua ajuda e apoio, mas simplesmente não consegui. Toda vez que tentava, as palavras congelavam em meus lábios e, ao invés de ter aquela conversa horrível com ele, me perdia nele novamente.

Isso criou uma ferida, uma brecha entre nós que, às vezes, parece maior do que o Grand Canyon, uma que tenho medo de nunca fechar

totalmente. Mas pelo menos sei que ele não me culpa por isso. Acredita em mim completamente e fará qualquer coisa para me ajudar.

— Ninguém nunca fez algo assim por mim antes, Beau. Não sei como te agradecer.

Ele pressiona um beijo em meus lábios que é terno, macio e muito breve.

— Não pretendo viver minha vida sem você, Brooke. Podemos ter passado apenas uma semana juntos naquela cabana, mas aquela semana me mostrou algo extraordinário.

— E o que é?

— Que ainda posso amar alguém. Que correr o risco de me abrir e expor toda a minha dor para outra pessoa, colocando todas as minhas fraquezas sobre a mesa, só convida à oportunidade de me curar e encontrar algo melhor. Que não preciso mais me esconder em minha própria dor e chafurdar nela sozinho.

— O que você está dizendo, Beau? Você não quer voltar para a cabana?

Sua risada faz seu peito vibrar contra o meu.

— Claro que quero. Este lugar, — acena com a mão ao redor do apartamento, — é tão sem vida, tão diferente de mim. A cabana é o lugar ao qual eu pertença. Mas isso não significa que eu tenha que me isolar tanto do mundo. Não significa que tenha que cortar você da minha vida. Eu te amo, Brooke e, quando tudo isso acabar, quero que você volte comigo para aquela cabana que nunca teve vida antes de você chegar. Passei todo o meu tempo construindo um mundo onde não tivesse que lidar com nada nem ninguém, e pudesse resolver minhas frustrações derrubando árvore após árvore após árvore, onde um machado era meu melhor amigo e as únicas conversas que eu tinha eram com cabras e galinhas. Quão fodido é isso?

Rio um pouco, mas suas palavras, aquelas que ele tão casualmente jogou lá, fazem meu peito apertar.

— E você me ama?

Seus olhos estão quentes, ele abaixa a testa para a minha.

— Você realmente acha que eu teria vindo aqui e feito tudo isso se não a amasse?

— Não sei. Achei que talvez você se sentisse obrigado por algum motivo, depois do que dissemos naquela noite. Vi como você reagiu quando o xerife apareceu.

— Fiquei ferido naquele dia quando o xerife chegou. Magoado por você não ter me contado a verdade desde o começo. Eu poderia ter protegido você. Teria garantido que as coisas fossem feitas desde o início. E, isso, teria poupado a nós dois muita dor. — Ele se afasta e me beija suavemente. — Mas também entendo porque você fez isso. Você fugiu para aquelas montanhas pelo mesmo motivo que eu e, então, nos encontramos, quase como se fosse o destino.

— Você acredita em destino?

Ele dá de ombros ligeiramente.

— Não necessariamente, mas acredito no que temos. Se você também...

— Ah, Deus, Beau. Claro que acredito. — Minhas lágrimas caem agora para valer. — Você me salvou de mais do que apenas aquela maldita tempestade. Me mostrou uma bondade que eu não sabia que ainda existia no mundo; que eu havia esquecido depois de todos os anos que passei com Tommy. Você me entendeu de uma forma que ninguém mais entendeu. Quero voltar para a cabana com você. Não há outro lugar que eu prefira estar.

O toque estridente de seu telefone no bolso o afasta de mim — o som ameaçador quando esperamos por isso por tanto tempo.

— Eu deveria atender. Pode ser Allen.

Concordo com a cabeça e me afasto um pouco, mas ele envolve o braço em volta da minha cintura e me puxa para perto novamente, enquanto puxa o telefone do bolso e atende.

— Oi, Allen. Vou colocar você no viva-voz com Brooke.

Beau pressiona o botão do viva-voz e um som estático suave enche o apartamento. Prendo a respiração e espero que meu destino seja contado para mim.

— *Tive uma longa reunião com o promotor. Expus tudo o que nosso investigador particular encontrou; aqueles vídeos antigos do complexo de apartamentos que mostravam vários dos ataques mais antigos ou as consequências imediatas, as declarações dos vizinhos que ouviram discussões e violência, seus registros médicos e...*

Beau rosna.

— *Vá direto ao ponto, Allen.*

— *E o promotor concordou em descartar as acusações sem prejuízo. Ele não quer enfrentar uma defesa paga por um Beaumont, onde o pintaríamos como atacando a vítima de abuso ao prosseguir com as acusações.*

Puxo uma respiração arfante.

— *O-o que o que isso significa?*

— *Isso significa que você está livre, mas se eles obtiverem qualquer evidência adicional que apoie sua teoria original ou que contradiga qualquer coisa que sugerimos, ele ainda tem o direito de refazer as acusações. Não acho que isso vá acontecer porque não há nada lá fora para ele encontrar, certo?*

— *Não, claro que não. Realmente acabou, então?*

— *Realmente acabou.*

Beau dá um beijo na minha têmpora.

— *Obrigado, Allen.*

— *Você me deve uma.*

— *Te devo mais de uma.* — Beau termina a ligação, coloca o telefone de volta no bolso e arrasta meus lábios nos dele para um beijo quente e pesado, enquanto pressiona seu corpo duro contra o meu.

Seu pau endurece entre nós, e corro minhas mãos sobre suas bochechas recém barbeadas. Uma vez eu disse a ele que ele poderia ser capa da GQ e, na época, não fazia ideia de porque ele reagiu tão mal. Agora eu sei que é porque ele estava lá, nem mesmo seis meses antes de seus pais serem mortos e ele ser baleado. Não sei se o teria reconhecido, mesmo se estivesse segurando aquela capa na mão e olhando para o homem que morava naquela

cabana. São duas pessoas diferentes e, com seu rosto macio e suave assim, parece tão estranho, mas também o mesmo Beau.

Afastando-me, sorrio para ele e tento pensar em qualquer coisa que eu possa dizer para explicar como me sinto.

— Obrigada, Beau, por me salvar.

— De nada. Obrigado por me salvar.

Rio, então mordo meu lábio.

— A qualquer hora, mas ei, tenho um pedido.

Ele levanta uma sobrancelha escura para mim, seus lábios se curvando em um meio sorriso.

— O que é?

— Por favor, deixe a barba crescer.



Epílogo

Beau

O sol quente de verão bate em meus ombros expostos e o suor escorre por minhas costas e peito. Coloco a viga no meu ombro e a carrego do meu espaço de trabalho na frente do celeiro para a lateral da cabana, então abaixo até o chão com as outras.

Enxugando o suor da testa com a mão, examino a adição parcialmente concluída à cabana na qual venho trabalhando nas últimas semanas.

Está tomando forma. Não tão rápido quanto eu gostaria, ou tão rápido quanto eu poderia ter feito seis meses atrás, mas ter Brooke aqui comigo me dá uma distração da qual nunca vou reclamar.

Em vez de trabalhar até os ossos, até o ponto de exaustão e dor porque acreditava que precisava fazer isso, me aconchego com Brooke todas as noites e planejo um futuro que finalmente desejo.

— Ei, querido? — A voz de Brooke flutua no ar tranquilo do verão.

Me viro para a frente da cabana e limpo outra gota de suor escorrendo pela minha têmpora.

— Aqui atrás!

Ela aparece na ponta da cabana, a pele de alabastro brilhando sob o sol quente e o cabelo loiro fluindo ao seu redor como uma maldita auréola, a mão

na protuberância de sua barriga em expansão.

— Ah, aí está você. Preciso de sua ajuda.

— Com o quê?

Uma carranca familiar vira seus lábios, sua frustração com algumas das limitações de estar grávida e aumentando, tornando-se cada vez mais evidente a cada dia.

— Com tudo, ultimamente...

Rio e vou até ela, puxando-a em meus braços e pressionando um beijo em seus lábios, embora eu esteja todo suado e nojento por ter trabalhado aqui o dia todo.

Brooke se afasta e franze o nariz.

— Você fede.

— Você gosta disso.

Ela não pode conter o sorriso, se abaixa e bate na minha bunda, então, pega minha mão e me puxa em direção à porta da frente.

— Talvez, mas sério, preciso da sua ajuda... de novo.

— Com o quê?

Eu realmente esperava conseguir outra seção antes do pôr do sol esta noite, mas nunca fui capaz de negar nada a essa mulher, então, se ela precisar de mim, isso significa deixar o projeto de lado até que ela termine comigo.

— Vou te mostrar.

— Ok...

Algo está acontecendo.

Ela geralmente é muito mais direta do que isso e, desde que começou sua nova vida aqui comigo, definitivamente não tem medo de me dizer exatamente como é – mesmo quando é algo que não quero ouvir.

O que ela está fazendo?

Eu nunca sei esses dias.

Mas depois do choque de descobrir que Brooke estava grávida pouco depois de voltarmos para a cabana, não há muito que ela possa fazer que me surpreenda.

Ela me puxa pela porta da frente e em direção ao escritório, que agora

divido com ela. Examino a sala, procurando o que ela pode precisar de ajuda.

— Você precisa de um livro?

As prateleiras superiores são altas o suficiente para que ela não conseguisse alcançá-las antes mesmo de sua barriga começar a crescer, mas, agora que ela está com quase sete meses, há ainda mais que ela precisa da minha ajuda para pegar.

Brooke olha para as prateleiras, mas balança a cabeça e aponta para uma foto emoldurada na minha mesa, ao lado da minha com meus pais..

Congelo e ela aperta minha mão.

— O que é isso?

Sorrindo, ela puxa a mão da minha, pega a moldura e a vira para mim.

— É uma foto que quero pendurar no quarto do bebê.

Pego a foto dela, minha garganta apertando enquanto eu absorvo cada detalhe e tento encontrar minha voz.

— Quando você tirou isso?

Brooke morde o lábio inferior — um sinal claro de que está nervosa com alguma coisa — e levanta a mão.

— Não fique bravo.

— Será que alguma vez eu fico bravo?

Ela franze a testa para a minha piada.

— Não me faça responder a isso, Beau. Você não vai gostar.

Sorrio para ela e volto meu foco para a foto.

— Sério, quando você tirou isso?

— Naquela manhã que fomos até o lago, mas foi antes de você me pedir para não tirar fotos suas ou da cabana. Juro, meio que tinha esquecido que estava lá, mas quando chegamos aqui e resolvemos tudo, voltei à minha câmera e encontrei isso. E era simplesmente... bom demais para não enquadrar.

É estranho olhar para si mesmo em uma fotografia e, finalmente, ver como você realmente é. Não importa quanto tempo eu olhasse para o meu reflexo no espelho aqui em cima, nunca reconhecia o homem olhando para mim. Quando essa foto foi tirada, nem sabia quem ele era.

Mas, agora, apenas seis meses depois, sei exatamente quem é esse homem.

O homem sem camisa, empunhando um machado, com a neve ao seu redor e o sol projetando uma sombra em seu rosto — ele era um homem que vivia pela metade. Um homem que mal vivia.

E tudo isso mudou por causa dessa mulher. Porque ela tropeçou em meu mundo isolado e o abriu para tantas coisas, me abriu para tantas coisas.

Amor. Felicidade. Um futuro. Uma família.

Todas as coisas que pensei que nunca poderia ter.



Brooke

Beau olha para a foto por tanto tempo, suas mãos apertando a moldura com firmeza, que um pouquinho de medo começa a revirar meu estômago, pior do que o enjoo matinal.

— Beau, você está bravo?

Aprendi a lê-lo bem nos últimos seis meses, tornei-me boa em avaliar seu humor e saber do que ele precisa — seja um tempo sozinho no celeiro ou na floresta cortando uma árvore para se livrar de qualquer memória ou culpa, ou aborrecimento que o esteja incomodando, algum tempo de qualidade aconchegado no sofá com um bom livro ou um pouco de amor no quarto.

Mas com a cabeça inclinada para baixo, o rosto invisível, é impossível para mim dizer o que está pensando. Neste momento, me sinto como aquela garota que acordou na cama de Beau sem saber onde estava ou o que estava acontecendo.

Algo molhado cai no vidro da moldura, Beau enxuga com o polegar e levanta a cabeça para, finalmente, olhar para mim novamente. Outra lágrima escorre de seu olho.

— Claro que não, não estou bravo. Estou mais feliz do que nunca.

Um peso gigante sai de meus ombros e solto um forte suspiro de alívio.

Quando encontrei aquelas fotos enterradas atrás das centenas de outras

que tirei no lago naquele dia, havia me esquecido completamente delas. Minha primeira reação foi apagá-las, apagar a evidência de que não fiz o que Beau pediu, de que não obedeci à vontade dele. Mas, então, olhei para elas e vi como eram lindas. Como ele é lindo. Com que perfeição as fotos capturam o homem por quem me apaixonei na época e que amo ainda mais agora.

— Sêrio?

Um canto de seus lábios se curva para cima.

— Você, certamente, sabe como tirar uma boa foto.

Sorrio para ele e pisco as lágrimas começando a cair dos meus próprios olhos.

— Tive um modelo muito bonito que facilitou meu trabalho.

Ele ri e coloca a foto sobre a mesa para me puxar contra ele, minha barriga nos separando.

— Obrigado. — Beau pressiona um beijo em meus lábios. — Acho que seria o complemento perfeito para o quarto do bebê.

— Você acha?

Por alguma razão, pensei que ele iria brigar mais sobre isso.

Beau assente com a cabeça e afasta o cabelo do meu rosto.

— Acho.

— Então... vamos fazer um tema de lenhador?

Ele dá uma risada e assente novamente.

— Acho que seria apropriado. Meus pais adorariam.

— Tenho certeza que sim. Seguindo a tradição da família, né?

— Quer apostar quanto que Nate vai mandar um machado para ele em seu primeiro aniversário?

Levanto uma sobrancelha.

— Primeiro? Não, isso é definitivamente um presente de nascimento.

Nossas risadas combinadas enchem a pequena sala onde, uma vez, tivemos um confronto que me fez correr dele, e Beau coloca a mão na minha barriga para acariciá-la suavemente.

— Pode ser um pouco cedo para ele começar, mas vou fazer com que ele empunhe um machado em algum momento.

— Tenho certeza de que você vai.

Seu sorriso vacila ligeiramente.

— Você ainda está nervosa por ter um bebê aqui? Porque eu te disse, sempre podemos voltar para Seattle. Eu entenderia se você preferisse criar um filho lá a criá-lo aqui, com todos os perigos inerentes e...

— Pare. — Pressiono um dedo sobre seus lábios. — Sim, estou nervosa com isso. O clima, os ursos e as pumas...

Ele suspira, sem dúvida lembrando-se de nosso encontro tão vívido quanto eu.

— Mas esta é o meu lar, Beau. É aqui que você e eu pertencemos. E onde ele, — coloco minha mão em cima da de Beau na minha barriga, — pertence também.

— Tem certeza? Porque me pouparia muito trabalho se não tivesse que terminar o anexo.

Rindo, empurro seu ombro de brincadeira. Ele segura meu rosto entre as mãos e me beija profundamente, como sempre faz, despejando todas as suas emoções nele.

— Eu te amo, Brooke Beaumont.

— Eu te amo, Luke Beaumont.

Levanto minha mão e seguro contra sua barba.

— E muito obrigada por deixar isso crescer de novo. Essa coisa toda de cara de bebê simplesmente não estava funcionando para mim.

Ele sorri.

— Qualquer coisa para suas fantasias de lenhador, querida. Qualquer coisa!

Fim



Sobre a autora

Gwyn McNamee é advogada, escritora, esposa, e mãe (de um filho humano e dois peludinhos). Originalmente do Centro Oeste, Gwyn se mudou para a cidade do marido, Las Vegas, em 2015 e está aproveitando a trégua do frio e da neve. Gwyn vem escrevendo seus plots e ideias por anos e finalmente decidiu dividi-los com o mundo. Ela ama escrever histórias com uma pitada de suspense e ação, misturando com romance e cenas quentes.



Quando não está escrevendo ou vorazmente devorando qualquer livro em sua frente, Gwyn está ocupada aumentando sua coleção de tatuagens, jogando golfe e causando com seu perfeito mix de doçura e sarcasmo (geralmente de salto alto).

REDES SOCIAIS



www.instagram.com/gwynmcnamee

www.facebook.com/AuthorGwynMcNamee

www.twitter.com/GwynMcNamee

www.gwynmcnamee.com



GRUPO EDITORIAL

Five

<https://www.grupoeditorialfive.com>



<https://www.instagram.com/editorafive>



<https://twitter.com/EditoraFive>